This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

600081813R

600081813R

133

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DON PEDRO CALDERON DE LA BARCA

RAPIDO ESBOÇO

DA

SUA VIDA E ESCRIPTOS

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1881

DON PEDRO CALDERON DE LA BARCA

DON PEDRO CALDERON DE LA BARCA

RAPIDO ESBOÇO

DA

SUA VIDA E ESCRIPTOS

POR

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO
Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa

LISBOA
POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1881

210 n 341

A QUEM LER

Para determinar bem a poſição em que me colloco, os limites em que me encerro, e o comedido fim a que n'eſte eſcripto me proponho, renovo aqui a declaração que já fiz na imprenſa periodica.

«O meu humilde eſtudo ácerca de Don Pedro Calderon de la Barca, não aſpira á honra de commemorar o ſegundo centenario d'eſte illuſtre poeta dramatico, que os noſſos viſinhos, tão juſtificadamente, pretendem ſolemniſar no dia 25 do proximo mez de maio.

«A tanto não me atreveria eu, conhecendo a debilidade das minhas forças para tão peſado encargo, e maiormente ao conſiderar que talentos robuſtiſſimos de Heſpanha vão entrar no difficil, quanto glorioſo certame litterario.

«Infinitamente mais modeſto é o meu intento.—Aproveitando os apontamentos do eſtudo que fiz da litteratura heſpanhola (até ao fim do ſeculo XVII), reuni alguns elementos de informação, como preliminares para mais detida e cabal noticia dos titulos da gloria do grande vulto.

«Sim, foi o annuncio da projectada feſta o que me incitou a rever as minhas notas, mas ſómente no intuito de as vulgariſar, co-

mo preparatorio conveniente para que o commum dos portuguezes tiveſſe um tal ou qual conhecimento prévio do admiravel genio que vae ſer commemorado.

«Dentro d'eſtes limites me encerro, e ſó dentro d'elles pretendo ſer julgado.»

Poſto iſto, e arredando preambulos apparatoſos, que occupam grande eſpaço na eſcriptura, e ás vezes ſem o menor proveito para quem lê, vou deſde já entrar no aſſumpto, ſubordinando o meu breve trabalho ao ſeguinte plano:

Rapidas noticias biographicas; expoſição de encontrados juizos de dois criticos eſtrangeiros; a de alguns criticos heſpanhoes; excerptos das compoſições dramaticas, com o intuito de habilitar os leitores para, per ſi meſmos, poderem apreciar o verdadeiro valor de Calderon.

Liſboa, março de 1881.

I

...who, if he invented no new form of the drama, was yet ſo eminently a poet in the national temper, and had a ſucceſs ſo brilliant, that he muſt neceſſarily fill a large ſpace in all inquiries concerning the hiſtory of the Spaniſh theatre.

G. TICKNOR

(Se Pedro Calderon de la Barca, ſucceſſor e rival de Lope de Vega, não inventou novas fórmas para o drama, é certo que em grau eminente foi poeta, e poeta nacional, e tão liſongeiros e ruidoſos applauſos grangeou, que jámais deixará de occupar um vaſto eſpaço em todas as inveſtigações concernentes á hiſtoria do theatro heſpanhol.)

D. Pedro Calderon de la Barca, o admiravel dramaturgo que a Heſpanha tem a ufania de enumerar entre os ſeus filhos mais egregios, naſceu em Madrid no dia 17 de janeiro de 1600, e falleceu no dia 25 de maio de 1681 [1].

---

[1] No terreno em que me colloquei, tive por conveniente limitar-me ao mais eſſencial, e dar de mão a queſtões que um trabalho mais extenſo, e de ordem mais elevada, julgaria indiſpenſavel diſcutir; taes como, por exemplo: a data do dia verdadeiro do mez de janeiro de 1600 em que naſceu Calderon; indicações hiſtoricas ſobre o ſeu nome de familia, e minudencias genealogicas; explanação das phaſes da ſua vida militar, e da ſua vida eccleſiaſtica; deſenvolvimentos bibliographicos, diverſos, a reſpeito das ſuas compoſições; etc.

Aſſim, occupou elle quaſi todo o ſeculo XVII, acompanhando-o com o eſplendor da ſua fama nas lides do theatro.

Notavel coincidencia! Tambem na França occupou quaſi todo eſſe ſeculo um grande poeta dramatico, Corneille, que naſceu em 1606, e morreu em 1684.

Calderon, logrando a fortuna de pertencer a uma familia illuſtre, pôde receber uma educação aprimorada.

Na edade de nove annos entrou no collegio dos Jeſuitas de Madrid, e d'ali paſſou á Univerſidade de Salamanca, onde por eſpaço de cinco annos curſou a theologia, a philoſophia, o direito civil e canonico[1].

Contava apenas quatorze annos de edade quando compoz a primeira comedia intitulada—*El carro del cielo,* a qual foi repreſentada com grande acceitação e applauſo. Eſta comedia perdeu-ſe; mas é certo que ſeſſenta annos depois a julgava Calderon digna de figurar entre as ſuas obras, como conſta do catalogo que em 1680 remetteu ao almirante de Caſtella, o duque de Veraguas, ſeu grande e dedicado amigo.

Por eſpaço de dez annos ſeguiu a carreira das armas, fazendo as campanhas da Italia e de Flandres, ſem comtudo ſe eſquecer das muſas.

Em 1635 falleceu Lope de Vega. O theatro heſpanhol ficava ſem meſtre e ſem cabeça; mas a eſſe tempo já Calderon tinha nomeada, e em ſua peſſoa apreſentava um brilhante ſucceſſor do fallecido genio..

Em 1636 foi Calderon encarregado por Filippe IV de compor todas as comedias para os theatros reaes; e no de 1637 foi agraciado com o habito de Santiago.

---

[1] Diz um ſeu biographo, que dentro de poucos annos adquirira Calderon grande noticia da geographia, chronologia, hiſtoria politica e ſagrada.

Aſſim ſeria; mas o caſo é, como opportunamente veremos, que em algumas das ſuas comedias deu moſtras de não ſe recordar, ou de zombar da geographia, da chronologia, e da hiſtoria.

Não effriara a paixão de Calderon pela guerra. Quando rebentou mais vehemente a ſublevação da Catalunha, foi elle um dos primeiros cavalleiros das quatro ordens militares que ſe apreſentaram ao governo. Mas Filippe IV preferiu o talento dramatico do poeta aos ſerviços militares do guerreiro, e quiz que elle, em vez de ir pelejar, eſcreveſſe uma compoſição theatral: e de feito a eſcreveu, com o titulo de — *Certamen de amor y celos*. Deſempenhada, porém, que foi a terminante incumbencia commettida pelo ſoberano, voltou á vida militar, aliſtando-ſe nas tropas do commando immediato do conde-duque de Olivares, e havendo-ſe depois com o denodo e brios de nobre cavalleiro.

Só quando terminou a ſublevação, e foi firmada a paz, ſe conſagrou de todo á cultura das lettras.

Filippe IV, dando o mais ſubido apreço ao talento dramatico de Calderon, concedeu-lhe uma penſão de trinta ducados menſaes, e lhe confiou a direcção das feſtas que no palacio haviam de fazer-ſe por occaſião da entrada em Madrid da rainha D. Marianna d'Auſtria, que ſe realiſou em 1649.

Tinha Calderon 51 annos de edade, quando ſe reſolveu a entrar na vida eccleſiaſtica, para a qual fortemente o chamava o ardor das ſuas crenças religioſas. N'eſſa carreira o aguardavam mui valioſas recompenſas e vantagens, que lhe permittiram accumular uma fortuna conſideravel. Ainda aſſim, porém, não o deſviaram da compoſição de obras dramaticas, ou já profanas, ou já ſagradas, as liberalidades do ſoberano, os avultados premios, os groſſos proventos, que poderiam tornal-o menos laborioſo.

Filippe IV falleceu em 1665. Até então goſou Calderon do mais decidido favor na côrte; mas eſſe preſtigio ſoffreu diminuição deſde que ſubiu ao throno Henrique II, tão deſſemelhante de ſeu pae.

Por mais de trinta annos foi Calderon eleito pelo povo de Madrid, bem como pelas cathedraes de Toledo, Granada e Sevilha, para eſcrever os *Autos Sacramentales*, que era eſtylo repreſentar nas funcções de *Corpus Chriſti;* encargo que deſempenhava com a mais conſcienciosa dedicação, conſiderando aliás aquelles dramas,

antes como obras meritorias e ſantas do que meras compoſições litterarias.

Pareceria que depois de ſe ordenar, renunciaria á compoſição de comedias profanas; mas não ſuccedeu aſſim; eſcreveu ainda muitas d'aquelle genero.

Não poſſo reſiſtir á tentação de offerecer á curioſidade dos leitores, a muito intereſſante paſſagem de uma carta do hiſtoriador Solis, citada por Ticknor, e eſcripta pouco depois do fallecimento de Calderon:

«Ha muerto nueſtro amigo D. Pedro Calderon, y ha acabado como dicen que acaba el ciſne, cantando; porque, eſtando en graviſimo peligro, hizo cuanto pudo para concluir el ſegundo auto del «Dia del Corpus»; no pudo, ſin embargo, paſar de poco mas de la mitad, y le acabó lo mejor que ſupo D. Melchor de Leon.» (Cartas de Nicolas Antonio, y Antonio de Solis, publicadas por Mayans y Siſcar. Leon de Francia, 1733, 12.d, p. 75).

Eſte documento moſtra não ſó o preſtigio do nome do auctor de tantas compoſições dramaticas, ſenão tambem a ſingular vitalidade do genio do poeta.

Raro privilegio de Calderon! Não chegara ainda á edade de 14 annos, quando compoz a ſua primeira comedia, que mereceu applauſos; e eſtava preſtes a deixar a terrena morada, na edade de 81 annos, quando ainda o ſeu genio tinha aſſás de vigor para querer pôr o remate a outra compoſição ſua!

¿Como aſſignalarei eu a fecundidade do ſeu talento e amor do trabalho? Para maior ſegurança, invocarei o teſtemunho de um competente eſcriptor heſpanhol:

«Confirmenlo cerca de *cien Autos Sacramentales,* mas de *ciento e veinte comedias,* ſin deſcaecer en ninguna edad con ellas, pues empezó grande con la de *El Carro del Cielo,* de poco mas de treze

años; y acabó ſoberano con la de *Hado y Diviſa*, de ochenta y uno, coronando ſu madura edad *ducientas Loas Divinas y humanas; cien Saynetes varios;* el libro de la entrada de la auguſta reyna madre nueſtra ſeñora; un dilatado diſcurſo ſobre los quatro Noviſimos, en octavas; *un tratado defendiendo la nobleza de la pintura;* otro *en defenſa de la comedia; canciones, ſonetos, romances*, con otros metros á varios aſuntos, premiados en el primer lugar de certamenes y Academias, y en el juicio de todos los diſcretos corteſanos, fueron innumerables.»

Aſſim ſe exprime Don Juan de Vera Taſſis y Villaroel, editor e corrector das comedias de Calderon.

Eſſe meſmo eſcriptor reſumiu em um breve quadro a admiração pelo alto engenho de Calderon, e não menos pelas nobres qualidades que o adornavam. Parecer-vos-hão um tanto emphaticas as expreſſões do panegyriſta; mas teem o cunho de ſinceridade, proferidas depois que a morte do elogiado não permittia já o menor viſlumbre ſequer de adulação:

«Eſte fué el oraculo de la corte, el anſia de las extranjeras, el padre de la muſas, el lince de la erudicion, la luz de los teatros, la admiracion de los hombres, el que de peregrinas virtudes eſtuvo ornado ſiempre; pues ſu caſa era abrigo general de los deſvalidos, ſu condicion la mas prudente, ſu humildad la mas profunda, ſu modeſtia la mas elevada, ſu corteſia la mas atenta, ſu compañia la mas ſegura y provechoſa, ſu lengua la mas candida y honradora, ſu pluma la mas corteſana de ſu ſiglo, y que no hirió jamas con mordaces comentos la fama de ninguno, ni manchó con libelos à los maldicientes, ni ſu oído atendió à las detracciones malicioſas de la envidia; y eſte, enfin, fué el principe de los poetas caſtellanos, que ſuſcitó con ſu ſagrada poeſia á griegos e latinos; pués en lo heroico, fué culto y elevado; en lo moral, erudito e ſentencioſo; en lo lirico, agradable y elocuente; en lo ſacro, divino y conceptuoſo; en lo amoroſo, honeſto y reſpectivo; en lo jocoſo, ſalado y vivo; en lo comico

ſutil y proporcionado. Fué dulce y ſonoro en el verſo, ſublime y elegante en la elocucion, docto y ardiente en la fraſe, grave y fecundo en la ſentencia, templado y proprio en la traſlacion, agudo y primoroſo en la idea, animoſo y perſuaſivo en la inventiva, ſingular y eterno en la fama.

Te celebrant alii quanto decet ore, tuaſque
Ingenio laudes uberiore canunt.
OVID. LIB. 2 TRIST.

Eſte elogio impreſſiona-me, principalmente na parte em que apreſenta a caſa de Calderon como ſendo *o abrigo dos desvalidos;* vindo aſſim a ſer providencialmente juſtificada a conſideravel fortuna que chegou a accumular.

Cumpre-me agora dizer que eſſe elogio é o epilogo da biographia de Calderon, eſcripta por D. Juan de Vera Taſſis y Villaroel, em 1682, com o titulo de *Fama, eſcritos y vida de Calderon,* e ſe encontra na *Verdadera quinta parte de comedias de Calderon.*

Villaroel, no frontiſpicio da collecção da referida quinta parte das comedias de Calderon, apreſenta-ſe como — *Su mayor amigo,* e na collecção nona ſe qualifica de — *Fiſcal de las comedias d'eſtes reynos, por Su Mag.*

Tambem por eſta occaſião tomo nota dos titulos com que Villaroel qualifica o noſſo poeta, dando-nos conhecimento de certas circumſtancias eſſenciaes da peſſoa e empregos do meſmo poeta:

«Fama, vida y eſcritos de D. Pedro Calderon de la Barca Henao y Riaño, cavallero del Orden de Santiago, preſbytero, natural d'eſta coronada villa de Madrid, capellan de honor de ſu mageſtad, y de los ſeñores Reyes Nuevos de la Santa Igleſia de la ciudad de Toledo.»

Cada volume da collecção é adornado com o retrato de Calderon, na edade de 81 annos. Á imagem que ſe offerece á noſſa

viſta quadra perfeitamente o verſiculo do Eccleſiaſtes (VIII, I) que lhe foi applicado:

Sapientia hominis lucet in vultu ejus, et potentiſſimus faciem illius commutabit.

A par de uma phyſionomia inſinuante e veneranda, ſobreſae a revelação do talento *en ſu frente eſpacioſa,* na phraſe do ſeu panegyriſta Lara.

De paſſagem apontarei uma particularidade que o hiſtoriador da litteratura heſpanhola, Ticknor, nota n'eſte retrato. Diz elle, que a amplidão e a elegancia do arqueado das ſobrancelhas lhe traz á lembrança a feição, mais familiar a inglezes, dos retratos do ſeu grande poeta dramatico *(Shakſpeare* [1]).

Mas antes de citar apreciações de differentes criticos, de diverſas nacionalidades, quero fazer ouvir, por uns breves inſtantes, a altiſonante voz de Calderon.

Sabido é que o *Principe Conſtante* do inſigne dramaturgo repreſenta nada menos que o infante Santo D. Fernando de Portugal. Tanto baſta para que nos intereſſe grandemente o ſeu drama.

Deixemos ao poeta toda a liberdade da ficção, e attendamos agora unicamente ao plano que elle traçou, ſem ſujeição ás realidades hiſtoricas.

Segundo aquelle plano, vem o infante D. Henrique (o immortal promotor dos deſcobrimentos maritimos) dar cumprimento á ultima vontade do fallecido rei D. Duarte, qual é a de conſeguir a liberdade do infante D. Fernando á cuſta da reſtituição de Ceuta aos mouros.

Mal o infante D. Henrique tinha ainda expreſſado o objecto da ſua vinda, interrompe-o aſſim o Principe Conſtante:

---

[1] ... *While, in its ample and finely turned brow, we are reminded of that with which we are familiar in the portraits of our own great dramatic poet.*
(Hiſtory of Spaniſh Literature, by George Ticknor. II, 340.)

No profigas, cefa
Cefa, Enrique; por que fon
Indignas palabras efas,
No de un portugues infante,
De un maeftro que profefa
De Crifto la religion,
Pero aun de un hombre lo fueran
Vil, de un barbaro fin luz
De la fe de Crifto eterna.
Mi hermano, que eftá en el cielo,
Si en fu teftamento deja
Efa claufula, no es
Para que fe cumpla y lea,
Sino para moftrar folo
Que mi libertad defea.
Y efa fe bufque por otros
Medios y otras conveniencias,
Ó apacibles ó crueles;
Porque decir défe á Ceuta,
Es decir: Hafta efo haced
Prodigiofas diligencias.
Que un rey catolico y jufto
¿Cómo fuera, cómo fuera
Pofible entregar à un moro
Una ciudad que le cuefta
Su fangre, pués fué el primero
Que con fola fu rodela
Y una efpada enarboló
Las quinas en fus almenas?

(JORNADA 2.ª 24)

Não vos caufe eftranhefa efte modo de fentir do Principe Conftante. Explica-o perfeitamente o feguinte rapido dialogo:

Rei mouro: *Por qué no me das á Ceuta?*
Principe Conftante: *Por que és de Dios, y no es mia.*

No que toca, porém, á impreffão que faz no ouvido a belliffima paffagem que acabamos de regiftar, admirae comigo a verficação harmoniofa, a entoação elevada e fublime, o fonoro d'effa valente lingua caftelhana.

II

Pelo que deixamos eſcripto, claramente ſe vê que nos é ſympathico o vulto de Calderon.

E com effeito, anima-nos a mais decidida boa vontade de encaminhar os curioſos para a apreciação do valor real dramatico do grande poeta; apontando o que temos na conta de excellente, ſem comtudo occultar o que ſe nos afigura ſer menos acceitavel, e até o que julgarmos merecer cenſura.

Dois auctoriſados criticos, um da Allemanha, outro da França, opinaram, em ſentido oppoſto, ácerca do maior engenho dramatico do ſeculo XVII:

Devemos ouvir attentamente o que diſſe cada um d'elles.

D'eſſa memoravel diſcuſſão, ſe diſcuſſão podemos chamar-lhe, reſultará ficarem habilitados os leitores para encarar — ſob aſpectos diverſos, — o eximio dramaturgo. Ainda depois lhes apreſentaremos o conceito de criticos heſpanhoes, e alguns excerptos, que lhes permittirão apreciar — per ſi meſmos, — o grande luminar da ſcena heſpanhola.

Ouviremos agora Schlegel.

Los alemanes ſobre todo, ſe han entuſiaſmado por él, y no han contribuido poco á la fama que hoy goza en Europa.
GIL de ZARATE

Schlegel, o famoſo critico allemão, profundamente repaſſado do mais vivo enthuſiaſmo, da mais ardente admiração pelo genio de Calderon, engrandece e exalta as ſuas compoſições dramaticas, empregando termos do maior encarecimento, ſummamente liſongeiros, quanto — em verdade — eloquentes.

Sómente o interromperemos quando nos parecer neceſſario chamar a attenção do leitor para o que o critico vae dizer, ou para darmos alguma explicação indiſpenſavel, ou para apreſentarmos alguns exemplos:

«Appareceu, finalmente, Don Pedro Calderon de la Barca, genio não menos fecundo, eſcriptor não menos diligente e laborioſo do que Lope de Vega; mas poeta de outros quilates, poeta por excellencia, ſe jámais alguem mereceu eſte nome. Para elle, mas em grau muito ſuperior, ſe renovou o eſpanto da natureza, o enthuſiaſmo publico, a dominação do theatro. Os annos de Calderon marchavam a par do ſeculo XVII; tinha dezesseis quando morreu Cervantes, trinta e cinco quando morreu Lope de Vega, e ſobreviveu a eſte ultimo quaſi meio ſeculo. Calderon, como dizem os ſeus biographos, compoz mais de cento e vinte tragedias ou comedias, mais de cem *Autos Sacramentales,* cem entremezes ou ſaynetes, e muitas poeſias não dramaticas. Como elle trabalhou para o theatro deſde a edade de quatorze annos, convém diſtribuir as ſuas producções por um largo eſpaço de tempo: não eſcreveu com a velocidade eſpantoſa de Lope de Vega; teve mais tempo para meditar ſobre o plano dos ſeus dramas, — embora a pratica lhe déſſe grande facilidade na compoſição.»

Já não é pouco! Pois bem; preparae-vos para o *creſcendo* de expanſão encomiaſtica:

«N'aquelle numero quaſi infinito de obras, não ſe encontra coiſa alguma que elle abandonaſſe ao acaſo; tudo é trabalhado com a mais perfeita habilidade, em harmonia com principios ſeguros e logicos, e com deſignios profundamente artiſticos. Eis o que não poderia negar-ſe, ainda quando ſe conſideraſſe como uma — *maneira* — eſſe eſtylo puro e elevado do theatro romantico, e ſe encaraſſem como tranſviados eſſes vôos atrevidos da poeſia, que ſe alevantam até aos derradeiros confins da imaginação. Por toda a parte converteu Calderon na ſua propria ſubſtancia o que ſómente ſervira de fórma aos ſeus predeceſſores; que para o ſatiſfazer... eram-lhe neceſſarias as flores mais nobres e delicadas. D'aqui provém o repetir-ſe muitas vezes — nas expreſſões, nas imagens, nas comparações, no jogo das ſituações, com quanto foſſe aſſaz rico para tirar, não digo dos outros, mas de ſi proprio, a conveniente variedade. A perſpectiva theatral é aos ſeus olhos a primeira parte da arte; mas eſta viſta, apertada e eſtreita para os outros, é para elle poſitiva; nem conheço auctor algum dramatico, que ſoubeſſe como elle poetiſar o *effeito*, tornando-o ao meſmo tempo tão ethéreo.»

Venha agora a claſſificação das multímodas compoſições do poeta; venha tambem o applauſo do modo como o poeta encarou a hiſtoria, a mythologia e as lendas:

«Dividem-ſe em quatro claſſes os ſeus dramas, repreſentações de hiſtorias de ſantos, tiradas da Eſcriptura ou das lendas; peças hiſtoricas; peças mythologicas, ou derivadas de alguma invenção diverſa; e, finalmente, pinturas da vida ſocial nos coſtumes modernos. Rigoroſamente fallando, ſó ſe podem chamar hiſtoricas as peças fundadas na hiſtoria nacional. Por vezes penetra Calderon o ſentido das antiguidades heſpanholas; mas, por outra parte, era tão decidido, direi até, era tão caloroſo o ſeu ſentimento de nacionalidade, que não poderia ſer convertido em outra eſſencia. Quando muito, pôde identificar-ſe com os povos a quem dá vida um ſol ardente, com os povos do meio-dia ou do Oriente, — mas jámais com

os da antiguidade claſſica, nem com os do norte da Europa: de ſorte que na occaſião em que fez eſcolha de taes elementos, tratou-os de um modo inteiramente phantaſtico; a mythologia grega foi para elle uma fabula cheia de encantos,—e a hiſtoria romana uma hyperbole mageſtoſa.

«No entanto, as ſuas repreſentações ſagradas devem, até certo ponto, ſer conſideradas como hiſtoricas. Embora Calderon as reveſtiſſe de poeſia mais rica, é certo que exprimiu ſempre com grande fidelidade a maior parte dos caracteres da hiſtoria hebraica e das lendas. Por outro lado diſtinguem-ſe aquelles dramas das outras peças hiſtoricas, pelas elevadas allegorias que o poeta apreſenta em ſcena, e pelo enthuſiaſmo religioſo com que, nas repreſentações deſtinadas a feſtejar o Santiſſimo Sacramento, faz brilhar o Univerſo, pintando-o com chammas de purpura e de amor. Foi n'eſte ultimo genero de compoſição, que os ſeus contemporaneos o admiraram mais; e era com effeito a eſſe meſmo genero que elle dava maior importancia.»

Paſſa agora Schlegel a pintar a natureza da poeſia romantica de Calderon,—e, arrebatado de enthuſiaſmo, traça um quadro ſummamente expreſſivo e brilhante:

«Calderon fez as campanhas de Flandres e da Italia, e ſujeitou-ſe aos deveres militares da ordem de Santiago, na qualidade de cavalleiro, até entrar no eſtado eccleſiaſtico; e d'eſt'arte patenteou elle o quanto a religião o dominava em toda a ſua exiſtencia.

«Se é verdade que o ſentimento religioſo, a lealdade, a coragem, a honra e o amor, ſão as baſes da poeſia romantica, não pode haver duvida de que, ſob taes auſpicios, naſceu ella na Heſpanha—ali ſe alevantou, ali ergueu o vôo mais arrebatado. A imaginação dos heſpanhoes era audaz, do meſmo modo que o eſpirito de empreſas que os agitava; nem uma ſó aventura eſpiritual lhes parecia demaſiadamente arriſcada. Já d'antes, o goſto do povo pelo ſobre-

natural (ainda o mais incrivel) ſe tinha manifeſtado nas novellas de cavallaria. O que aprazia ao povo n'eſſas novellas, agradava-lhe tambem no theatro; e como n'aquella época os poetas heſpanhoes, elevados ao ponto mais culminante da cultura das artes e do aperfeiçoamento ſocial, ao tratarem taes aſſumptos, lhes communicavam uma alma muſical, e os purificavam de tudo o que tinham de corporeo e groſſeiro... reſultou de tudo iſto um encanto irreſiſtivel, que ſe revelou até no contraſte entre a fórma e a eſſencia. Os eſpectadores criam vêr no theatro a reapparição da grandeza de uma nação, que aliás havia decaído depois de ter ameaçado avaſſallar o mundo; e aſſim o criam, quando viam derramar em uma poeſia ſempre nova toda a harmonia dos metros mais variados, toda a elegancia de um jogo eſſencialmente eſpiritual, toda a magnificencia de imagens e comparações que ſó a ſua lingua pode permittir. Os theſouros das zonas mais remotas, em pontos de poeſia, eram importados, bem como os theſouros reaes, para ſatiſfação da mãe patria; podendo dizer-ſe que no *imperio d'eſſa poeſia*, do meſmo modo que *no imperio de Carlos Quinto*, não ſe punha jámais o ſol.»

Era neceſſario que a imaginação de Schlegel eſtiveſſe grandemente exaltada, para que lhe acudiſſe um *ſimile* tão remontado!

Mas... não o interrompamos por mais tempo:

«Ainda nos dramas de Calderon, que repreſentam os coſtumes modernos e deſcem ao tom da vida commum, nos ſentimos como que preſos a um encanto phantaſtico; não ſendo poſſivel conſideral-os como comedias no ſentido ordinario da palavra. As comedias de Shakeſpeare ſão ſempre compoſtas de duas partes, eſtranhas uma á outra,—a parte comica, ſempre conforme com os coſtumes inglezes, pois que a imitação comica deve referir-ſe ás coiſas locaes e bem conhecidas,—e a parte romantica, ſempre importada de algum theatro meridional, viſto não ſer ſufficientemente poetico o ſolo natal. Na Heſpanha, pelo contrario, os coſtumes nacionaes podem ſer encarados debaixo de um ponto de viſta ideal.

É verdade que não ſeria iſto poſſivel, ſe Calderon nos tiveſſe introduzido no interior da vida domeſtica, onde a neceſſidade e o habito reduzem tudo a limites eſtreitos e vulgares. As ſuas comedias acabam, como as dos antigos, por caſamentos; mas, quanto não é differente tudo o que precede aquelle deſenlace! Além, para ſatiſfazer paixões ſenſuaes e deſignios egoiſticos, empregam-ſe pela maior parte meios immoraes; os homens, com todas as forças do ſeu eſpirito, ſão apenas entes phyſicos, oppoſtos uns aos outros, que procuram aproveitar-ſe das ſuas fraquezas para ſe prejudicarem. Aqui domina, antes de tudo, um ſentimento ardente e apaixonado, que ennobrece tudo, por iſſo que enlaça todas as circumſtancias com uma affeição da alma. Calderon apreſenta-nos, é verdade, os principaes perſonagens de ambos os ſexos no primeiro fervor da mocidade, e embebidos na diligencia eſperançoſa de alcançarem todos os gozos da vida; mas o premio a que aſpiram, e pelo qual luctam, não pode, aos ſeus olhos, trocar-ſe por nenhum outro bem. A honra, o amor, o ciume, ſão as paixões dominantes, e o jogo d'eſſas paixões, nobre e ouſado, não ſe complica de ſorte alguma com deſhoneſtidades, nem com enganos artificioſos: a honra é ſempre um ſyſtema ideal, fundado em uma moral elevada, que ſantifica o principio, ſem permittir que ſe penſe nas conſequencias.»

O atilado critico previu os reparos que á ſua doutrina podiam fazer-ſe. A honra tambem é influenciada pela opinião, e até pelos preconceitos de cada povo; e por outro lado, não excluiu Calderon o elemento da diſſimulação, que aliás é ſempre condemnavel.

A ſua reſpoſta é ſobremaneira engenhoſa:

«É certo que a honra, applicada ás opiniões da ſociedade e aos preconceitos, pode converter-ſe em arma de vaidade; mas, ainda com eſſes diſſarces, apreſenta o phantaſma de uma idéa elevada. Não poderia eu encontrar uma imagem mais perfeita da delicadeſa com que Calderon repreſenta o ſentimento da honra, do

que a tradição fabulofa relativa ao arminho, o qual, como dizem, dá tamanha importancia á alvura da fua pelle, que, para não a manchar, fe entrega efpontaneamente á morte quando o perfeguem os caçadores. Efte fentimento da honra não é menos poderofo nas mulheres de Calderon; domina o amor, e efte... encontra um logar ao lado, mas não acima d'aquelle. Em prefença dos fentimentos que o poeta exprime, confifte a honra das mulheres em não poderem amar fenão um homem fem mancha, e em não tolerarem homenagem alguma equivoca, que podeffe offender a mais fevera dignidade feminina. Um tal amor demanda um fegredo inviolavel, até que a união legal permitta uma declaração publica; e affim, parece o amor um voto fecreto, uma religião occulta. É verdade que, n'efta doutrina, para dar fatiffação ás exigencias do amor, fão permittidos o amor e a diffimulação, que aliás a honra prohibe em tudo; mas as mais delicadas contemplações fão guardadas na colifão do amor com outros deveres, e entre outros, com os da amifade. O poder do ciume, fempre excitado, fempre terrivel na fua explofão, não fe refere, como entre os povos do Oriente, á poffe do objecto amado, mas fim até ás mais leves preferencias do coração, á fua mais imperceptivel manifeftação; ennobrece o coração, pois que efte fentimento cae muito abaixo de fi proprio, fe não é completamente exclufivo. Muitas vezes, o enredo que eftas diverfas paixões formaram não produz refultado algum, e então a catafrophe é verdadeiramente comica; outras vezes toma um geito tragico, e então a honra torna-fe um deftino inimigo, que não é poffivel fatiffazer fem a facrificar, fem cair no crime.

«É efte o efpirito mais elevado dos dramas que os eftrangeiros chamam peças de intriga, mas que os hefpanhoes, pelo traje em que fão repreſentadas, chamam comedias *de capa e efpada*. Ordinariamente não teem de burlefco fenão o papel jocofo do criado, ao qual fe dá o nome de *graciofo*, e o encargo de parodiar os motivos poeticos porque feu amo fe dirige,—encargo, que por vezes defempenha do modo mais elegante e atilado. É raro fer o *graciofo* empregado como inftrumento de complicação artificiofa do en-

redo; eſte, pela maior parte, é devido a acontecimentos fortuitos, ſe bem que de uma invenção admiravel. Outras peças ſão chamadas *comedias de figuron;* os papeis ſão os meſmos: mas diſtingue-ſe n'ellas uma figura proeminente, repreſentada em caricatura.

«Não ſe pode recuſar o nome de *comedias de caracter* a muitas peças de Calderon, ſuppoſto que não ſeja dado eſperar a percepção dos traços mais finos do talento caracteriſtico, da parte de poetas de uma nação que tem ſentimentos apaixonados e uma imaginação ſciſmadora—incompativeis com o remanſo e placidez da *obſervação.*»

A engenhoſa e brilhante analyſe que temos eſcutado, e a que ainda continúa, não diminuem o valor da ſingela claſſificação que um erudito heſpanhol, perſonagem grave, fazia das comedias de Calderon, fallando a reſpeito d'ellas em 1682:

«Las comedias que ahora ſe eſcriven, ſe reducen á tres claſſes: de *Santos*, de *Hiſtoria*, y de *Amor*, que llama el vulgo de *Capa, y Eſpada.* Si ſon de ſantos, el exemplo mueve, los milagros ſe imprimen, la devocion ſe eſtiende... Si ſon hiſtoriales, los aviſos doctrinan, los deſengaños atemorizan. Si ſon de paſos amatorios (que ſon las menos morales) eſtan tratados con tal honeſtidad, que ni ſe permite indecencia ligera en los afectos, ni voz menos pura, que no ſalieſe caſtigada á ſilvos[1]»

Vamos ouvir Schlegel a reſpeito das comedias denominadas *Fieſtas.*

«Calderon deu a outra claſſe das ſuas peças o nome de *fieſtas*, quaes eram as deſtinadas para ſe repreſentarem na côrte, em oc-

[1] El R.mo Padre Maeſtro Fray Manuel de Guerra y Ribera, doctor theologo, y cathedratico de Filoſofia en la Univerſidad de Salamanca. *(Aprobacion de la Verdadera Quinta Parte de las comedias de Don Pedro Calderon de la Barca)*

caſiões ſolemnes. Pela pompa theatral, pela frequente mutação de ſcenas, pelos prodigios que apparecem, e pela muſica, poderia dar-ſe-lhes a denominação de *operas poeticas;* e com effeito, ſão mais poeticas do que outras compoſições d'eſte genero,—pois que baſtava o fulgor da poeſia para que ellas produziſſem a impreſſão; que nas ſimples operas ſe alcança á força de ſcenario, de muſica e de dança. N'eſta eſpecialidade, entrega-ſe o poeta aos vôos mais arrojados da ſua imaginação: as ſuas repreſentações tocam apenas de leve na terra.»

D'eſtas compoſições especiaes apontaremos alguns exemplos:

Fortunas de Andromeda y Perſeo. (Fieſta que ſe repreſentó á Sus Mageſtades en el Coliſeo de Buen Retiro)

La eſtatua de Prometeo. (Fieſta que ſe repreſentó á los años de la Reyna Madre nueſtra ſeñora)

Dar tiempo al tiempo. (Fieſta que ſe repreſentó á Sus Mageſtades en el Salon de ſu Real Palacio)

Apontaremos ainda outro exemplo, muito notavel por uma circumſtancia ſingular, que merece ſer recordada:

El mayor Encanto Amor. (Fieſta que ſe repreſentó á Sus Mageſtades en los eſtanques de Buen Retiro)

O conde-duque de Olivares, teve a caprichoſa lembrança de offerecer á familia real de Heſpanha, deſpendendo quantioſas ſommas, um eſpectaculo extraordinariamente viſtoſo, qual o de fazer repreſentar eſta peça de Calderon em theatro fluctuante, levantado ſobre o tanque grande de *Buen Retiro.*

Ao local e demais circumſtancias d'eſta repreſentação alludem muito engraçadamente os verſos finaes da peça, que na bocca de Galatéa põe Calderon:

Pues ſeguro el Mar por donde
venturoſo corre Uliſes,
tormentas vé de la tierra,
el Mar con fieſtas publique
ſu vencimiento, y haziendo
regocijos y feſtines,
ſus Tritones y Syrenas
lazos formen apacibles:
pues fue el agua tan dichoſa
en eſta noche felize,
que mereció ſer Teatro
de Soles, á quien humilde
el Poeta, entre otras honras,
perdon de las faltas pide [1].

Voltemos, porém, a ouvir o critico allemão, que vae agora apreſentar-nos o ſeu encarecido juizo ſobre as compoſições religioſas do ſeu poeta mimoſo:

«Mas o caracter de Calderon revela-ſe principalmente quando trata de aſſumptos religioſos. Então o amor não é pintado com traços vulgares, ſómente falla a linguagem poetica da arte: é porque a religião conſtitue o amor que é proprio do poeta, o coração do ſeu coração, e o motor das teclas que penetram e abalam mais profundamente a ſua alma. Parece que não quiz fazer outro tanto em circumſtancias puramente humanas: a ſua piedade lhe dá luz para penetrar no intimo d'eſſas relações confuſas. Eſte homem afortunado eſcapara do labyrintho e do deſerto da duvida, encontrando o aſylo da fé; e de lá contempla elle e pinta, com uma ſerenidade imperturbavel, o curſo das tempeſtades da vida. Aos olhos d'elle, a exiſtencia humana já não é um enygma; as ſuas proprias lagrimas, como a gotta de orvalho ſobre uma flor, apreſentam aos raios do ſol, a

[1] Ácerca d'eſta repreſentação, de grande eſpectaculo, veja as noticias que ſe encontram a pag. 385 e ſeguintes do volume VII da *Biblioteca de autores eſpañoles deſde la formacion del lenguaje haſta nueſtros dias.*

imagem eſplendida do ceo. A ſua poeſia, ſeja qual for o objecto de que apparentemente ſe occupe, é um hymno inceſſante de alegria em louvor das magnificencias da Creação. Solemniſa com um eſpanto alegre e ſempre novo, os prodigios da natureza e os da arte humana, como ſe os viſſe ſempre pela primeira vez, reveſtidos de um fulgor que o uſo não murchou ainda. É o primeiro deſpertar de Adão, acompanhado de uma eloquencia, de uma juſteza de expreſſões, que ſó o conhecimento das mais ſecretas propriedades da natureza, a mais alta cultura do eſpirito, e a mais madura reflexão podem inſpirar. Quando aproxima e reune os objectos, os maiores e os mais pequenos, as eſtrellas e as flores... apreſentam ſempre eſſas metaphoras o ſentido da relação das creaturas com o ſeu commum Creador; e eſta harmonia arrebatadora, eſte concerto do Univerſo, é para elle de novo a imagem do amor eterno, comprehenſivo de todas as coiſas.»

É realmente muito brilhante eſta paſſagem da critica de Schlegel; mas talvez mereça ſer ponderado, no que diz reſpeito á pintura da natureza, o reparo de um grande conhecedor da litteratura dramatica:

«On rencontre fréquemment chez Caldéron et chez ſes contemporains deſcriptions éblouiſſantes de la mer, des montagnes, des jardins et des vallons couverts de forêts, compoſées dans le mètre des romances et des *canzone:* mais preſque toujours ces tableaux ſont ſemés de traits allégoriques et chargés de couleurs artificielles, qui nous empêchent de reſpirer l'air libre, de voir les montagnes, de ſentir la fraîcheur des vallées. Leurs vers harmonieux et ſonores nous mettent toujours ſous les yeux une deſcription ingénieuſe qui revient uniformément, à quelques nuances près, et non à la nature elle-même [1].»

---

[1] Louis Tieck, apud Humboldt, COSMOS, tomo 2.º, traducção de Galuſky, 69.

«Florecia ainda Calderon *(termina Schlegel)* quando já nas outras partes da Europa dominava a affectação nas artes, e a litteratura ia pendendo para eſſa direcção proſaica, que tão geral ſe tornou no ſeculo XVIII. Aſſim pode elle ſer conſiderado como eſtando no mais alto pincaro da poeſia romantica: todo o ſeu fulgor deſpende nas ſuas obras, do meſmo modo que em um fogo de artificio é coſtume reſervar as côres mais variadas, as luzes mais ſcintillantes, para a ultima exploſão.»

Encontra-ſe eſte eloquente e enthuſiaſtico juizo critico em uma obra de Frederico Schlegel, a *Hiſtoria da Litteratura antiga e moderna*, que foi originariamente eſcripta em allemão, e depois traduzida em francez por Duckett em 1829, com o titulo de *Hiſtoire de la Littérature ancienne et moderne.*

Afóra a traducção eſpecial que Siſmondi fez d'eſte eſplendido juizo critico, tive tambem preſente a traducção de Zarate, e a geral da obra de Schlegel por um traductor caſtelhano com eſte titulo —*Hiſtoria de la Literatura antigua y moderna, eſcrita en aleman por Federico Schlegel. Traducida al caſtellano* por *C. P.*—2 tomos Barcelona—Madrid—1843.

Dou eſtas noticias para que os leitores poſſam confrontar as diverſas traducções apontadas com a minha,—que tenho na conta de muito imperfeita, não obſtante haver poſto algum cuidado em dar um geito portuguez aos *germaniſmos* que avultam no eſtylo de Schlegel.

III

Littora littoribus contraria.

Ouvimos o enthufiaftico Schlegel, e vamos agora ouvir Simonde de Sifmondi.

Atilado, e tambem eloquente é efte ultimo; mas navega em rumo diverfo do critico allemão, embora convenha com elle em que era bello o genio de Calderon, e brilhante a fua imaginação.

Sifmondi, guiado pelo fentimento hiftorico, que fempre o acompanhava, como quem tão diftinctamente fe occupou com trabalhos taes—Sifmondi, dizemos, julgou indifpenfavel collocar Calderon no meio das circumftancias politicas, religiofas, moraes e litterarias da nação e do feculo em que floreceu o grande dramaturgo.

E, na verdade, com difcrição fe houve Sifmondi em adoptar um tão juftificado proceffo; pois que, fem o conhecimento d'aquellas indicadas circumftancias, não é poffivel penetrar bem o efpirito e as tendencias das producções de um auctor, e maiormente de um auctor dramatico, que tamanha voga teve no feu tempo, excitando a admiração dos contemparaneos, e dominando por efpaço de quafi um féculo o theatro do feu paiz.

Oiçamos o hiftoriador philofopho e grande critico; mas, por

quanto havemos promettido reunir elementos de informação para mais levantado eſtudo, intercalaremos no ſeu arrazoado alguns excerptos, que deſde já começarão a dar-nos idéa das compoſições de Calderon:

«A Heſpanha jazia no mais deploravel eſtado de eſcravidão no ſeculo XVII. Na religião e no governo lavrava a corrupção; o goſto andava eſtragado; e o animo dos caſtelhanos recebera uma impreſſão de aſſombro com os ambicioſos deſignios de Carlos Quinto, e com a tyrannia de Filippe II. Calderon, na ſua mocidade, viu Filippe III, privou intimamente com Filippe IV, e viveu ainda dezeſeis annos no reinado, mais miſeravel e mais abjecto, ſe é poſſivel, de Carlos II. Seria realmente coiſa muito eſtranha, que o poeta d'aquelle periodo, comprehenſivo de quaſi todo o ſeculo XVII, ſe não deixaſſe influenciar por uma ſituação tão deſhonroſa para a eſpecie humana!

«E com effeito, Calderon, não obſtante as prendas de que o dotou a natureza—um bello genio e a mais brilhante imaginação—parece-me ſer o homem do ſeu ſeculo, o homem da miſeravel época de Filippe IV. Quando uma nação ſe corrompe, quando perde o que a tornava recommendavel, deixa de ter diante de ſeus olhos os modelos da verdadeira virtude, da verdadeira grandeza; e na occaſião em que julga que os repreſenta, nada mais faz do que reſvalar na exaggeração. Tal é, a meu juizo, o vicio do eſpirito de Calderon; ultrapaſſa o alvo em todas as partes da arte; deſconhece a verdade, e fórma um ideal, que offende o bom ſenſo, por falta de juſteza.»

Não baſtam eſtes enunciados genericos; é neceſſario exemplificar os principaes indicios da funeſta influencia que ſe attribue ao ſeculo; é neceſſario deſcer á confrontação do ſentir então predominante com o do tempo da grandeza e fulgor da Heſpanha. Siſmondi ſatiſfaz aſſim a eſta irrecuſavel exigencia:

«Havia entre os antigos cavalleiros hefpanhoes uma nobre altivez, que fe enlaçava com o fentimento de uma patria gloriofa, na qual eram elles alguma coifa; mas Calderon faz dos feus heroes uns fanfarrões orgulhofos, a ponto de que entumecem e incham com o infortunio do feu paiz e com a fua propria dependencia. Havia nos coftumes dos cavalleiros uma bem entendida eftima de fi proprio, que prevenia as offenfas, e affegurava a cada um o refpeito dos feus eguaes; mas defde que a honra publica e a honra particular eftavam fempre em rifco, em uma côrte covarde e corrompida, attribuiram os dramaturgos ao ponto de honra uma delicadeza meticulofa, a qual offendida a toda a hora, a toda a hora exigia tambem punições terriveis, e não poderia realmente exiftir, fem tranftornar a fociedade. O duello e o affaffinio eram de algum modo o todo da vida do fidalgo; de forte que, fe os coftumes da nação vieram a tornar-fe ferozes, mais ferozes ainda foram os coftumes dramaticos. Semelhantemente fe tinham corrompido os coftumes das mulheres; a intriga entrara pelas gelofias das cafas, pelas grades dos conventos de freiras; introduzira-fe o galanteio nas habitações particulares, dando logar a feparação de conjuges, e ao envenenamento da união domeftica. Mas Calderon dá ás fuas heroinas tanto maior feveridade, quanto mais relaxada eftava a moral, pinta o amor inteiramente no efpirito, dá á paixão um caracter que ella não pode fuftentar, perde de vifta a natureza, e perfuadindo-fe de que attinge o ideal, fó conhece a exaggeração.»

Mas... poffivel fôra que houveffe errada apreciação do caracter moral do homem e da mulher, fem todavia fe renunciar á fingeleza da linguagem, evitando-fe os modos affectados e o requinte da hyperbole na expreffão do penfamento.

A Sifmondi, porém, pareceu que exiftiram fimultaneamente os dois defeitos:

«Se os coftumes n'efte theatro fão conftantemente falfos, mais falfa ainda é a linguagem. Os hefpanhoes devem á fua communi-

cação com os arabes o gofto das hyperboles e das imagens mais atrevidas; no entanto, a maneira de Calderon não é derivada dos arabes, é toda d'elle, pois que excede tudo quanto os feus predeceffores entenderam fer-lhes permittido. Se a fua imaginação lhe offerece uma imagem brilhante, não a larga em toda uma pagina, não a abandona fem nos ter fatigado. Faz uma enfiada de comparações, e carregando um objecto de côres as mais fcintillantes, não deixa mais diftinguir a fua fórma fob os multipilcados traços que lhe dedica.»

Aqui apreſentaremos um exemplo, que abona o afferto de Sifmondi, emquanto á *enfiada de comparações:* mas (cumpre dizel-o) ao mefmo tempo nos pinta o admiravel fulgor da poefia de Calderon, a tal ponto colorida e graciofa, que faz efquecer a impropriedade dramatica de muitas paffagens das fuas comedias.

Na comedia—*La banda y la flor*—o protagonifta (Henrique) é prefenteado por duas damas da côrte do duque de Florença, offerecendo-lhe uma d'ellas uma faxa, e a outra uma flor. Ambas as damas, porém, encobriram o rofto com os mantos; de forte que o favorecido mancebo não pôde diftinguil-as. Mais fe augmenta ainda o feu enleio, por quanto o duque exige que Henrique dê a preferencia, por intereſſes de familia, a uma terceira dama.

Deixando de parte o defenlace da comedia, que o dramaturgo conduz a bom termo, daremos apenas conhecimento da curiofa fcena em que Lifida, uma das damas, opprime com apertadas perguntas o mancebo, obrigando-o a confeffar que fim galanteara a dama que offereceu a faxa, mas não tivera o coração parte no galanteio.

Agora ouvi o final da arguição de Lifida, e a fingulariffima refpofta de Henrique:

LISIDA

Pues ¿qué es efto?
Si ver, fi hablar, fi efcribir,

Si traer ſu banda al cuello,
Si ſeguir, ſi deſvelar
No es amar, yo, Enrique, os ruego
Me digaes cómo ſe llama,
Y no ignore yo mas tiempo
Una coſa que es tan fácil.

ENRIQUE

Reſpóndaos un argumento:

El aſtuto cazador
Que en lo rapido del vuelo
Hace a un atomo de pluma
Blanco veloz del acierto,
No adonde la caza eſtá
Pone la mira, advirtiendo
Que para que el viento peche,
Le importa engañar al viento.

El marinero ingenioſo
Que al mar deſbocado y fiero,
Monſtruo de la naturaleza,
Halló yugo y puſo freno,
No al puerto que ſolicita
Pone la proa, que haciendo
Puntas al agua, deſmiente
Sus iras, y toma puerto.

El capitan que eſta fuerza
Intenta ganar, primero
En aquella toca al arma,
Y con marciales eſtruendos
Engaña a la tierra, que,
Mal prevenida del rieſgo,
La eſperaba: aſí la fuerza
Se da á partido al ingenio.

La mina, que en las entrañas
De la tierra eſtrenó el centro,
Artificioſo volcan,
Inventado Mongibelo,

No donde preñada oculta
Abiſmos de horror immenſos
Hace el efecto; porqué
Engañando al miſmo fuego,
Aqui concibe, allá aborta;
Allí es rayo, y aqui trueno.

Pues ſi es cazador mi amor
En las campañas del viento;
Si en el mar de ſus fortunas,
Inconſtante marinero;
Si es caudillo victorioſo
En las guerras de ſus celos;
Si fuego mal reſiſtido
Em mina de tantos pechos,
¿Qué mucho engañarſe en mí
Tantos amantes afectos?
Sea eſta banda teſtigo,
Porque volcan, marinero,
Capitan y cazador,
En fuego, agua, tierra y viento
Logre, tenga, alcance y tome
Mina, caza, triunfo y puerto.
(Dale la banda).

Liſida, que eſcutou com heroica paciencia a interminavel litania de comparações, reſponde orgulhoſa:

Bien penſaréis que mis quejas,
Mal liſongeadas con eſo,
Os remitan de mi agravio
Las ſinrazones del vueſtro.
No, Enrique; yo ſoy mujer
Tan ſoberbia, que no quiero
Ser querida por venganza,
Por tema, ni por deſprecio.
El que á mí me ha de querer,
Por mi ha de ſer, no teniendo
Conveniencias en quererme
Mas que quererme.

Continuemos, porém, a ouvir Sifmondi:

«Á dôr confagra Calderon uma linguagem de tal modo poetica, faz-lhe bufcar imagens tão inefperadas, e tão cuidadofamente juftifica as que foi bufcar a longas diftancias, — que ceffamos de laftimar o individuo que tão completamente fe diftrae, movido pelo propofito de oftentar engenho. A aftectação e as antithefes que aos italianos foram lançadas em rofto, fob a denominação de *concetti*, fão, ainda em Marini, ainda nos efcriptores mais *amaneirados*, muito fimples e fingelas, em comparação das continuadas fubtilezas de Calderon. Vê-fe que o dramaturgo eftá accommettido d'aquella doença de efpirito, que confttitue uma época em cada litteratura, pofterior á época do bom gofto: como a que principiou em Roma com Lucano; a que affignalou na Italia os *feifcentifti;* em França o hôtel de Rambouillet; na Inglaterra o reinado de Carlos II: épocas que todos os feculos, á porfia, condemnaram como de ruim gofto. Aprefentar-fe-hiam em chufma os exemplos; contentar-nos-hemos, porém, com um ou outro, que nos dê idéa cabal dos reftantes.»

Sifmondi offerece-nos aqui um exemplo, tirado de uma fituação comica da comedia — *Nadie fie fu fecreto.* — Falla Alexandre, duque de Parma, e conta o modo por que fe tornou rival de don Cefar, feu fecretario e amigo; empregando as expreffões mais affectadas e bombafticas que é poffivel imaginar, quando aliás era tão facil exprimir com fingeleza a admiração que lhe caufara uma bella mulher.

Para maior efclarecimento dos leitores, reproduziremos a citação de Sifmondi mais amplamente, do que elle o faz, tranfcrevendo o principio da fcena em que entra o duque:

ALEJANDRO

¡ Hay mas enojos,
Que efcuchar inadvertido

Lifonjas para el oído,
Negándolas á los ojos! —
(Llega don Arias al Principe)
Don Arias, ¿Qué hay de nuevo? Viste a Céfar?

DON ARIAS

A Céfar ví y hablé; pero primero
Que fepas fu refpuefta, faber quiero
El término de amor á que has llegado.

ALEJANDRO

Tienen mi penfamiento,
Trifte Céfar, Doña Ana enamorado,
Y con un fentimiento,
No fé cuál de los dos es lo que fiento.
Entré galan al cuarto de mi hermana,
Y con ella y fus damas vi á Doña Ana:
Vi en un jardin de amores,
Que prefidia entre comunes flores
La rofa hermofa y bella...
Mal digo; que fi bien lo confidero,
Yo vi entre muchas rofas una eftrella,
O entre muchas eftrellas un lucero;
Y fi mejor en fu deidad reparo,
Preftando á los demas fus arreboles,
Entre muchos luceros vi un fol claro,
Y al fin vi un cielo para muchos foles;
Y tanto fu beldad les excedia,
Que en muchos cielos hubo folo un dia.
Hablando eftuve, en ella divertidos
Los ojos, cuanto atentos los oídos,
Por que moftraba en todo milagrofa,
Cuerda belleza en difcrecion hermofa.
Defpidiófe en efecto: fi fué breve
La tarde, amor lo diga, que quifiera
Que un figlo entero cada inftante fuera,
Y aun no fuera baftante,
Pues aunque fuera figlo, fuera inftante.
La falí acompañando cortefmente,

Y aquí bafta decirte
Que muero amante y padefco aufente [1].

Sifmondi dá de barato que efta linguagem feja poetica; mas entende que é foberanamente falfa, e que fe torna ainda muito mais impropria e deflocada, quando fe emprega para pintar as grandes paixões e as grandes dôres, como por exemplo, na tragedia—*Amar defpues de la muerte*,—relativa á fublevação dos mouros na Alpujarra.

Aqui neceffitamos de defenvolver mais a citação do noffo critico, e aprefentar uma explicação, que fe torna indifpenfavel para a intelligencia das paffagens que vamos pôr diante dos olhos dos leitores.

Don Alvaro Tuzani, um dos mouros fublevados, amante de Dona Clara Malec, e feu promettido efpofo, eftá nas vifinhanças de Galera na occafião em que os caftelhanos, fitiadores, lançam fogo á mina e abrem brecha na praça.

Tuzani ouve a terrivel explofão; prevê defde logo as fcenas horrorofas que em Galera iam fucceder-fe, e fubito fe arroja por entre as chammas para falvar Dona Clara, que em Galera fe encerrara com feu velho pae Don Juan Malec.

Logra Tuzani arrancar do meio d'aquelles horrores a fua querida amante. Mas... a effe tempo eftava ella moribunda!

Pofto ifto, reparae agora no dialogo que fe fegue, fcintillante de poefia, fim, mas porventura menos bem cabido em tão apurada fituação:

DON ALVARO

Por entre montes de llamas,
Entre piélagos de fangre,
Tropezando en cuerpos muertos,
Quifo mi amor que llegafe
A la casa de Maleca,

[1] *Nadie fie fu fecreto.* Jornada primera. Escena VIII.

Eſtrago ya miſerable,
Pues del acero y del fuego
Paveſa dos veces yace.
¡Ay eſpoſa! preſto yo
Moríré, ſi llego tarde.
¿Dónde Maleca eſtará
Que ya no ſe mira á nadie.

DOÑA CLARA *(Dentro)*

¡Ay de my!

DON ALVARO

Eſta voz que el viento
Laſtimoſamente eſparce
De mal pronunciadas quejas,
De bien repetidos ayes,
Es rayo que me penetra.
¿Quien vió deſdicha mas grande?
A las luces que confuſas
Ya cebado el fuego hace,
Miro una mujer que eſtá
Apagándolas con ſangre...
¡Y es Maleca! ¡Oh ſantos cielos!
O dadla viva ó matadme.
(Entra, y ſaca á Doña Clara, ſuelto el cabello, ſangriento el roſto, y medio veſtida)

DOÑA CLARA

Soldado eſpañol, en quien
Ni piedad ni rigor cabe:
Piedad pues que ya me heriſte,
Rigor pues no me acabaſte,
Vuelve á mi pecho el acero:
Mira que es rigor notable
Que tus acciones no ſean
Ni rigores ni piedades.

DON ALVARO

Deidad infeliz (que ya
Hay infelices deidades,

Pues de tí lo aprenden cuantas
De humanas fortunas ſaben),
El que en ſus brazos te tiene,
No ſolicita matarte;
Que ántes quiſiera ſu vida
Dividir en dos mitades.

DOÑA CLARA

Bien dicen eſas razones
Que eres africano alarbe;
Y ſi por mujer y triſte,
Dos veces puedo obligarte,
Una fineza te deba.
En Gavia eſtá por alcalde
El Tuzaní, eſpoſo mio:
Pártete luego á buſcarle.
Y eſte eſtrecho ultimo abrazo
Le llevarás de mi parte;
Y diráſle que ſu eſpoſa,
Bañada en ſu propia ſangre,
A manos de un eſpañol,
De ſus joyas y diamantes
Mas que de honor ambicioſo,
Hoy muerta en Galera yace.

DON ALVARO

El abrazo que me das,
No, no es meneſter llevarle
A tu eſpoſo; que por ſer
Fin de ſus felicidades,
El le ſale á recibir;
Que no hay deſdicha que tarde.

DOÑA CLARA

Sola una voz ¡ay bien mio!
Pudo nuevo aliento darme,
Pudo hacer feliz mi muerte
Deja, deja que te abrace.
Muera en tus brazos y muera... *(Eſpira)*

N'eſte anguſtioſo trance, em que Dona Clara exhala o derradeiro ſuſpiro nos braços de Don Alvaro, era natural que eſte, amante e eſpoſo, ſentiſſe inſondavel magua, e ſó podeſſe deſafogar a dôr com um ai, deſentranhado do intimo do peito...

¿Quereis, porém, ver quão differentemente penſou e ſentiu o poeta? Eſcutae:

DON ALVARO

¡Oh cuánto, oh cuánto ignorante
Es quien dice que el amor
Hacer de dos vidas ſabe
Una vida! pues ſi fueran
Eſos milagres verdades,
Ni tú murieras, ni yo
Viviera; que en eſte inſtante,
Muriendo yo y tú viviendo,
Eſtuvieramos iguales.
Cielos, que viſteis mis penas,
Montes, que mirais mis males,
Vientos, que oís mis rigores,
Llamas, que veis mis peſares,
¿Como todos permitís
Que la mejor luz ſe apague,
Que la mejor flor ſe os muera,
Que el mejor ſuſpiro os falte?
Hombres que ſabeis de amor,
Advertidme en eſte lance,
Decidme en eſta deſdicha,
¿Qué debe hacer un amante
Que viniendo á ver ſu dama
La noche que ha de lograrſe
Un amor de tantos dias,
Bañada la halla en ſu ſangre,
Azucena guarnecida
De mas peligroſo eſmalte,
Oro acriſolado al fuego
Del mas riguroſo exámen?
¿Qué debe aqui hacer un triſte,
Que el tálamo que eſperarle

Pudo, halla túmulo, donde
La mas adorada imágen,
Que iba ſeguiendo deidad,
Vino á conſeguir cadáver?
Mas no, no me reſpondais,
No teneis que aconſejarme;
Que ſi no obra por dolor
Un hombre en ſuceſos tales,
Mal obrará por conſejo.
¡Oh montaña inexpugnable
De la Alpujarra, oh teatro
De la hazaña mas cobarde,
De la victoria mas torpe,
De la gloria mas infame,
¡Oh nunca, oh nunca tus montes,
Oh nunca, oh nunca tus valles
Hubieran viſto en ſu cumbre
Hubieran viſto en ſu márgen
La mas infeliz belleza!
Mas ¿de qué ſirve quejarme,
Si las quejas, con ſer quejas,
Aun no ſon prendas del aire?

Agora que tendes ouvido uma eſtirada amplificação rhetorica, inopportuna, que podia ſer ſubſtituida por uma exclamação,—reparae nas judicioſas ponderações que acudiram á nobre alma de Siſmondi:

«Só o genio poderia deſcobrir em uma ſituação tão violenta, tão amargurada, qual ſeria o grito de dôr de um amante deſeſperado, um grito que os eſpectadores podeſſem comprehender, fazendo-os intereſſar por aquelle infortunio; mas todos nós ſentimos que a linguagem de Alvaro Tuzani é falſa e géla no meſmo inſtante a commoção profunda que uma ſituação cruel, aliás bem adduzida, excitára. Um tal defeito é frequente em Calderon. A intenção tão pronunciada de reveſtir com as côres da poeſia a linguagem de todos os interlocutores, rouba ſempre a eſta a ſenſibilidade e a ex-

preſſão do que ſente o coração. Encontrei n'elle muitas ſituações de um effeito admiravel; mas jámais encontrei um dito, uma phraſe tocante, ou ſublime—pela verdade, ou pela ſimplicidade.»

Já que fallámos de uma das mais notaveis compoſições dramaticas de Calderon—*Amar deſpues de la muerte*—não nos ſoffre o animo deixar de dizer duas palavras mais a reſpeito d'ella.

Na ſcena 2.ª da 1.ª jornada é admiravel a narração do velho mouriſco Don Juan Malec, dando conta do ultraje que lhe fizera o orgulhoſo fidalgo caſtelhano Don Juan de Mendoza. Diſputando um com o outro, alludiu Malec ao facto de deſcender de reis: ao que Mendoza replicou: *Sim, mas de reis mouros.*

Si; pero de reys moros,
Dijo.—Como ſi dejara
De ſer real, le reſpondí,
Por móra, ſiendo criſtiana
La de Válores, Cegries,
De Venegas y Granadas.
De una palabra á otra, en fin,
Como entramos ſin eſpadas,
Unos y otros ſe empeñaron...
¡Mal haya ocaſion, mal haya
Sin eſpadas y con lenguas,
Que ſon las peores armas,
Pues una herida mejor
Se cura que una palabra!
Alguna acaſo le dije
Que obligaſe á ſu arogancia
A que (aqui tiemblo al decirlo)
Tomandome (¡pena eſtraña!)
El báculo de las manos,
Con el... Pero haſta eſto, baſta:
Que hay coſas que cueſta mas
El decirlas que el paſarlas.

O venerando ancião, profundamente reſentido, laſtíma não ter

filho que o defaggrave; mas entende que a offenfa toca a todos mourifcos, e a todos pertence o defforço e a vingança. Efte os formofos verfos que o grande Calderon confagra á exffão de tão altivos penfamentos:

Efte agravio que en defenfa,
Efta ofenfa que en demandá
Vueftra á mi me ha fucedido,
A todos juntos alcanza,
Pues no tengo un hijo yo
Que defagravie mis canas,
Si no una hija, confuelo
Que aflije mas que defcanfa.
Ea, valientes morifcos,
Noble reliquia africana,
Los criftianos folamente
Haceros efclavos tratan;
La Alpujarra, aquefa fierra
.....
Toda es nueftra: retiremos
A ella baftimentos y armas.
Elegid una cabeza
De la antigua eftirpe clara
De vueftros Abenhumeyas,
Pues hay en Caftilla tantas,
Y hacéos feñores, de efclavos;
Que yo, á cofta de mis anfias,
Iré perfuadiendo á todos
Que es bajeza, que es infamia
Que á todos toque mi agravio,
Y no á todos mi venganza.

Todos os mourifcos prefentes offerecem a fua dedicação a Ma- e a fublevação parece pactuar-fe para mais tarde e opportunante fe realifar.

A filha do aggravado ancião não pode vingar feu pae; mas deron fabe pintar o varonil caracter de Dona Clara n'eftes entados verfos:

.....
¡ Qué baja naturaleza
Con nofotras fe moftró,
Pues quando mucho, nos dió
Un ingenio, una belleza
Adonde el honor tropieza,
Mas no donde pueda eftar
Seguro! ¿Qué mas pefar,
Si á padre y marido vemos
Que quitar fu honor podemos,
Y no le podemos dar?
Si hubiera varon nacido,
Granada y el mundo viera
Hoy, fi con un joven era
Tan foberbio y atrevido
El Mendoza, como ha fido
Con un viejo...

Não convindo que mais nos demoremos agora na goftofa apreciação do notavel drama, vamos encerrar efte capitulo, que vae longo, apontando um lance, rapido, mas de grande effeito, que pertence tambem á primeira *jornada.*

Tuzani faz todas as diligencias para fe encontrar e bater-fe com Mendoza, a fim de vingar a affronta feita ao pae da fua amante. Chega, finalmente, a occafião fufpirada, que os dois aproveitam, embora o terrivel duello haja de effeituar-fe no recinto de um quarto, a portas fechadas. No maior auge da briga ouvem bater fortemente á porta, e um ao outro perguntam o que lhes cumpre deliberar:

DON ALVARO

A la puerta llama gente.

MENDOZA

¿Qué haremos?

DON ALVARO

Que muera el uno
Y abra luego el que viviere.

MENDOZA

Decis bien[1].

Falta-nos inquirir qual juizo fazia Sifmondi ácerca de Calderon, sob o ponto de vifta da hiftoria e da religião.

[1] Tencionamos confagrar, adiante, um capitulo efpecial ao complemento das noticias relativas ao drama—*Amar defpues de la muerte.*

IV

Concluindo a expoſição do juizo critico formulado por Siſmondi, veremos como eſte encara o theatro de Calderon ſob os aſpectos da hiſtoria e da religião.

Não nos contentaremos, porém, com a tranſcripção do que diſſe o illuſtrado critico, mas ſim apreſentaremos exemplos, additamentos e rectificações que temos na conta de indiſpenſaveis para o eſtudo emprehendido.

Aſſim começa Siſmondi:

«Os admiradores de Calderon attribuem-lhe grande merecimento, pelo facto de não ter conſervado aos aſſumptos eſtrangeiros as côres proprias e nacionaes. O ſeu patriotiſmo, dizem elles, era tão ardente, que não podia adoptar outra fórma que não foſſe a propria da Heſpanha; mas, por iſſo meſmo, teve occaſião de oſtentar toda a riqueza da ſua imaginação, e de communicar um caracter phantaſtico, que encanta, ás peças em que não ſe ſujeitou á realidade dos factos. É eſte o juizo dos criticos allemães; mas qual ſerá a razão por quê, ſendo elles aqui tão indulgentes, reſer-

vam toda a ſeveridade para os tragicos francezes, pelo facto de haverem dado aos heroes gregos e romanos as feições, e particularmente as maneiras polidas e a civilidade da côrte de Luiz XIV?»

Não é da noſſa alçada, nem quadra á indole do noſſo trabalho reſponder a eſta pergunta: o que nos intereſſa é regiſtar o que ſe argue a Calderon, no tocante ao uſo que faz da hiſtoria, ou ao modo porque a interpreta e applica em algumas das ſuas compoſições dramaticas:

«Devera perdoar-ſe (proſegue Siſmondi) a um auctor dos *Myſterios* dos ſeculos XIII e XIV o confundir a hiſtoria, a chronologia e os factos; pois que era mui difficil n'aquellas épocas adquirir inſtrucção, e eſtava coberta de eſpeſſas trevas a metade da hiſtoria antiga. Mas, que havemos de penſar de Calderon, ou, pelo menos, do publico a quem deſtinava as ſuas peças, quando o vemos baralhar os factos, os coſtumes, as circumſtancias, nos periodos mais luminoſos da hiſtoria romana,—a tal ponto, que até um eſtudantinho ſe agaſtaria hoje de vêr coiſa ſemelhante? Nas *Armas de la Hermoſura* apparece Coriolano proſeguindo contra Sabinius, rei dos Sabinos, a guerra que Romulo havia já começado contra aquelle meſmo rei imaginario, e por conſequencia, quando muito a diſtancia de uma geração. E, comtudo falla Calderon da Heſpanha e da Africa, como já ſubmettidas,—de Roma, como ſendo já rainha do mundo, e rival de Jeruſalem! O caracter de Coriolano, o do ſenado, o do povo... tudo é tranſtornado; e aſſim fica ſendo impoſſivel reconhecer um romano, por um ſó dos ſentimentos que as perſonagens da peça exprimem. Metaſtaſio, nos ſeus romances em fórma de dialogo, era cem vezes mais fiel á hiſtoria e aos coſtumes da antiguidade.»

Ao que aponta Siſmondi devemos accreſcentar outros exemplos, que aliás ſão adduzidos pela critica, e juſtificam o eſpanto com que ſe vê a confuſão, o tranſtorno de idéas, que em materia

e hiſtoria, chronologia e geographia, ſe encontram em diverſas ›mpoſições dramaticas de Calderon.

Já não era pouco o fazer de Coriolano um general do reinado ɜ Romulo, e de Veturia, ſua mulher, uma das Sabinas roubadas: ›mo conſta da 1.ª e 2.ª *jornada* da comedia—*Las armas de la ſermoſura.*

Devemos mencionar ainda outras ſiugularidades n'eſte genero, ıe pacientemente nos démos ao trabalho de verificar nas compo-ções de Calderon, por não querermos *jurar nas palavras do meſ-'e.*

Na comedia—*Afectos de amor y odio,*—cuja acção ſe paſſa ı Ruſſia e em varios pontos da Suecia, apreſenta Calderon o Da-ıbio como tendo o ſeu curſo entre a Ruſſia e a Suecia:

En eſta inculta playa,
Falda del Merque y del Danubio raya,
Cuyo immenſo caudal y cuya cumbre,
Del mar las olas y del ſol la lumbre
Uno iguala, otro mide,
Y á Suevia y Rufia en terminos divide,
Alto haga nueſtra gente,
Ya que el ſol á los campos de occidente
Huyendo baja de la noche fria
En el poſtrer crepúſculo del dia:
Que ápenas el aurora
Veréis que las mas altas cimas dora,
Cuando mi orgullo ciego,
Talando á ſangre y fuego
Entre, deſde la encina haſta la caña
El próvido verdor de la campaña,
Sin perdonar el belico tributo,
Ni hoja, ni mies, ni vid, ni flor, ni fruto.
(JORNADA 2.ª, ESCENA 7.ª) [1]

[1] É atilada, a reſpeito d'eſta eſpecie, a obſervação de Ticknor. O Danubio

Na comedia—*El mayor monſtruo los celos*—cuja acção ſe paſſa nas viſinhanças de Jafa, em Memphis e em Jeruſalem, eſtá eſta ultima cidade ſituada á borda do mar:

La armada del enemigo,
Como eſtaba hácia la parte
Del puerto abrigada, en él
Quiſo el cielo que ſe ampare.
Mas la nueſtra dividida,
Deſhecha y ſin orden, ſale
A la campaña del mar,
Donde impelida mi nave,
Caballo fué deſbocado,
Que no hay freno que le pare.
Atormentada en efecto,
Deſmentelado el velámen,
Los arboles deſtroncados,
Enmarañados los cables,
Y traendo, finalmente,
Arena y agua por laſtre,
A viſta ya de las torres
De Jeruſalen la grande,
Fué rüina en un eſcollo,
Y aqui una taba á los ayes
Repetidos fué del fin
Enſeñado á ſus piedades.
JORNADA, 1.ª, ESCENA 4.ª

Note-ſe que não ſó faz de Jeruſalem um porto de mar, mas tambem aſſim qualifica a antiga cidade de Memphis.

---

devia ſer tão conhecido, ao menos como o Tejo, a um auditorio de Madrid, deſde o tempo de Carlos Quinto.

The Danube, *which muſt have been almoſt as well known to a Madrid audience from the time of Charles the Fifth as the Tagus,* is placed between Ruſſia and Sweden. II, 362.

Em—*La Virgen del Sagrario*—cuja acção ſe paſſa em Toledo e nas viſinhanças, apreſenta-nos Calderon a ſingularidade de attribuir a Herodoto a deſcripção da America!

Antes de tudo obſervaremos que eſta comedia vem deſignada mais extenſamente com eſte titulo: *Origen, perdida y reſtauracion de la Virgen del Sagrario.*

Na VI ſcena da primeira *jornada* pede a rainha a Santo Ildefonſo que a eſclareça ácerca da origem da ſanta imagem; e na reſpoſta do ſanto ſe encontra a referencia a Herodoto:

REINA

Ildefonſo, hoy es dia
De vencer ignorancias: á una mia
Me reſponded, entanto
Que de la miſa el ſacrificio ſanto
El altar de Leocadia nos previene.
¿Qué orígen eſta ſanta imágen tiene?
Que habiendo vos tan ſu devoto ſido,
¿Quién duda que el principio habreis ſabido
Que eſte pueblo ha ignorado?
Alumbrad mi ignorancia y my cuidado.

ILDEFONSO

No os parezca, ſeñora,
Que es ignorancia lo que el mundo ignora,
Porque ninguno ſabe
Su origen, obra al fin divina y grave;
Pues yo, que penetrarlo he pretendido,
De ſu origen no mas que eſto he ſabido.
La docta coſmografia,
Que midió la tierra y cielo,
En cuatro partes divide
El globo del univerſo.
Africa, América y Aſia

Son las tres, de que no tengo
Neceſidad: Herodoto
Las deſcribe con ſu ingenio.
La cuarta parte és Europa
(Eſte clima, cenit nueſtro),
Por ſus abundancias rica,
Saludable por ſu aſiento,
Generoſa por ſus frutos,
Divina por ſus ingenios,
Reſpetada por ſus hijos
Y temida por ſus hechos.

Herodoto a deſcrever a America!

De paſſagem obſervaremos que tem merecimento o modo porque o poeta encarece aqui a excellencia da Europa, reſumindo conceituoſamente as condições vantajoſas que diſtinguem eſta parte do mundo.

Sob aſpecto diverſo a deſcreveu o noſſo Camões na eſtança admiravel que pedimos nos ſeja licito recordar agora:

Entre a zona, que o Cancro ſenhorea,
Méta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria ſe arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a ſoberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com ſuas ſalſas ondas o Oceano,
E pela Auſtral o mar Mediterrano.
LUS. C. III, EST. VI.

A não ſer emquanto aos Mouriſcos, a nenhum aſſumpto eſtrangeiro conſervou Calderon o caracter e as côres individuaes ou nacionaes; tudo *acaſtelhanou*, digamol-o aſſim.

Excellentemente ſe exprime um critico heſpanhol:... *aſi como tenia que preſtarles á todos el habla caſtellana, caſtellanos los hacia en ſus acciones, en ſus ideas, en ſus afectos.*

Ulyſſes e Circe aſſentam-ſe, como ſe eſtiveſſem em um ſalão de Madrid, e reunem em volta de ſi uma academia de damas e ca-

valheiros, com o fim de difcurfarem fobre queftões metaphyficas do galanteio e do amor.

Santa Eugenia faz o mefmo em Alexandria no feculo III da era chriftã.

Judas Machabeu, Herodes (tetrarca da Judéa), Jupangui (Inca do Perú), Zenobia: fão aprefentados em fcena por Calderon, como fe foffem perfonagens hefpanholas do tempo de Filippe IV, e como fe nunca tiveffem vivido fenão na côrte d'aquelle monarcha. *(El mayor encanto amor;—El Jofef de las mujeres;—La gran Cenobia*, etc.*)*

Na comedia—*En efta vida todo es verdad y todo es mentira*—diz-fe a caçadores armados de frechas:

> Que fepas que en la campaña,
> Ultima razon de reyes
> Son la polvora y las balas.

Em defefa de Calderon allega-fe que o feu empenho era traçar uma fabula tal, que vivamente impreffionaffe os efpectadores. N'efte prefuppofto, não duvidou facrificar, por vezes, os preceitos da arte (como tambem o fizera Lope de Vega), deffigurando os factos hiftoricos, e tranftornando a geographia, quando efte expediente convinha ao plano que delineara.

E o cafo é que, no meio d'effa confufão, raramente fe perdia o intereffe do enredo dramatico, fuftentado aliás por uma verfificação harmoniofa e fluente, e por grandes rafgos de narrativa, na qual empregava Calderon os mais engenhofos recurfos, proprios e efficazes para captivar o auditorio, a quem influia enthufiafmo.

Ainda vae mais longe a defefa. Ponderou-fe que era Calderon o primeiro que reconhecia o arguido defeito, motejando-o com baftante graça, como fe vê na comedia—*Los dos amantes del cielo.*

E com effeito, na 2.ª fcena da 2.ª *jornada* d'efta comedia, ha um exemplo frifante de que nem fempre alterava Calderon a hiftoria e a chronologia, por infciencia, antes mettia elle mefmo a ridiculo os anachronifmos.

Para intelligencia do breve excerpto que vamos apontar, diremos que eſtão em ſcena dois interlocutores; um, cegamente apaixonado por uma beldade, e não querendo ouvir fallar ſenão do ſeu amor; o ſegundo, repreſentando o papel de *gracioſo,* e divertindo-ſe á cuſta do infeliz padecente. O gracioſo enceta alguns contos, que não chega a concluir, porque o interlocutor o atalha, declarando não querer ouvil-o; e é no conto — *Un fraile* — que eſtá o motejo ſobre os anachroniſmos:

ESCARPIN

Un tuerto y un calvo un dia,
Señor...

CLAUDIO

Ya querrás contarme
Algun cuento.

ESCARPIN

Aun que no ſoy
Muy amigo de contarles
¿Quien cabe no tiró,
Pueſto de á paleta el cabe?

CLAUDIO

Pues yo no le quiero oir.

ESCARPIN

Si acaſo es por que le ſabes,
Va otro. *Un fraile... Mas no es bueno;*
Por que aun non hay en Roma frailes
Un loco...

CLAUDIO

Calla.

ESCARPIN

Será
Hablar ſin cuento, deſaire.
Entonaba un ſacriſtan...

CLAUDIO

¡Vive el cielo, que te mate!

Mas voltemos a Siſmondi, que tinhamos deixado na occaſião em que elle eſtranhava a infidelidade de Calderon á hiſtoria, e lhe arguia o deſconhecimento dos coſtumes eſtrangeiros.

Relativamente a eſte ultimo ponto pretende agora o illuſtre critico attenuar um tanto a reſponſabilidade do dramaturgo heſpanhol, n'eſtes termos:

«Em todo o caſo, cumpre notar que não devemos imputar unicamente a Calderon a ignorancia dos coſtumes eſtrangeiros; cenſura, ou louvor, não lhe é peſſoal, cabe á nação e ao governo. O circulo dos conhecimentos permittidos ia-ſe eſtreitando cada vez mais. Todos os livros que pintavam coſtumes ou cultura do eſpirito dos povos eſtranhos, eram ſeveramente prohibidos, pelo facto de nenhum d'elles deixar de conter, implicita ou explicitamente, uma ſatyra amarga contra o governo e contra a religião da Heſpanha. ¿Como ſeria poſſivel permittir a noticia dos antigos, ſendo a vida d'elles fundada inteiramente na liberdade? A peſſoa que ſe deixaſſe repaſſar do eſpirito da antiguidade, teria immediatamente ſaudades dos nobres privilegios que a Heſpanha perdera. ¿Seria acaſo poſſivel que ſe conſentiſſe adquirir conhecimento dos povos modernos, que eſtavam gozando da liberdade religioſa, e á ſombra d'ella deſfructavam a proſperidade e a gloria? Se os heſpanhoes tiveſſem tal noticia, e ſe eſta ſe generaliſaſſe... ¿poderiam elles porventura ſupportar a inquiſição?»

Somos chegados ao ponto culminante da critica formulada por Sifmondi.

Tendo elle percorrido varias compofições dramaticas de Calderon (em que predominam o influxo e as infpirações da fuperftição e do fanatifmo) e particularmente a comedia intitulada—*La Devocion de la Cruz*—, encontra ali os elementos que fe lhe afigura ferem adequados para fixar a principal tendencia do dramaturgo em materia de fentimentos religiofos:

«Eis aqui a ultima feição de Calderon, e n'efta parte abfterme-hei de infiftir muito, precifamente por que aqui tem grande vivacidade o meu fentir. Calderon é na realidade o poeta da inquifição. Animado por um fentimento religiofo, que exceffivamente patenteia em todas as fuas peças, fó me infpira horror pela religião que profeffa. Nunca o chriftianifmo fôra deffigurado a tal ponto, nunca lhe foram attribuidas paixões tão ferozes, nem uma tão corrompida moral!»

Seguia-fe provar efte afferto, ou pelo menos adduzir alguns exemplos, derivados das compofições de Calderon; mas Sifmondi, fiel á declaração que fizera, limita-fe a dar-nos uma rapida defcripção do enredo da peça que mais fignificativa lhe parece para o feu propofito:

«Entre muitas peças, embebidas no mefmo fanatifmo, nenhuma o pinta melhor do que a intitulada—*Devoção da Cruz*—. O fim a que fe propoz Calderon n'aquella compofição, foi o de convencer os efpectadores chriftãos de que aquelle fignal da Egreja é baftante para defculpar todos os crimes, e affegurar a protecção da divindade. Eufebio, heroe do drama, é um falteador inceftuofo, um affaffino de profiffão; mas, no meio dos feus crimes, logra a fortuna de permanecer devoto da cruz, junto da qual nafcera, a ponto de trazer fempre gravada no peito a imagem d'ella. Ainda mais: nunca

lhe eſquece alevantar uma cruz ſobre a ſepultura das ſuas victimas, e até lhe ſuccedeu, uma ou outra vez, parar na perpetração do crime, ao ver aquelle ſeu tão querido ſignal.—Julia, ſua irmã, e ao meſmo tempo ſua amante, é ainda mais perverſa do que elle, tendo aliás a meſma devoção pela cruz.—O malvado é morto em um combate contra uns ſoldados que ſeu proprio pae conduz; mas Deus o reſuſcita, a fim de que um ſanto religioſo o oiça de confiſſão, e lhe aſſegure aſſim a entrada no reino do céo. A irmã, quando eſtá por inſtantes a ſer capturada, e a ſer victima das ſuas perverſidades, abraça-ſe com uma cruz, e faz voto de voltar á clauſura para chorar os ſeus peccados; mas... eis que no meſmo inſtante a cruz ſobe aos ares, e ſubtrae a criminoſa á perſeguição dos ſeus inimigos, levando-a a um aſylo impenetravel.»

La Devocion de la Cruz é uma das comedias de Calderon que havemos de examinar attentamente, apreſentando até, como elemento de eſtudo, os excerptos que ſubminiſtrar poſſam a luz neceſſaria para uma bem fundada apreciação.

Não acreſcentaremos, pois, uma palavra ſequer á deſcripção que fica regiſtada; reſervando tudo para uma proxima e opportuna occaſião.

O que ora nos cumpre, é dar conta da conclusão da critica de Siſmondi, com tanto maior contentamento, quanto, ſem embargo dos graves reparos de que aqui e acolá foi objecto o theatro de Calderon, deixa ainda erguido o inſigne dramaturgo em um elevado e grandioſo pedeſtal.

Eis como conclue Siſmondi:

«Inſtruimos o proceſſo de Calderon em preſença do leitor, e fizemos, como era juſto, ouvir ambas as partes. Não percamos de viſta que os defeitos por mim apontados não excluem as bellezas que o ſr. Schlegel aſſignalou; baſtantes poſſue, em verdade, Calderon, que o collocam nas fileiras dos poetas de imaginação mais rica

e original, e o tornam aſſignalado na ſua *maneira,* pela maior parte, delicada, agradavel e intereſſante [1].»

Em chegando a eſte logar, depois de termos ouvido Schlegel e Siſmondi, parece-nos indiſpenſavel expreſſar o noſſo peſſoal modo de ſentir e penſar. Tanto mais afoitamente nos deliberamos a proceder aſſim, quanto fica ſujeito—o que diſſermos—a ſer corrigido pelas auctoriſadas ponderações dos criticos heſpanhoes, de que no artigo immediato havemos de apreſentar a reſenha.

Ninguem pode negar a belleza admiravel da poeſia de Calderon. São encantadoras a harmonia e a doçura dos ſeus verſos, e a tal ponto, que, ao eſcutal-os, nos parece eſtar ouvindo muſica deliciosa. Mas tambem quando é neceſſario *uma furia grande e ſonoroſa*, jámais deixa Calderon de ſoltar *um ſom alto e ſublimado*, a que tão naturalmente ſe preſta a valente lingua caſtelhana.

Tão pouco ſe pode negar a ſua fecunda, poderoſa e viva imaginação, quando ſe attenta no conſideravel numero e variedade de ſuas producções dramaticas, e na diſpoſição, plano, economia e lances da maior parte d'elles.

É noſſa profunda convicção: 1.º que alguns dos defeitos de Calderon devem ſer lançados á conta do ſeculo em que viveu, e por conſequencia, das circumſtancias politicas, religioſas, moraes, e litterarias que o circumdavam;—2.º que todas as vezes que o grande dramaturgo pôde deſprender-ſe do ruim goſto do ſeu tempo, e eſcutar unicamente a voz da natureza e os conſelhos da razão, chegou effectivamente á maior altura a que pode chegar o talento poetico-dramatico.

Ha um dito de Schiller, que faz muita honra á memoria de Calderon de la Barca. Schlegel (Auguſto Guilherme) traduziu differentes peças do grande dramaturgo heſpanhol; e logo depois de apparecer aquella traducção, diſſe Schiller: *Quantas faltas não te-*

---

[1] *De la Littérature du midi de l'Europe,* tom. 2.º

riamos nós evitado, Goethe e eu, ſe mais cedo houveſſemos conhecido Calderon! [1]

Até aqui, o louvor; agora os reparos da critica imparcial.

É inſupportavel a *inchação* do eſtylo de Calderon em uma grande parte das ſuas compoſições; podendo, com juſtificada razão, aſſeverar-ſe que os *concetti* de Marini ſão raſgos de ſimplicidade, em comparação de algumas extravagancias d'aquelle.

Ha nos dramas de Calderon lances admiraveis, que poderiam dar occaſião a bellos traços do *ſublime*, se o dramaturgo attendeſſe aos brados da natureza, e exprimiſſe com ſimplicidade os ſentimentos verdadeiros do coração humano.

Calderon de la Barca, que não tinha diante de ſi, em uma época de corrupção, de fanatiſmo, e de abatimento politico e moral, qual foi a do ſeculo XVII em Heſpanha,—Calderon, dizemos, que não via os bons modelos de grandeza e de virtude, idealiſou os typos que á ſua phantaſia aprouveram: a altivez nobre, propria do antigo caracter caſtelhano, converteu-a em orgulho jactancioſo; e o ſentimento modeſto da dignidade humana, traduziu-o elle em uma ſuſceptibilidade exaltada, turbulenta, ſanguinaria.

Com referencia á religião, inclinamo-nos um tanto a encarar Calderon como o encarou o critico francez. Occaſião teremos, porem, de mais detidamente fallar d'eſta eſpecialidade, quando nos occuparmos com a notavel comedia —*La Devocion de la Cruz*.

No que reſpeita ao deſconhecimento da hiſtoria, confuſão dos factos e datas, coſtumes e caracter eſtrangeiros, em alguns caſos, força é convir com Siſmondi.

Mas o noſſo intento é ſubminiſtrar elementos ſeguros de informação; e por iſſo cumpriremos a promeſſa de ſujeitar o noſſo laudo ao juizo ſuperior dos criticos heſpanhoes.

---

[1] Goſtamos ſempre de abonar as noſſas aſſerções.

«Vers le même temps, M. Schlegel agrandiſſait ſes vues ſur l'art romantique par l'étude du théatre eſpagnol, et traduiſait pluſieurs pièces de Calderon, qui firent dire à Schiller: *Que de fautes Goethe et moi nous aurions évitées, ſi nous avions connu Calderon plus tôt!*» *(Ch. Galuſky)*

V

Defempenhando a promeffa que fizemos, vamos tomar nota do juizo fuperior de alguns criticos hefpanhoes; indo affim ao encontro de um reparo muito natural, e bem fundado, da parte dos nofffos leitores. Dirão elles que á noffa eftimativa falta o fêllo da auctoridade, e mais, infinitamente mais valiofo, é o voto dos efcriptores do reino vifinho, interpofto entre as opiniões encontradas de Schlegel e Sifmondi.

Infelizmente, porém, não podemos dar a efta efpecialidade a extenfão que defejaramos. Levar-nos-hia muito longe a publicação de todos os apontamentos que temos reunido a tal refpeito: o que aliás complica um tanto com as conveniencias da impreffão, attenta a eftreiteza do tempo.

Ouviremos, pois, um ou outro efcriptor, por fer de urgencia começar, quanto antes, o exame de algumas das mais notaveis compofições dramaticas de Calderon, como fendo effe o meio mais effectivo e feguro de proveitofo eftudo.

Um critico hefpanhol, Don Antonio Gil de Járate [1], admirador de Calderon, difcute d'efte modo o juizo formulado por Sifmondi:

---

[1] *Refumen de la Litteratura Efpañola.*
Encontramos tambem efcripto *Zarate,* em vez de *Jarate.*

«Ou ſeja defeito, ou ſeja belleza, os poetas caſtelhanos do ſeculo XVII poſeram mais a mira na phantaſia, do que na razão e no juizo. Quizeram antes deslumbrar, do que convencer. Preferiram quadros brilhantes e aſſombroſos á pintura fiel da natureza. Em vez de commoverem os corações, fazendo derramar lagrimas, propoſeram-ſe a recrear imaginações vivas e ardentes. Se iſto é defeito, defeito é de todo o noſſo theatro; e Calderon, que viera a ſer o complemento e a quinta eſſencia d'eſſe theatro, não podia deixar de ter aquelle defeito, antes, pelo contrario, havia de ir além dos ſeus predeceſſores, em fulgor e em magia. Seguindo o caminho que agradava á nação para quem eſcrevia, chegou ao extremo limite, e foi o enlevo dos ſeus contemporaneos. Se o despojarem d'eſſes defeitos, não ſerá já o poeta caſtelhano; deſapparece o ſeu preſtigio, aniquila-ſe o ſeu poder, e cae-lhe das mãos o ſceptro do imperio theatral.»

Aſſim vemos confeſſado, até certo ponto, o defeito que Siſmondi apontou, qual o da auſencia de ſenſibilidade, de ſingeleza, de ſimplicidade na expreſſão das bellezas naturaes e dos ſentimentos e paixões do coração humano. O que faz Járate, é deſculpar aquelle ſenão com a circumſtancia de haver querido o dramaturgo conformar-ſe com o que aos eſpectadores mais aprazia n'aquella época.

Proſigamos, porém, no arraſoado de Járate, e occaſião teremos de vêr que o illuſtre critico, com a nobre imparcialidade que o inſpira, não heſita em reconhecer a exiſtencia das arguidas maculas, mas procura attenual-as com a explicação do eſtado politico, moral, religioſo, e litterario da Heſpanha no referido ſeculo XVII.

Reparae na eloquente paſſagem que ſe ſegue:

«Eſſe eſpirito eſſencialmente heſpanhol; eſſa exuberancia de poeſia, que, na verdade, ultrapaſſava os limites permittidos; eſſa profuſão de imagens e de hyperboles; eſſa linguagem florida e muſical; eſſes caracteres ideaes; eſſa exaggeração de certos ſentimentos nobres e pundonoroſos; eſſa religioſidade, ſem duvida, ſuperſticioſa: tudo iſſo era o que enthuſiaſmava os eſpectadores, e os fazia

applaudir as comedias de Calderon; ao paſſo que, por eſſa meſma particularidade, ſão hoje menos concorridas no theatro. Não encontramos já, em taes dramas, os noſſos uſos, nem os noſſos affectos; buſcamos agora outro genero de ſenſações. Neceſſitamos de nos tranſportar, pelo penſamento, á época em que foram eſcriptas, —e iſto mais quadra aos homens de lettras, do que aos eſpectadores ordinarios, que ſó vão ao theatro para deſſructar prazeres conforme com o ſeu goſto actual. Aſſim como, porém, errado andaria Calderon, ſe, eſcrevendo agora, o fizeſſe do modo porque o fez,— egualmente teria ſido indiſcreto, ſe, vivendo n'aquella época, houveſſe ſeguido diverſo rumo.»

O critico heſpanhol não nega que attribuiu Calderon aos cavalleiros heſpanhoes uma exceſſiva altivez, incompativel com o eſtado decadente a que baixara a monarchia no ſeculo XVII. Semelhantemente reconhece o quanto foi funeſta a influencia da Inquiſição ſobre os coſtumes e ſentimentos religioſos.

Mas ao meſmo tempo entende que a preocupação de Siſmondi não o deixou ver as coiſas ſenão pelo ruim lado, ficando aſſim na impoſſibilidade de penetrar o que n'ellas poderia haver de nobre e reſpeitavel:

«Que eſtes heſpanhoes não eram já os do ſeculo anterior; que mantinham a altivez da ſua paſſada prepotencia, em contraſte com a decadencia da monarchia; que a Inquiſição influira, de um modo muito funeſto, nos ſeus coſtumes e ſentimentos religioſos: já o diſſemos, e n'eſta parte eſtamos de accordo com Siſmondi. Cremos, porém, que eſte eſcriptor vae demaſiadamente longe na ſua critica, e preocupado com a ſua idéa, deixa de ver a parte nobre e bella que aquellas qualidades teem, demorando-ſe unicamente no que merece vituperio. Reprova a *fanfarronice*, a tendencia para os diſturbios, e o caracter vingativo dos heroes de Calderon, os quaes, no ſeu conceito, ſó vivem no duello e no aſſaſſinio; mas não vê a honra que n'elles avulta, a lealdade, os ſentimentos cavalleiroſos, o corteſaniſmo, a generoſidade, e outros dotes, que, embora exaggerados, merecem por vezes elogio. Attribue ás mulheres relaxação

nos coſtumes; mas eſquece-ſe da delicadeza d'ellas até no amor mais ardente; nem o captivam a conſtancia e as virtudes de que dão moſtras. Por ultimo, ſtigmatiſa ſuperſtições, que por certo merecem reprovação; mas não entra no fundo do eſpirito verdadeiramente religioſo que anima ſempre o poeta, da ſua fé ardente, das ſuas crenças firmes, e d'aquelle eſtudo profundo dos myſterios chriſtãos, que deſenvolve com tanta philoſophia por entre torrentes de poeſia encantadora, ſabendo tirar effeitos theatraes do que ha de mais abſtracto em religião.»

Siſmondi não chegou a penetrar baſtantemente o talento dramatico de Calderon, revelado pelo bem tecido de muitas das ſuas comedias, e pelas engenhoſas combinações que ſobreſaem nos planos por elle traçados e brilhantemente deſenvolvidos.

Foram as manifeſtações d'eſſe talento eſpecial acolhidas e feſtejadas com extraordinarios applauſos dos contemporaneos, e nos tempos modernos mereceram eſtimação, principalmente da parte da illuſtrada critica da Allemanha.

Vejamos como Járate diſcorre a eſte reſpeito:

«Na parte artiſtica tambem Sismondi não faz juſttiça a Calderon. Nada diz do engenhoſo artificio com que eſtão diſpoſtos os ſeus dramas, nem das ſuas bem meditadas combinações, e perfeição de planos. Confeſſo que não é eſta a perfeição dos dramaticos francezes; confeſſo que não observa Calderon a unidade do tempo, nem do logar, varía frequentemente de ſcena, amontôa por vezes accidentes que bem poderiam ſer diſpenſados; mas, emfim era eſta a perfeição do genero que elle ſeguia. As ſituações enlaçam-ſe bem entre ſi, e ſe deduzem naturalmente umas das outras; o movimento da acção nunca pára; o intereſſe e a curioſidade creſcem a cada inſtante; vamos ſeguindo o argumento com facilidade; e ainda que o enredo ſe complica, ás vezes demaſiadamente, o deſenlace cauſa admiração, ſem comtudo ſer inveroſimil nem forçado. Até os incidentes que parecem ſuperfluos, ſão de ordinario neceſſarios para a intelligencia da fabula; e de tal modo estão travadas todas as ſuas fracções, que os *refundidores* que intentaram reduzir as ſuas

obras a compoſições mais regulares, ou não o conſeguiram, ou augmentaram a confuſão, o *imbroglio.*»

Uma bem entendida imparcialidade move o critico heſpanhol a concordar com Siſmondi, no que toca á falta de ſenſibilidade, e ao improprio da linguagem na expreſſão de impreſſões doloroſas:

«Sobreſaem, é verdade, nos dramas de Calderon idéas ſublimes, imagens atrevidas, antes do que os raſgos de ſenſibilidade e de paixão; mas, além de não ſer raro encontrar algumas paſſagens verdadeiramente ternas, e confeſſando que eſtragou muitas ſituações patheticas com o prurido de apreſentar uma poeſia extemporanea: é certo que deve ſer imputado eſte defeito ao ſyſtema e ao goſto da época. Não ha duvida que é preferivel em muitos caſos uma exclamação ſentida á mais bella amplificação poetica; mas o publico de Calderon não era d'eſte modo de penſar, e haveria tido na conta de pouco engenhoso o poeta que ſe contentaſſe com um *ah!* de horror, ao ver morta uma amante, em vez de manifeſtar a dôr com expreſſões, decididamente *deſnaturaes*, mas cheias de emphaſe e ponderoſas.»

O que vae, afinal, dizer-nos Járate refere-ſe a dois pontos capitaes: o 1.º o *eſtylo;* o 2.º a *verſificação.*

Em quanto ao primeiro ponto confeſſa que foi Calderon mais *gongorico* do que Lope de Vega, aliás com uma certa ſelecção; em quanto ao ſegundo, exalta, no mais ſubido grau, a fluencia, o fulgor, e a rara melodia dos verſos do grande poeta:

«Reconhecemos no eſtylo de Calderon todos os defeitos que lhe attribue Siſmondi; cumpre, porém, ter preſente que no ſeu tempo eſtava no maior auge o genero *culto*, e não ſó era difficil libertar-ſe d'elle, ſenão tambem o publico deſconceituaria o poeta que não ſeguiſſe aquelle rumo, hoje tão errado, aos noſſos olhos. Calderon é mais *gongorico* do que Lope, Tirſo e Moreto, pagando avultado

tributo ao *cultiſmo;* quem ler, porém, os ſeus dramas, ha de facilmente advertir que faz uſo d'eſte defeito, ſe aſſim pode dizer-ſe, com diſcrição e cordura, e como que fazendo ſelecção das paragens e das obras, em que pode incorrer n'elle com menor prejuizo dos effeitos theatraes. Fóra d'iſto, uma qualidade, em que vence a todos, e que Siſmondi não eſtava no caſo de apreciar, é a harmonia. A verſificação de Calderon é uma continuada muſica, que encanta e arrebata, produzindo uma eſpecie de extaſis celeſtial, a cujo effeito magico ſe perdoa tudo; ſuccedendo por vezes não ſe comprehender bem o que elle diz, mas ouvindo-ſe ſempre com prazer. Eſte dom da harmonia era n'elle inteiramente natural, ſem dever coiſa alguma á arte; brotavam-lhe da penna torrentes de doces verſos, como eſtão manando de algumas plantas os aromas, e do meſmo modo que eſtes ſobreſaem ainda por entre abrolhos, aſſim aquella melodia ſeductora ſe faz ſentir apeſar de muitos defeitos que eſcurecem o eſtylo. Baſtos ſão eſtes defeitos; e afóra os já apontados, devemos mencionar a obſcuridade e a incorrecção.»

Conclue o douto critico o ſeu arrazoado, exarando algumas advertencias meramenſe didacticas. Com quanto não entre no quadro do noſſo plano eſte aſpecto da queſtão, regiſtaremos aqui as breves expreſſões que a eſſa particularidade ſe referem, e que, em todo o caſo, podem ſer de proveito para os eſtudioſos:

«É de notar, em verdade, o deſalinho com que amiudadas vezes eſcreve Calderon. Por eſta, e por outras circumſtancias que havemos expoſto, nos parece que não é Calderon o primeiro auctor que deva andar nas mãos da mocidade. Embora do eſtudo d'elle ſe colha grande proveito, é comtudo neceſſario, para o ler, que eſtejam formados já o juizo e o bom goſto; de outra ſorte, os moços, deſlumbrados pelo fulgor das qualidades do dramaturgo, e ſeduzidos pelo encanto da harmonia dos verſos, poderão deixar de ver os defeitos; acoſtumar-ſe-hão a elles; imital-os-hão; expondo-ſe aſſim a não penetrarem as ſuas bellezas.»

Daremos ainda conta do juizo critico de um eſcriptor do reino viſinho, de grande nomeada na republica das lettras, e muito auctoriſado nas queſtões litterarias. Queremos fallar de Martinez de la Roſa.

Apreſentaremos um reſumo ſubſtancial de tão ponderoſo juizo, viſto como nos alargámos muito nas citações precedentes.

Calderon era dotado do mais agudo engenho; de imaginação menos vehemente do que ouſada e florida; de invenção menos vaſta que a de Lope de Vega, mais ſubtil, porém, e mais artificioſa; não tão rico em linguagem como elle, mas tambem facil e puro; bom verſificador, ainda que menos excellente poeta. Lope de Vega tirou a comedia do deſalinho e ruſtidicidade, dando-lhe ouſamento e decoro; Calderon foi um poeta de côrte, e da côrte de Filipe IV.

Calderon tinha grande talento, e não era eſcaſſa a ſua inſtrucção, com quanto não foſſe eſta—nem ſã, nem bem eſcolhida. Naſceu, porém, em uma época de contagio, qual a do reinado da affectação e do *cultiſmo;* e vendo ante ſi um Lope de Vega, que tanto havia brilhado, não obſtante haver ſacudido as peias da arte, ſentiu-ſe mais inclinado a oſtentar os dotes eſpontaneos do engenho, do que aquelles que ſe adquirem á cuſta de continuo trabalho e de penoſas obſervações; julgando ſer mais facil e liſongeiro pintar com liberdade e graça, do que ſujeitar-ſe a retratar fielmente caracteres e coſtumes poſitivos. A indole do ſeu talento, o exemplo dos demais dramaturgos, o goſto do publico... tudo o convidava a introduzir nos ſeus dramas a novidade e o artificio, muito mais do que a imitação e a verdade.

Calderon malbaratou uma grande parte das ſuas forças na compoſição de *dramas heroicos*, fundados ſobre as proezas da *Gran Cenobia;* ſobre a vida de *Semiramis—La hija del aire;* ſobre os contos de Roldão e do gigante Galafrate no *Puente de Mantible;* ſobre as aventuras de um principe da Polonia, que o pae prendera como ſe prende uma fera; ſobre os impetos de Coriolano e as lagrimas de Veturia; e ſobre outros e quejandos aſſumptos, tão improprios da verdadeira comedia!

¿Que ſuccedeu pois? Succedeu que o poeta não ſe embaraçou com a veroſemelhança do plano, nem com o curſo natural dos incidentes, nem com a verdade dos caracteres. Tranſtornou a hiſtoria, confundiu os factos, e commetteu os erros mais craſſos na geographia e na chronologia; e como não podia pintar convenientemente coſtumes e caracteres tão variados, conformando-ſe com as exigencias de cada um dos dramas — em quanto á nacionalidade, tempo, e demais circumſtancias —, deu-ſe por ſatiſfeito com amontoar incidentes, enredando-os com algum artificio, e devaneando, no eſtylo bombaſtico que o depravado goſto d'aquelle tempo conceituava de ſublime.

Nas comedias de *Capa y eſpada* humaniſou-ſe um pouco mais, deſcendo das nuvens, e principiando a piſar o ſolo da terra. N'eſſas taes já vemos em ſcena alguns quadros da vida civil, intrigas domeſticas, acontecimentos communs entre particulares, aſſumptos proprios da comedia, e mais adequados para dar ao eſtylo, ao dialogo, e á verſificação uma tendencia mais natural e judicioſa.

¿Foi, porém, Calderon um rigido cenſor dos coſtumes do ſeu tempo? Não. É frequente ver nas ſuas comedias não ſó deſculpadas, mas ennobrecidas e coroadas com o mais feliz exito, acções que mereciam vituperio e aſpera cenſura. Em vez de caſtigar em cada um dos ſeus dramas um determinado vicio, ou um determinado caracter, ſó tratou de emmaranhar incidentes, e tornar intereſſante e divertido o enredo. Alguns dos ſeus incidentes ſão tão repetidos, que afinal adquiriram a denominação de *lances de Calderon;* e no que reſpeita a caracteres, é força confeſſar que não apreſentam variedade; o primeiro galan é ſempre valente e favorecido; as damas namoradeiras e deſenvoltas; depois do galan apparece o queixoſo e importuno; depois da heroina vem a mulher deſpeitada e ciumenta; os paes ſão neſcios; os irmãos *eſpadachins;* os criados chocarreiros, inſolentes, entremetidos.

No que brilha Calderon, é no artificio dramatico, — talento precioſo que os ſeus contemporaneos applaudiram, e de que os paizes eſtrangeiros, e particularmente a Allemanha, teem goſtado mui-

to. *La Dama duende; Casa de dos puertas mala es de guardar; El secreto á voces; No hay burlas con el amor; Peor está que estaba;* e outras composições dramaticas de Calderon, revelam o merecimento especial que fica apontado; sendo aliás muito para sentir que a razão e o bom gosto não moderassem a phantasia do dramaturgo, e a cohibissem de multiplicar incidentes, que ás vezes cançam e confundem.

Afóra a invenção e o artificio, mostra tambem Calderon de la Barca, nos seus dramas, uma urbanidade amena, uma dicção purissima, uma versificação agradavel [1].

Lamentamos não poder apresentar um juizo critico de Don José Quintana ácerca de Calderon de la Barca, que seja digno de ambos. Infelizmente apenas encontramos a seguinte apreciação, que está muito longe de satisfazer ao que podia esperar-se, e fica muito áquem das qualidades e defeitos de Calderon, que aliás demandavam mais amplo desenvolvimento:

Tal de consejo y reglas impaciente,
Audaz inunda la española escena
El ingenio de Lope omnipotente;

Y con su dulce inagotable vena,
Con su varia invencion, con su ternura,
De asombro y gusto á sus oyentes llena.

Mas enérgico y grave, á mas altura
Se eleva Calderon, y el cetro adquiere
Que aun en sus manos vigorosas dura.

Dichoso si á la fuerza con que hiere,
Si al fuego, si á la noble bizarría,
En que hacerle olvidar ninguno espere,

[1] Veja *Obras litterarias de Don Francisco Martinez de la Rosa.* Paris, 1827, tom. 2.º *Apendice sobre la Comedia Española.*

Uniera ſu valiente poeſía
La variedad de formas y ſemblante
Que á cada actor diferenciar debia [1].

Não podemos deixar de mencionar o juizo critico do Don Antonio Alcalá Galiano,—notavel pela conciſão nervoſa da expreſſão, finura e imparcialidade da apreciação:

«Al frente de los autores eſpañoles en eſte ramo, merece ſer y eſtá pueſto Don Pedro Calderon de La Barca: en la invencion feliz, en la formacion del enredo y deſenredo de ſus comedias, ingenioſo y acertado; en idear caractéres, *caſi ſiempre comun*, aunque en raras ocaſiones, como en ſu Segiſmundo de *La vida es ſueño*, en ſu *Alcalde de Zalamea* y otros, aun en eſto acertó á ſer eminente; en ſus conceptos valiente, *ſi bien con frecuencia afectado*; con altas calidades para lirico, para tragico, para cómico, *con frequencia desperdíciadas por ſutilezas, hinchazon* y *pedantería;* con fluidez, ſoltura, pompa, ſonoridad en la verſificacion; ya natural en la expreſion, *ya violento:* una de las primeras glorias de Eſpaña, en fin, aunque por muchos años taſada en menos de ſu juſto valor, y hoy acaſo, á conſecuencia de los elogios de algunos extranjeros, repetidos por no pocos de ſus paiſanos, avaluado en grado todavia ſuperior al de ſu verdadero merecimiento [1].»

Fôra deſcuido imperdoavel noſſo não citar com louvor o muito

---

[1] *Las Reglas del Drama. Enſayo didáctico.*

Cumpre notar que eſta compoſição data do anno de 1791, no qual foi apreſentada á *Academia Eſpañola* para o concurſo por ella aberto aos poetas; não mereceu premio, do meſmo modo que o não mereceram outras compoſições que entraram no concurſo. Trata-ſe, pois, de uma obra de principiante que não tinha n'aquella época ſenão vinte annos incompletos.

[2] *Hiſtoria de Eſpaña, redactada y anotada con arreglo á la que eſcribió en inglez el doctor Dunhan.* (Madrid, 1845, tomo v)

erudito e enthuſiaſtico *Prologo* do vol. VII da *Bibliotheca de Autores Eſpañoles*, elaborado por Don Juan Eugenio Hartzenbuſch.

Deſtacaremos d'eſſe erudito e ſentencioſo eſcripto alguns enunciados, que, ou nos parecem luminoſos, ou dão occaſião a que poſſa ver-ſe o eximio dramaturgo á luz de differentes principios.

¿Será acaſo inconteſtavel que não ha que buſcar doutrina no theatro do Calderon?

A eſte reſpeito encontramos no *Prologo* uma engenhoſa reſpoſta, que reproduziremos no original, para lhe conſervarmos toda a ſua força:

«Fundado el drama de Calderon ſobre la precioſa baſe del honor convertido en nacionalidad, claro es que eſte drama no podia ménos de ſer útil, beneficioso, civilizador y moral..... Por ventura, el enſeñar á ſer hombre de honor y buen caballero ¿nada ſupone? Supone tanto, que eſta ſola enſeñanza excuſa la mayor parte de los documentos dados por los autores cómicos de la eſcuela franceza. Molière, el gran Molière, el poeta cómico, el poeta filoſofo por excellencia, ¿qué decia al público á quien dirigia ſus lecciones? «Hombre que me eſcuchas, no ſeas miſantrópo, no ſeas avariento, no ſeas hipócrita, no apalees à tu mujer, no te dejes caſar á palos.» Calderon, maeſtro de caballeros, no tenia neceſidad de inculcar ninguna de eſtas máximas, porque el caballero cumplido ni es enemigo de los hombres, ni es miſerable, ni aparenta la ſantidad que no tiene, ni da palos ni los recibe. Da, ſi, y recibe cuchilladas, contraviniendo al quinto mandamiento y á los bandos de policia; pero ni los valientes lo ſon de balde, ni la templanza es la virtud que deſcuella mas en los enamorados.»

Não pode dizer-ſe que não exiſta no theatro de Calderon a *pintura de caracteres;* deve, porém, confeſſar-ſe que não é elle tão feliz, n'eſte particular, quanto o foi na diſpoſição do plano de ſuas compoſições, e no emprego de expedientes proprios para produzir, manter e avivar a curioſidade e o intereſſe.

A *unidade de acção* é ſempre reſpeitada por elle; não aſſim a do *tempo e do logar*. Eſta ultima é infringida algumas vezes ſem neceſſidade; mas outras vezes muito opportunamente.

Era *opinião de homens graves*, em vida de Calderon e logo depois do ſeu fallecimento, que abundavam as comedias delle em doutrina moral para reformação, advertencias para os perigos, emenda á cuſta do trabalho ou caſtigo, deſenganos para os incautos.

Deve ſer cenſurado um defeito de Calderon, qual é o de tranſportar uma perſonagem de um ponto para outro, ſem outra preparação ou artificio mais do que dizer ella: *Ahora eſtoy en mi caſa; ahora eſtoy en la calle; ahora eſtoy en el cuarto de mi querida.*

São reprehenſiveis os falſos teſtemunhos que levantou á *hiſtoria e á geographia*. ¿Servir-lhe-ha de deſculpa a impreterivel neceſſidade de agradar ao publico, que ſó queria ver reproduzidos os uſos e coſtumes contemporaneos, e não poderia comprehender nem ſaborear o que era dos tempos antigos?

Muitas das compoſições hiſtoricas e mythologicas de Calderon foram eſcriptas para as feſtas da côrte de Filippe IV e Carlos II, e por iſſo tinham eſſencialmente a natureza de espectaculoſas, e não podiam primar pela exacção, pelo rigor da realidade, pelo diſcreto e ordenado theor normal.

Se o *eſtylo* parece, ou menos claro, ou exceſſivamente florido, ou deſagradavelmente affectado, ou declamatorio, em differentes logares: quer o *Prologo* que, pelo penſamento, nos tranſportemos ao tempo de Calderon. São, a eſte propoſito, muito ſignificativas as ſeguintes expreſſões originaes:

«El eſtylo de Calderon era corriente en ſu tiempo, uſandoſe aun en los aſuntos mas familiares, aun en las cartas; habiaſe ſuſ-

tituido la ſignification figurada á la propia en las voces, y la metáfora tenia el valor miſmo de la locucion ſimple y genuina... Aquella afectacion, aquella declamacion, aquella impropiedad en la manera de expreſar el ſentimiento, *defecto graviſimo de nosotros*, no era grave, ni aun era defecto en el ſiglo de Lope: dada la ſituacion, y pueſtos en ſu lugar los accidentes principales de ella, el eſpectador la comprendia, la ſentia; y lejos de ofenderſe por las galas de ingenio que el amor deſplegaba alli, hubiera echado menos ſu falta, ſi el eſcritor hubieſe reſpectado mas eſcrupuloſamente la verdad y el arte.»

E em nota a eſte logar diz: «Bien la conocia Calderon, cuando en *El acaſo y el error* eſcribió eſtos verſos, deſpues de una eſcena de ſutilezas amoroſas:

FABIO

¡Palaciegas diſcreciones!
Poco fruto y mucho ruido.

FISBERTO

Déjalos vivir, *pues de eſto*
Se pagan los entendidos.

Mas... renunciaremos a ouvir outros criticos [1].

É já tempo de procedermos ao exame eſpecial de algumas das compoſições dramaticas.

---

[1] Teem os noſſos viſinhos de Heſpanha uma precioſa collecção litteraria, intitulada *Bibliotheca de autores eſpañoles deſde la formacion del lenguaje haſta nueſtros dias.*

Ahi encontrarão os leitores a indicação de apreciações feitas por criticos heſpanhoes, e tambem por eſtrangeiros, que não coube no poſſivel regiſtar, *brevitatis cauſa.*

VI

Temos já um tal ou qual conhecimento de algumas comedias de Calderon, pelos excerptos que julgámos dever apresentar, como exemplo das bellezas ou dos defeitos que a critica se incumbiu de assignalar.

Entre essas composições figuram as seguintes:

El principe constante.—La banda y la flor.—Nadie fie su secreto.—Amor despues de la muerte.—Las armas de la Hermosura.—Affectos de amor y odio.—El mayor monstruo los celos.—La Virgen del Sagrario.—En esta vida todo es verdad y todo es mentira.—Los dos amantes del cielo.

Não é isto, porém, bastante para podermos avaliar o verdadeiro valor do insigne dramaturgo. Para se conseguir este resultado, torna-se necessario proceder a um exame especial de algumas das mais notaveis composições de Calderon, entrando n'este numero duas das que acima ficam apontadas.

Encetamos agora esse trabalho, que temos na conta de profi-

cuo, ſe bem que demanda imperioſamente a paciencia, que ſó o amor das lettras dá aos ſeus cultores.

Começaremos pela comedia—*La vida es ſueño*—por ſer a prique figura na relação enviada pelo poeta ao duque de Veragua, e por ter merecido grandes gabos.

Daremos antes de tudo uma breve idéa do enredo da peça.

Baſilio, rei da Polonia, querendo ſaber qual ſeria a ſorte que o deſtino reſervava para um filho ſeu, julgou conveniente rodear-ſe das *luzes da aſtrologia*. Conſultando as eſtrellas, veiu no conhecimento de que o principe o havia de abater e humilhar no decurſo do tempo. Para evitar eſte perigo, fez encerrar ſeu filho em uma torre ſolitaria, e como que eſcondida no meio de alcantiladas rochas. N'aquella torre eſteve por muitos annos preſo o principe, veſtido de pelles, e incommunicavel com os ſeres humanos, á excepção de um aio que lhe ſervia de meſtre, e ao meſmo tempo era o ſeu guarda.

Quando o principe chegou á edade adulta, quiz ſeu pae experimentar, ſe conviria dar-lhe a liberdade, ou ſe, pelo contrario, devia conſerval-o preſo como até então. Mandou pois dar um narcotico ao principe, e no eſtado de ſomnolencia profunda o fez entrar no palacio, aguardando o que elle ſaria quando acordaſſe. O principe, logo que acordou, deu inequivocas moſtras de ferocidade extraordinaria nos ſeus inſtinctos, e começou a praticar todo o genero de exceſſos e deſatinos brutaes.

A experiencia não ſaiu muito liſongeira para o principe; e por iſſo forçoſo foi recorrer de novo ao narcotico, para o tranſportarem outra vez á torre. Em chegando ali, recobrou o principe os ſentidos, e vendo-ſe na ſua anterior e tão miſeravel ſituação, principiou a reflectir no ſonho que lhe pareceu haver tido.

Decorreu depois d'iſto algum tempo, e uma ſublevação popular vem arrancar da priſão o principe captivo, quando já, por ſua boa fortuna, tinha elle reſolvido na mente ſer brando, ſubmiſſo e mo-

derado. Ainda aſſim, era indiſpenſavel que o vaticinio ſe cumpriſſe: põe-ſe á frente dos ſublevados, e reduz ſeu pae á dura extremidade de vir proſtrar-ſe-lhe aos pés. N'eſte lance moſtra-ſe magnanimo o principe victorioſo; rende vaſſalagem ao rei, ſeu pae, e torna-ſe d'então em diante admiravel por ſuas excellentes qualidades.

São actores no drama as ſeguintes perſonagens:

Basilio, rei da Polonia.
Segismundo, filho d'aquelle, e preciſamente o principe captivo na torre.
Astolfo, duque de Moſcovia.
Clotaldo, velho, meſtre e guarda do principe captivo.
Estrella, infanta.
Rosaura, dama da infanta.
Clarin, criado e gracioſo.

Rompe a ſcena Rosaura, acompanhada de Clarin, e começa por dirigir uma apoſtrophe extravagante, e inteiramente *gongorica,* ao cavallo, que ſe lhe deſbocara:

ROSAURA

Hipogrifo violento
Que corriſte parejas con el viento,
¿Donde *rayo ſin llama,*
Pájaro ſin matiz, pez ſin eſcama,
Y bruto ſin inſtinto
Natural, al confuſo laberinto
Deſtas deſnudas peñas
Te deſbocas, arraſtras y deſpeñas?
Quédate en eſte monte,
Donde tengan los brutos ſu Faetonte;
Que yo ſin mas camino
Que el que me dan las leys del deſtino,
Ciega y deſeſperada
Bajaré la aſpereza enmarañada
Deſte monte eminente,

Que arruga al ſol el ceño de ſu frente.
Mal, Polonia, recibes
A un extranjero, pues con ſangre eſcribes
Su entrada en tus arenas,
Y apénas llega, cuando llega á penas.
Bien mi ſuerte lo dice:
¿Mas donde halló piedad un infelice?

Sublinhámos as paſſagens mais eivadas de *gongoriſmo*, mais extravagantes, de propoſito para ajudar os leitores a reconhecerem que não é cenſurado Calderon ſem razão, no tocante a linguagem e eſtylo, em muitos logares das ſuas compoſições. D'aqui em diante faremos o meſmo (nos excerptos que havemos de apreſentar) todas as vezes que encontrarmos expreſſões, phraſes ou paſſagens, que mereçam cenſura.

Deſde logo, porém, e de caminho poderão ſaborear a belleza da verſificação, reparando na doçura, harmonia e tom muſicàl de um grande numero de verſos; e, finalmente, admirar o fulgor da poderoſa imaginação do immortal dramaturgo.

Roſaura deſcobre uma pequena luz, e ouve ſuſpiros. Era o principe Segiſmundo quem exhalava gemidos e queixas, na torre onde jazia captivo. Roſaura põe-ſe a eſcutar o principe, que aſſim deſafoga os ſeus pezares:

SEGISMUNDO

¡Ai miſero de mi! ¡Ay infelice!
Apurar, cielos, pretendo,
Ya que me tratais aſi,
Qué delito cometi
Contra voſotros naciendo:
Aun que ſi naci, ya entiendo
Qué delito he cometido:
Baſtante cauſa ha tenido
Vueſtra juſticia y rigor,

Pues el delito mayor
Del hombre es haber nacido.

Solo quiſiera ſaber
Para apurar mis deſvelos,
(Dejando á una parte, cielos,
El delito del nacer),
¿Qué mas os pude ofender,
Para caſtigarme mas?
¿No nacieron los demas?
Pues ſi los demas nacieron,
¿Qué privilegios tuvieron
Que yo no gocé jamas?

Vêde como o magico talento de Calderon faz do principe captivo, do principe incommunicavel e inculto, um poeta eminente!

Nace el ave, y con las galas
Que la dan belleza ſuma,
Apenas es flor de pluma
O ramillete con alas,
Cuando las etéreas alas
Corta con velocidad
Negándoſe á la piedad
Del nido que deja en calma;
¿Y teniendo yo mas alma
Tengo menos libertad?

Nace el bruto, y con la piel
Que dibujam manchas bellas,
Apénas ſigno es de eſtrellas
(Gracias al docto pincel),
Cuando atrevido y cruel,
La natural neceſſidad
Le enſeña á tener crueldad,
Mónſtruo de ſu laberinto:
¿Y yo con mejor inſtinto
Tengo menos liberdad?

Nace el pez, que no reſpira,
Aborto de ovas y lamas,

Y apenas bajel de eſcamas
Sobre las ondas ſe mira,
Cuando á todas partes gira,
Midiendo la inmenſidad
De tanta capacidad
Como le da *el centro frio:*
¿Y yo com mas albedrío
Tengo menos libertad?

Nace el arroyo, *culebra*
Que entre flores ſe deſata,
Y apénas, *ſierpe de plata,*
Entre las flores ſe quiebra,
Cuando múſico celebra
De las flores la piedad
Que le da la majeſtad
Del campo abierto á ſu huida:
¿Y teniendo yo mas vida
Tengo menos libertad?

En llegando á eſta paſion,
Un volcan, un Etna hecho,
Quiſiera arrancar del pecho
Pedazos del corazon:
¿Qué ley, juſticia ó razon
Negar á los hombres ſabe
Privilegio tan ſuave,
Excepcion tan principal,
Que Dios le ha dado *á un criſtal,*
A un pez, á un bruto y á un ave?

São mui bellas de poeſia eſtas decimas, que provavelmente andam na memoria de todos os heſpanhoes inſtruidos; mas os leitores hão de confeſſar que não é aſſim que a dôr ſe exprime e deſafoga. Cabe aqui e mui juſtificadamente, a cenſura que a Calderon faz Siſmondi como atraz vimos: «Calderon dá á dôr uma linguagem de tal modo poetica, faz-lhe buſcar imagens tão ineſperadas, e juſtifica tão cuidadoſamente as que foi buſcar a longes diſtancias,

que ceſſamos de laſtimar o individuo que tão completamente ſe diſtrae, movido do propoſito de oſtentar engenho.»

Roſaura, como bem pode prever-ſe, apreſenta-ſe ao principe captivo, que aſſim exprimira os ſeus queixumes. Pela primeira vez tem o principe occaſião de ver uma creatura humana, differente da de Clotaldo, ſeu meſtre e guarda; e facil é de adivinhar o enleio em que ficaria.

O poeta pinta vivamente o ſobreſalto de Segiſmundo e a impreſſão profunda que eſte recebera. Laſtima é que o dramaturgo não eſcutaſſe mais a voz da natureza, e ſingelamente debuxaſſe uma ſituação que tanto ſe preſtava a bellos raſgos de ternura e ſenſibilidade!

Roſaura, que ouviu perfeitamente os queixumes de Segiſmundo, manifeſta em alta voz a ſua compaixão. O principe, confuſo, pergunta ſe foi Clotaldo quem o ouviu. Quando ſabe que outras peſſoas o eſtiveram eſcutando, indigna-ſe, e quer deſpedaçar Roſaura; mas eſta implora piedade, e, com a voz inſinuante que a natureza deu ao ſexo gentil, deſarma o feroz captivo:

ROSAURA

Temor y piedad en mi
Sus razones han cauſado.

SEGISMUNDO

¿Quien mis voces ha eſcuchado?
?Es Clotaldo?

CLARIN *(á parte á ſu amo)*[1]

Dí que ſi.

ROSAURA

No es ſino un triſte (¡ay de mi!)

[1] Roſaura eſtá veſtida em traje de homem.

Que en eſtas bóvedas frias
Oyó tus melancolías.

SEGISMUNDO

Pues muerte aqui te daré
Por que no *ſepas que ſé*
Que ſabes flaquezas mias. *(Aſela)*
Solo por que me has oido,
Entre mis membrudos brazos
Te tengo de hacer pedazos.

CLARIN

Yo ſoy ſordo, y no he podido
Eſcucharte.

ROSAURA

Si has nacido
Humano, baſte el poſtrarme
A tus piés para librarme.

SEGISMUNDO

Tu voz pudo enternecerme,
Tu preſencia ſuſpenderme
Y tu reſpeto turbarme.
¿Quien eres? que aunque yo aquí
Tan poco del mundo ſé,
Que cuna y ſepulchro fué
Eſta torre para mí:
Y aunque deſde que nací
(Si eſto es nacer) ſolo advierto
Eſte rúſtico deſierto,
Donde miſerable vivo
Siendo un eſqueleto vivo
Siendo un animado muerto:
Y aunque nunca ví ni hablé,

Sino á un hombre ſolamente
Que aquí mis deſdichas ſiente,
Por quien las noticias ſé
De cielo y tierra, y aun qué
Aquí, por que mas te aſombres
Y monſtruo humano me nombres,
Entre aſombros y quimeras,
Soy un hombre de las fieras,
Y una fiera de los hombres:
Y aunque en deſdichas tan graves
La politica he eſtudiado,
De los brutos enſeñado,
Advertido de las aves,
Y de los aſtros ſuaves
Los circulos he medido;
Tu ſolo, *tu has ſuſpendido*
La paſion á mis enojos,
La admiracion á mí oído.
Con cada vez que te veo
Nueva admiracion me das,
Y cuando te miro mas
Aun mas mirarte deſeo

Até aqui, ſalvas as antitheſes e affectações que aſſignalámos, ainda Segiſmundo ſe foi contendo um tanto nos limites da expreſſão natural e ſimples: mas, na reſtante parte do ſeu arraſoado, rompe todos os diques, e deſpenha-ſe, qual uma torrente, nas profundezas do gongoriſmo:

Ojos hidrópicos creo
Que mis ojos deben ſer;
Pues cuando es muerte el beber,
Beben mas, y deſta ſuerte,
Viendo que el ver me da muerte,
Eſtoy muriendo por ver.
Pero véate yo y muera;
Que no ſé, rendido ya,
Si el verte muerte me da,

El no verte qué me diera.
Fuera, mas que muerte fiera,
Ira, rabia y dolor fuerte;
Fuera muerte: desta suerte
Su rigor he ponderado,
Pues dar vida á un desdichado
Es dar á un dichoso muerte.

Oiçamos a respoſta de Roſaura:

ROSAURA

Con aſombro de mirarte,
Con admiracion de oirte,
Ni ſé qué pueda decirte,
Ni qué pueda perguntarte:
Solo diré que a eſta parte
Hoy el cielo me ha guiado
Para haberme conſolado,
Si conſuelo puede ſer
Del que es deſdichado, ver
Otro que es mas deſdichado.
Cuentan de un ſabio, que un dia
Tan pobre y míſero eſtaba,
Que ſolo ſe ſuſtentaba
De unas yerbas que cogia.
¿Habrá otro (entre ſí decia)
Mas pobre y triſte que yo?
Y quando el roſto volvió,
Halló la reſpueſta, viendo
Que iba otro ſabio cogiendo
Las hojas que él arrojó.
Quejoſo de la fortuna
Yo en eſte mundo vivia,
Y cuándo entre mi decia:
¿Habrá otra perſona alguna
De ſuerte mas importuna?
Piadoſo me has reſpondido;
Pues volviendo en mi ſentido,
Hallo que las penas mias

Para hacerlas tu alegrias
Las hubieras recogido.
Y por ſi acaſo mis penas
Pueden en algo aliviarte,
Oyelas atento, y toma
Las que dellas me ſobraren.
Yo ſoy...

Eſta reſpoſta de Roſaura é muito melhor do que o diſcurſo de giſmundo, no que reſpeita á ſingeleza da expreſſão; no demais, vemos de confeſſar que é um eſtranho modo de conſolar um in-iz, o dizer-lhe: *Eu imaginava ſer a mais deſditoſa das creaturas; s agora vejo que ſois muito mais deſgraçado que eu!*

Mas proſigamos.

Roſaura e Clarin tinham entrado na torre, approveitando-ſe um deſcuido das ſentinellas; Clotaldo, o aio do principe, fica maior deſeſperação, brada ás armas, e dá aos ſoldados a ſe-inte ordem:

O prendedles ó matadles;

e dá logar a um chiſtoſo remoque de Clarin:

Guardas deſta torre
Que entrar aqui nos dejaſteis,
Pues que nos dais á eſcoger
El prendernos es mas facil;

ſorte que parece ficar aſſim corrigido o diſparate da diſjunctiva: *prendedles ó matadles.*

Eis aqui agora o *ſingelo* diſcurſo que a Roſaura e Clarin di-;e Clotaldo:

O vofotros que ignorantes,
De aquefte vedado fitio
Coto y termino pafafteis
Contra el decreto del Rey,
Que manda que no ofe nadie
Examinar el prodigio
Que entre efos peñafcos yace,
Rendid las armas y vidas,
O aquefta pifiola, afpid
De metal, efcupirá
El veneno penetrante
De dos balas, cuyo fuego
Será efcándalo del aire.

¿Pode acafo prefumir-fe que o aio de um principe, encarregado de guardar um depofito de tal natureza, eftiveffe, em occafião tão grave, a alambicar conceitos, e a dizer lindos nadas, para oftentar agudeza e engenho?

Clotaldo, em prefença do que lhe diz Rofaura, e á vifta de uma efpada que lhe entrega, conhece que tem diante de fi o feu proprio filho, e affim difcurfa:

CLOTALDO *(á parte)*

¡Valgame el cielo, qué efcucho!
Aun no fé determinarme
Si tales fucefos fon
Ilufiones ó verdades.
Efta es la efpada que yo
Dejé á la hermofa Violante,
Por feñas que el que ceñida
La trajera, habia de hallarme
Amorofo como hijo,
Y piadofo como padre.
¿Pues qué he de hacer (¡ay de mí!)
En confufion femejante,
Si quien la trae por favor,
Para fu muerte la trae,

Pues que ſentenciado á muerte
Llega á mis piés? ¡Qué notable
Confuſion! Que triſte hado!
¡Qué ſuerte tan inconſtante!
Eſte es mi hijo, y las ſeñas
Dicen bien con las ſeñales
Del corazon, que por verlo
Llama al pecho, y en él bate
Las alas, y no pudiendo
Romper los candados, hace
Lo que aquél que eſtá encerrado,
Y oyendo ruido en la calle
Se aſoma por la ventana:
El aſi, como no ſabe
Lo que paſa, y oye el ruido,
Va á los ojos á aſomarſe,
Que ſon ventanas del pecho
Por donde en lágrimas ſale.

O coração, *a não poder romper os cadeados, e a aſſomar-ſe á 'a, iſto é, aos olhos, que ſão janellas do peito; e a ſemelhança) encarcerado que ouve eſtrondo na rua e chega á janella ...* iſto é tão *amaneirado,* tão pueril, que não parece ter ſaido :nna de um homem de ſão juizo, qual é Calderon.

Continúa ainda o deſcommunal *á parte* de Clotaldo. Seguem-ſe]uarenta ou cincoenta verſos, em que diſcute comſigo meſmo, de revelar ao rei o ſegredo da paternidade. De todo eſſe diſ- deſtacaremos apenas eſta bella ſentença:

..... el honor
Es de materia tan fragil
Que con una accion ſe quiebra
O ſe mancha con un aire.

Dirigindo-ſe depois Clotaldo a Roſaura e Clarin, diz:

Venid conmigo, extranjeros,
No temais, no, de que os falte
Compañia en las desdichas,
Pues en duda semejante
De vivir ó de morir,
No sé cuales son mas grandes.

Járate, que tambem dá uma noticia d'este drama, ainda que muito mais abreviada do que a nossa, allega a passagem que deixamos transcripta, e faz a seguinte ponderação:

«Esta maneira de considerar a honra e a lealdade, ás quaes se sacrifica tudo, até os affectos mais ternos da alma, era a regra de procedimento dos cavalleiros da época de Calderon. *Tem, na verdade, essa regra, um tanto de barbaridade;* mas a honra e a lealdade não são coisa alguma, se não se encaram assim; e só d'est'arte produziram acções heroicas em todos os tempos. Afóra isso, sentimentos taes estão na indole da civilisação moderna; e Calderon, ao manifestar-se tão penetrado d'elles, não é o representante de uma época de abatimento, senão o interprete de todos os peitos nobres, no periodo em que as leis da cavallaria estiveram em voga em toda a Europa.»

Graças a Deos, nos dias de hoje não exaggeramos tanto os sentimentos nobres, quaes são os da honra e da lealdade. Respeitamos o *dever;* mas não o suppomos incompativel com as exigencias da sensibilidade do coração humano. Na hypothese do drama de Calderon, a infracção praticada pelo filho de Clotaldo não é intencional, não merece o castigo de morte, nem reduz um pae á dura necessidade de sacrificar um filho, suffocando assim o amor filial que a natureza gravou no coração do homem.

Calderon transporta o espectador a uma sala do palacio real; de um lado sae Astolfo, duque de Moscovia, acompanhado de sol-

dados, e do outro vem a infanta Eſtrella com as ſuas damas. Ouve-ſe uma banda de muſica militar, e ſalvas de artilheria.

Oiçam agora os cumprimentos que o duque de Moſcovia faz á infanta:

ASTOLFO

Bien al ver los excelentes
Rayos, que fueron cometas,
Mezclan ſalvas diferentes
Las cajas y las trompetas,
Los pájaros y las fuentes:
Siendo con múſica igual,
Y con maravilla ſuma,
A tu viſta celeſtial
Unos, clarines de pluma,
Y otras, aves de metal;
Y áſſí os ſaludan, ſeñora,
Como á ſu reina las balas,
Los pájaros como Aurora,
Las trompetas como á Palas
Y las flores como á Flora;
Por que ſois, burlando el dia
Que ya la noche deſtierra,
Aurora en el alegria,
Flora en paz, Palas en guerra
Y reina en el alma mia.

É tal a exaggeração das imagens, é tal a affectação das expreſſões, que parece tratar-ſe de um louco, em occaſião de endereçar requebros a uma dama phanthaſtica! Em fim, parece não eſtar mais na mão de Calderon em certos caſos!

Em outra ſcena apparece Baſilio, o rei da Polonia (ficticio, já ſe ſabe, como todo o argumento do drama), referindo ao duque de Moſcovia e á infanta Eſtrella, ſeus ſobrinhos, e a toda a côrte, a myſterioſa hiſtoria de Segiſmundo, e a deliberação que elle—rei—

tem tomado de o mandar tirar da torre, e ſentar no throno, para experimentar ſe o principe é digno de reinar.

O diſcurſo de Baſilio é immenſamente notavel, pela variedade do eſtilo nas ſuas differentes partes, ora ſingelo e corrente, ora affectado e *gongorico*, e pela diverſidade dos aſſumptos de que trata; ſendo alguns pertencentes ao dominio da aſtrologia, e da philoſophia eſcolaſtica.

O diſcurſo é muito extenſo, e por iſſo tranſcreveremos apenas algumas paſſagens:

BASILIO

Sobrinos, dadme los brazos,
.....
Ya ſabeis que yo en el mundo
Por mi ciencia hé merecido
El ſobrenombre de docto,
Pues, *contra el tiempo y el olvido,*
Los pinceles de Timantes,
Los mas moles de Liſipo,
En el ambito del orbe
Me aclaman el gran Baſilio.
Ya ſabeis que ſon las ciencias
Que mas curſo y mas eſtimo,
Matemáticas ſutiles,
Por quien al tiempo le quito,
Por quien á la fama rompo
La juriſdicion y oficio
De enſeñar mas cada dia;
Pues cuando en mis tablas miro
Preſentes las novedades
De los venideros ſiglos,
Le gano al tiempo las gracias
De contar lo que yo he dicho.
Eſos círculos de nieve,
Eſos doſeles de vidrio
Que el ſol ilumina á rayos,
Que parte la luna á giros;
Eſos orbes de diamantes,

Esos globos cristalinos
Que las estrellas adornan
Y que campean los signos,
Son el estudio mayor
De mis años, son los libros
Donde en papel de diamante,
En cuadernos de zafiro,
Escribe com lineas de oro
En caractéres distinctos,
El cielo nuestros sucesos,
Ya adversos ó ya benignos.

É claro que o rei Basilio queria dizer que se dedicava ao estudo da *astrologia*, e de caminho pretendeu pintar os esplendores e belleza magnifica do ceo estrellado. Mas digam os leitores se o poeta não estragou um tal quadro, que poderia ser tão formoso, se em vez de tantos disparates e estravagancias, procurasse pintar a explendida magestade da natureza!

E que me dizem ao *papel de diamante,* aos *cuadernos de zafiro* em que o ceo escreve os nossos successos *con lineas de oro?* Fatal disposição de um engenho, aliás tão imaginoso!...

Prosigamos, porém, com o dramaturgo no discurso de Basilio:

Estos leo tan veloz,
Que con mí espírito sigo
Sus rápidos movimientos
Por rumbos y por caminos,
. . . . . .
En Clorilene, mi esposa,
Tuve un infelice hijo,
En cuyo parto los cielos
Se agotaron de prodigios.
Antes que á la luz hermosa
Se diese *el sepulcro vivo*
De um vientre (por que el nacer
y el morir son parecidos),

Su madre infinitas veces,
Entre ideas y delirios
Del ſueño, vio que rompia
Sus entrañas atrevido
Un monſtruo en forma de hombre,
Y entre ſu ſangre teñido,
La daba muerte, naciendo
Víbora humana del ſiglo.
Llegó de ſu parto el dia,
Y los preſágios cumplidos,
.....
Nació en horóſcopo tal,
Que *el ſol, en ſu ſangre tinto,*
Entraba ſañudamente
Con la luna en deſafio;
Y ſiendo valla la tierra,
Los dos faroles divinos
A luz entera luchaban,
Ya que no á brazo partido.

Reparae agora na hyperbole que ſe ſegue; admiravel no ſeu genero, e de uma energia de expreſſão verdadeiramente ſublime:

El mayor, el mas horrendo
Eclipſe que ha padecido
El ſol, deſpués que con ſangre
Lloró la muerte de Chriſto,
Eſte fué, por que anegado
El orbe en incendios vivos,
Preſumió que padecia
El ultimo paraſiſmo:
Los cielos ſe oſcurecieron,
Temblaron los edificios,
Llovieron piedras las nubes,
Corrieron ſangre los rios.

En aqueſte pues del ſol
Ya freneſi, ó ya delirio,

Nació Segiſmundo dando
De ſu condition indicios,
Pués dió la muerte á ſu madre,
Con cuya fiereza dijo:
Hombre ſoy, pues que ya empiezo
A pagar mal beneficios.

Nas paſſagens que ficam tranſcriptas encontramos alguns verſos e imagens felizes, que, até certo ponto, fazem eſquecer uma ou outra extravagancia.

Baſilio refere depois a reſolução que tomara de encerrar a *fera,* que o ceo lhe deu na peſſoa do filho, em uma torre que mandara edificar nas ſolidões e alcantis inacceſſiveis de umas ſerras; que encarregara Clotaldo de guardar aquella creatura ſingular, e de lhe enſinar as ſciencias e a doutrina chriſtã, com a terminante recommendação de não ſer admittida peſſoa alguma n'aquella dura priſão.

Dá tambem noticia de que vae mandar chamar ſeu filho, para experimentar ſe a natureza feroz que revelara em naſcendo, cedeu já o paſſo a inclinações brandas e humanas.

Entra depois em diſtincções eſcolaſticas, que omittiremos, e conclue o diſcurſo nos ſeguintes termos:

..... ſiendo
Prudente, cuerdo y benigno,
Deſmintiendo en todo al hado
Que dél tantas coſas dijo,
Gozaréis el natural
Principe vueſtro, que ha ſido
Corteſano de unos montes
Y de ſus fieras vecino.
Es la ſegunda, que ſi él
Soberbio, oſado, atrevido
Y cruel, con rienda ſuelta
Corre al campo de ſus vicios,
Habré yo piadoſo entonces

Con mi obligacion cumplido;
Y luego en deſpoſeerle
Haré como rey invicto,
Siendo el volverle á la cárcel
No crueldad, ſino caſtigo.
Es la tercera, que ſiendo
El principe como os digo,
Por lo que os amo, vaſſallos,
Os daré reyes mas dignos
De la corona y el cetro;
Pués ſeran mis dos ſobrinos,
Que junto en uno el derecho
De los dos, y convenidos
Con la fe del matrimonio,
Tendrán lo que han merecido.
Eſto *como rey os mando,*
Eſto *como padre os pido,*
Eſto como ſabio os ruego,
Eſto *como anciano os digo;*
Y ſi el Seneca eſpañol,
Que era humlde eſclavo, dijo,
De ſu republica, un rey,
Como eſclavo os ſuplico.

Era um rei ſingular eſte Baſilio, qual o imaginou Calderon! Mandava como rei; mas, ao meſmo tempo, pedia como pae, rogava como ſabio,... e por fim *ſupplicava como eſcravo*, pois o Seneca heſpanhol diſſera que um rei é o humilde eſcravo da ſua republica!

Calderon attribuiu a Aſtolfo um bello raſgo de abnegação e deſintereſſe, fazendo-o condeſcender com a vontade do rei; e renunciar ao throno, viſto exiſtir um herdeiro legitimo. Em ſeu nome, no da infanta Eſtrella, e no de toda a côrte reſponde a Baſilio:

Si á mi el reſponder me toca,
Como el que en efecto ha ſido
Aquí el mas intereſado,
En nombre de todos digo
Que Segiſmundo pareſca,
Pues le baſta ſer tu hijo.

Na *Jornada* 2.ª vemos já Segiſmundo no palacio de ſeu pae, ıdo de luxo, de todo o apparato e de todas as demonſtrações ɔmenagem, que aos principes é uſo prodigaliſar.
Eis aqui o modo, em verdade muito apropriado, porque exe o ſeu eſpanto:

SEGISMUNDO

¡Valgame el cielo, qué veo!
¡Valgame el cielo, qué miro!
Con poco eſpanto lo admiro,
Con mucha duda lo creo.
¿Yo en palacios ſuntuoſos?
¿Yo entre telas y brocados?
¿Yo cercado de criados
Tan lucidos y brioſos?
¿Yo deſpertar de dormir
En lecho tan excellente?
¿Yo en medio de tanta gente
Que me ſirva de veſtir?
Decir que ſueño es engano:
Bien sé que deſpierto eſtoy.
¿Yo Segiſmundo no ſoy?

Quando a infanta Eſtrella vem dar o parabem a Segiſmundo, ınta eſte quem é aquella belleza:

CLARIN

Es, ſeñor, tu prima Eſtrella.

E Segiſmundo reſponde, nos termos do mais requintado gonno:

Mejor dijeras el ſol.
Aunque *el parabien es bien (A Eſtrella)*
Darme del bien que conquisto,
De ſolo haberos hoy viſto
Os admito *el parabien:*
Y aſi, de llegarme á ver

Con el bien que no merezco,
Eſtrella, que amanecer
Podeis, y dar alegria
Al mas luciente farol.
¿Qué dejais que hacer al ſol,
Si os levantais con el dia?
Dadme á beſar vueſtra mano,
En cuya copa de nieve
El aura candorès bebe.

Anticipando algum tanto na ordem das ſcenas, mencionaremos tambem aqui uma curioſa ſérie de amplificações bombaſticas, da admiração que a Segiſmundo cauſa Roſaura:

SEGISMUNDO

.....
¿Quien eres, mujer bella?

ROSAURA (*á parte*)

(Diſimular me importa). Soy de Eſtrella
Una infelice dama.

SEGISMUNDO

No digas tal: dí el ſol á cuyas llamas
Aquella eſtrella vive,
Pues de tus rayos resplandor recibe;

Yo vi en reino de olores
Que preſidia entre eſcuadron de flores
La deidad de la roſa,
Y era ſu emperatriz por mas hermoſa;

Yo vi entre piedras finas
De la docta academia de ſus minas
Preferir el diamante,

Y ſer ſu emperador por mas brillante;

Yo en eſſas cortes bellas
De la inquieta republica de eſtrellas,
Vi en el lugar primero
Por rey de las eſtrellas al lucero;

Yo en eſſeras perfetas,
Llamando el ſol á cortes los planetas,
Le vi que preſidia,
Como mayor oraculo del dia.

¿Pues como ſi entre flores, entre eſtrellas,
Piedras, ſignos, planetas, las mas bellas
Prefieren, tu has ſervido
La de menos beldade, habiendo ſido
Por mas bella y hermoſa,
Sol, lucero, diamante, eſtrella y roſa?

¿Viram jámais os leitores uma enfiada tal de extravagancias?

Voltemos um pouco atraz, para darmos noticia de um dialogo oſo entre Segiſmundo e Baſilio, depois de haver aquelle comtido todo o genero de deſatinos e ferocidades:

BASILIO

Péſame mucho que quando,
Principe, á verte hé venido,
Penſando hallarte advertido,
De hados y eſtrellas triunfando,
Con tanto rigor te vea,
Y que la primera accion
Que has hecho en eſta ocaſion,
Un grave homicidio ſea.
¿Con que amor llegar podré
A darte ahora mis brazos,
Si de ſus ſoberbios lazos,

Qué eſtán enſeñados ſé
A dar muerte? ¿Quien llegó
A ver deſnudo el puñal
Que dió una herida mortal,
Que no temieſe? ¿Quien vió
Sangriento el lugar, adonde
A otro hombre le dieron muerte,
Que no ſienta? Que el mas fuerte
A ſu natural reſponde.
Yo aſi, que en tus brazos miro
Deſta muerte el inſtrumento
Y miro el lugar ſangriento,
De tus brazos me retiro;
Y aunque en amoroſos lazos
Ceñir tu cuello penſé,
Sin ellos me volveré,
Que tiengo miedo de tus brazos.

SEGISMUNDO

Sin ellos me podré eſtar
Como me he eſtado haſta aqui;
Que un padre que contra mi
Tanto rigor ſabe uſar,
Que ſu condicion ingrata
De ſu lado me deſvia,
Como á una fiera me cria,
Y como á un monſtruo me trata
Y mi muerte ſolicita,
De poca importancia fué
Que los brazos no mi dé
Cuando el ſer de hombre me quita.

O dialogo continua, quaſi interminavel, entre o pae e o filho; dizendo um ao outro groſſeiras e irritantes injurias.

Seguem-ſe algumas ſcenas impertinentes, que apreſentam epiſodios eſtranhos á principal acção do drama; omittil-aſ-hemos por

menos dignas de menção: paſſando deſde já a reproduzir um bello monologo de Segiſmundo, que encontramos no final da 2.ª *Jornada:*

SEGISMUNDO

Es verdad; pues reprimamos
Eſta fiera condicion,
Eſta furia, eſta ambicion,
Por ſi alguna vez ſoñamos:
Y ſi haremos, pues eſtamos
En mundo tan ſingular,
Que el viver ſolo es ſoñar;
Y la experiencia me enſéña
Que el hombre que vive, ſueña
Lo que es. haſta diſpertar.

Sueña el rey que es rey, y vive
Con eſte engaño mandando,
Diſponiendo y gobernando;
Y eſte aplauſo, que recibe
Preſtado, en el viento eſcribe;
Y en cenizas le convierte
La muerte (¡deſdicha fuerte!):
¿Que hay quien intente reynar,
Viendo que ha de diſpertar
En el ſueño de la muerte?
Sueña el rico en ſu riqueza,
Que mas cuidados le ofrece;
Sueña el pobre que padece
Su miſeria y ſu pobreza;
Sueña el que á medrar empieza,
Sueña el que ufana y pretende,
Sueña el que agravia y ofende,
Y en el mundo, en concluſion,
Todos ſueñam lo que ſon,
Aunque ninguno lo entiende.
Yo ſueño que eſtoy aqui
Deſtas priſiones cargado,

Y ſoñé que en otro eſtado
Mas liſongero me ví.
¿Qué es la vida? Un freneſí:
¿Qué es la vida? Una iluſion,
Una ſombra, una ficcion,
Y el mayor bien es pequeño;
Que toda la vida es ſueño,
Y los ſueños ſueño ſon.

Na terceira *Jornada*, quando os ſoldados vão arrancar Segiſmundo da priſão, para o collocarem no throno, e o acclamam a grandes vozes, diz elle, em bellos verſos, e em termos de ſã philoſophia moral, realçados pela mais gracioſa comparação poetica:

¿Otra vez (¡qué es eſto, cielos!)
Quereis que ſueñe grandezas,
Que ha de deſhacer el tiempo?
¿Otra vez quereis que vea
Entre ſombras y boſquejos
La majeſtad y la pompa
Deſvanecida del viento?
¿Otra vez quereis que toque
El deſengaño, ó el rieſgo
A que el humano poder
Nace humilde y vive atento?
Pues no ha de ſer, no ha de ſer
Mirarme otra vez ſujeto
A mi fortuna; y pues ſé
Que toda eſta vida es ſueño,
Idos, ſombras, que fugis
Hoy á mis ſentidos muertos
Cuerpo e voz, ſiendo verdad
Que ni teneis voz ni cuerpo;
Que no quiero majeſtades
Fingidas, pompas no quiero
Fantáſticas, iluſiones
Que al ſopro ménos lijero
Del aura han de deſhacerſe,
Bien como el florido almendro,

Que por madrugar ſus flores,
Sin aviſo y ſin conſejo,
Al primer ſoplo ſe apagan,
Marchitando y deſluciendo
De ſus roſados capillos
Belleza, luz y ornamento.
Ya os conozco, ya os conozco,
Y ſé que os paſa lo miſmo
Con cualquiera que ſe duerme:
Para mi no hay fingimientos;
Que, deſengañado ya,
Sé bien que *la vida es ſueño.*

Inſiſtem os ſoldados em affirmar que não é um ſonho a acclamação que fazem, e Segiſmundo ſe reſolve a experimentar de novo a ſorte que lhe offerecem:

.....
Pues que la vida es tan corta,
Soñemos, alma, ſoñemos
Otra vez.....
.....
Tocad al arma, que preſto
Vereis mi inmenſo valor.
Contra mi padre pretendo
Tomar armas, y ſacar
Verdaderos á los cielos.
Pueſto he de verle á mis plantas...
(Á parte)
Mas ſi antes deſto deſpierto,
¿No ſerá bien no dicirlo,
Supueſto que no he de hacerlo?

Com quanto muito deſejemos não demorar a concluſão do exame d'eſta peça, obriga-nos a imparcialidade da critica a aſſignalar deſde já, menos favoravelmente, uma falla do rei Baſilio, proferida na occaſião em que vê cair Clarin, quando menos era de eſperar que eſte encontraſſe a morte:

Qué bien (¡Ay cielos!) *perſuade*
Nueſtro error, nueſtra ignorancia
A mayor conocimiento
Eſte cadaver que habla
Por la boca de una herida,
Siendo el humor que deſata
Sangrienta lengua que enſeña
Que ſon diligencias vanas
Del hombre, cuantas diſpone
Contra mayor fuerza y cauſa!
Pues yo, por librar de muertes
Y ſediciones mi patria,
Vine á entregarla á los miſmos
De quien pretendi librarla.

¿Não ſerá acaſo uma prova de ruim goſto, ſe não é mil vezes repugnante, querer tirar um penſamento moral de uma imagem tão violenta e repulſiva! *Um cadaver a fallar pela boca de uma ferida, e o humor que ſahe d'ella—uma lingua a enſinar*, etc.!...

O que ora vamos apontar apreſenta o deſenlace do drama:

BASILIO (a SEGISMUNDO)

Ya eſtoy, Principe á tus plantas.
(Arrodillandoſe)
Sea dellas blanca alfombra
Eſta nieve de mis canas.

É para lamentar que n'eſte lance não ſe deſprendeſſe Calderon do exceſſivo gongoriſmo que por vezes o deſluſtra.

¿Seria acaſo poſſivel que um rei, um pae, em uma conjunctura tão amargurada, ſe lembraſſe de alambicar phraſes, dizendo: *Eſtou a teus pés, Principe: ſeja branco tapete d'elles eſta neve das minhas cans!?*

Profegue no feu difcurfo o malfadado rei; expreffando-fe mais fingelamente, mas fempre fem dignidade:

Pifa mi cerviz, y huella
Mi corona; poftra, arraftra
Mi decoro, y mi refpeto;
Toma de mi honor venganza,
Sirvete de mi cautivo,
Y tras prevenciones tantas,
Cumpla el hado fu homenaje,
Cumpla el cielo fu palabra.

Toma a mão a fallar Segifmundo, e affim fe exprime:

Corte iluftre de Polonia,
Que de admiraciones tantas
Sois teftigos, atended,
Que vueftro Principe os habla.

Lo que eftá determinado
Del cielo, y en azul tabla
Dios con el dedo efcribió,
De quien con cifras y eftampas
Tantos papeles azules
Que adornan letras doradas,
Nunca engaña, nunca miente;
Por que quien miente y engaña
Es quien, para ufar mal dellas,
Las penetra y las alcanza.
Mi padre, que eftá prefente,
Por excufarfe á la faña
De mi condicion, me hizo
Un bruto, una fiera humana:
De fuerte, que quando yo
Por mi nobleza gallarda,
Por mi fangre generofa,
Por mi condicion bizarra
Hubiera nacido docil

Y humilde, ſolo baſtara
Tal género de vivir,
Tal linaje de crianza,
A hacer fieras mis coſtumbres.

O diſcurſo de Segiſmundo continúa ainda, nada menos que em uns ſeſſenta verſos!

Coiſa natural nos pareceria que os ſubditos de Segiſmundo ſe enfadaſſem, e deſgoſtoſos de terem um rei tão arengueiro, tão diſcurſador, lhe tirassem a corôa... A côrte, porém, da Polonia, tal como a forjou Calderon na ſua imaginação, não era tão inſoffrida como nós. Eſcutou as narcoticas philoſophias do ſeu novo rei, até que eſte, inſpirado afinal por ſentimentos nobres, diz a ſeu pae:

.....Señor, levanta,
Dame tu mano; que ya
Que el cielo te deſengaña
De que has errado en el modo
De vencerla, humilde aguarda
Mi cuello á que tu te vengues:
Rendido eſtoy á tus plantas.

Não quer o pae ſer vencido em generoſidade pelo filho, e aſſim falla:

Hijo que tan noble accion
Otra vez en mis entrañas
Te engendra, principe eres.
A ti el laurel y la palma
Se te deben; tu venciste;
Corónente tus hazañas.

É então que todos rompem n'eſte grito enthuſiaſtico:

Viva Segiſmundo, viva.

Deſde logo Segiſmundo manda que Aſtolfo caſe com Roſaura,

que o velho Clotaldo declara ſer ſua filha; e elle Segiſmundo toma Eſtrella para ſua eſpoſa.

A Clotaldo (diz o novo rei), que leal
Sirvió a mi padre, le aguardan
Mis brazos con las mercedes
Que él pidiere que le haga.

Ao ſoldado, que, ſendo traidor ao ſeu velho rei, abriu as portas da torre a Segiſmundo, mandou eſte que para ſempre viveſſe encerrado n'ella:

Que el traidor no es menester
Siendo la traicion paſada.

Admiram todos o engenho, a diſcrição e a prudencia de Segiſmundo, que tão felizmente mudara de condição; e a ſua reſpoſta põe termo á peça, e explica a moralidade do deſenlace:

¿Qué os admira? qué os espanta?
Si fué mi maeſtro un ſueño,
Y eſtoy temiendo en mis anſias
Que he de diſpertar y hallarme
Otra vez en mi cerrada
Priſion? Y cuando no ſea,
El ſoñarlo ſolo baſta;
Pues aſi llegué á ſaber
Que toda la dicha humana
Enfin paſa como un ſueño,
Y quiero hoy aprovecharla
El tiempo que me durare.

O diſcreto e delicado Calderon deſpedia-ſe dos ouvintes com eſta gracioſa rogativa:

Pidiendo de nueſtras faltas
Perdon, pues de pechos nobles
Es tan proprio el perdonarlas.

VII

.....pero el honor
Es patrimonio del alma,
Y el alma ſolo es de Dios
Calderon

Vamos dar uma abreviada noticia de um drama de Calderon, intitulado—*El Alcalde de Zalamea*—, muito notavel, dizemos pouco, verdadeiramente admiravel, pelo modo por que o inſigne dramaturgo encareceu o ſentimento da dignidade humana e o ponto de honra, na peſſoa do protagoniſta Pedro Creſpo, velho lavrador abaſtado; e bem aſſim deſenhou outros caracteres.

Cumpre-nos expor, em ſubſtancial reſumo, o enredo d'eſte drama, e apreſentar depois alguns excerptos, acompanhados de adequadas obſervações.

Filippe II manda occupar militarmente o noſſo querido Portugal, depois das funeſtiſſimas conſequencias da fatal jornada de Africa. Um corpo de tropas, commandado por Don Lope de Figueroa, atraveſſa a Extremadura heſpanhola em marcha ſobre Liſboa; ficando por alguns dias eſtacionada em Zalamea uma columna d'aquella diviſão.

Pedro Creſpo, lavrador abaſtado de Zalamea, tem uma filha, de rara belleza, por nome Iſabel. O honrado e pundonoroſo pae

procura ſubtrair á licencioſidade da tropa a filha eſtremecida. Baldadas, porém, ſão as ſuas precauções, por quanto um capitão, Don Alvaro de Athayde, fidalgo, faz todas as diligencias para penetrar na camara de Iſabel; tornando-ſe neceſſario oppor uma vigoroſa reſiſtencia ao capitão, e aos ſoldados que auxiliam a criminoſa tentativa.

Felizmente, acode a tempo o general Don Lope de Figueroa, e o perigo ceſſa, tanto mais, quanto Don Lope dá ordem para que a tropa ſaia de Zalamea. Effectivamente verificou-ſe logo a evacuação da aldeia, deſpedindo-ſe Don Lope de Figueroa, com a maior cortezia, do ſeu hoſpede Pedro Creſpo, mimoſeando a formoſa filha d'eſte com uma cruz de diamantes, e levando comſigo e debaixo de ſua protecção um irmão d'ella, que deſejava entrar na vida militar.

Iſabel, a gentil filha de Pedro Creſpo, vendo-ſe em liberdade ſaiu, á boca da noite, a goſar o freſco; mas eis que o apaixonado capitão, don Alvaro, volta áquella hora com alguns ſoldados a Zalamea, e tomando nos braços a deſcuidoſa donzella, a arrebata para um boſque viſinho. Pedro Crespo, em ouvindo os gritos de ſua filha, corre a buſcar uma eſpada; quando, porém, chega ao pé dos roubadores, é preſo pelos ſoldados e amarrado a uma arvore, para não ir gritar por ſoccorro. O filho de Creſpo, que acompanhara Don Lope de Figueroa, apenas ſabe do criminoſo attentado, vae ſobre os malvados; mas ſó pode encontral-os ao romper do dia, quando já não é tempo de ſalvar a honra de ſua irmã. O ſentimento da vingança arroja-o ſobre Don Alvaro, a quem dá uma grande cutilada; a irmã tem occaſião de ſubtrair-ſe ao ſeu cruel perſeguidor, e na fuga encontra por acaſo ſeu pae ainda amarrado a uma arvore. Preciſamente n'eſta occaſião vem o eſcrivão de Zalamea annunciar a Pedro Creſpo que o povo o elegera *Alcalde*, e que eſta nomeação coincidia com dois acontecimentos notaveis; ſendo um, a proxima chegada de el-rei D. Filippe II a Zalamea, e outro o haver ſido trazido Don Alvaro, em ſegredo, por alguns ſoldados com um ferimento, que ninguem ſabe como fôra originado.

Crefpo não perde um momento; vae elle proprio apoderar-fe de Don Alvaro; toma-o a fós, e pretende appellar para o feu brio de cavalleiro; Don Alvaro, porém, intrincheira-fe no orgulho de nobre, e repelle toda a tranfigencia. Crefpo revefte-fe então da auctoridade de *Alcalde*, procede aos competentes interrogatorios, e manda prender com toda a fegurança o criminofo fidalgo.

A efte tempo volta a Zalamea Don Lope de Figueroa, com a intenção de vingar o infulto que entende haver fido feito á honra militar, com a prifão do capitão Don Alvaro; mas, apenas Figueroa troca algumas palavras iradas com Pedro Crefpo, quando chega el-rei, precifamente na occafião em que os foldados vão acommetter o povo: Filippe II pergunta a caufa d'aquelle tumulto; Figueroa crimina o *Alcalde;* mas efte aprefenta-fe com fobranceira deftimidez perante o monarcha, juftifica o feu procedimento, e moftra-lhe o orgulhofo e prepotente fidalgo já decapitado.

Eis, muito refumidamente, o enredo do drama.

Vejamos agora algumas fcenas.

Quando pela primeira vez apparece Don Lope de Figueroa, no acto de proteger a filha de Crefpo contra o capitão Don Alvaro, ha um dialago entre Figueroa e Crefpo, que nos parece admiravel, não fó porque pinta excellentemente os caracteres de Pedro Crefpo e Don Lope de Figueroa, fenão por que faz fabrefair com toda a galhardia o refpeito devido á dignidade do homem:

(JORNADA PRIMERA.—ESCENA XVIII.—CRESPO E DON LOPE)

CRESPO

Mil gracias, feñor, os doy
Por la merced que me hicifteis,
De excufarme la ocafion
De perder-me.

DON LOPE

¿Cómo habiais,
Decid, de perderos vos?

CRESPO

Dando muerte á quien penſara
Ni aun el agravio menor...

DON LOPE

¿Sabeis, vive Dios, que es
Capitan?

CRESPO

Sí, vive Dios;
Y aunque fuera el general,
En tocando á mi opinion,
Le matara.

DON LOPE

A quien tocara
Ni aun al ſoldado menor,
Solo un pelo de la ropa,
Viven los cielos, que yo
Le ahorcara.

CRESPO

A quien ſe atreviera
A un átomo de mi honor,
Viven los Cielos tambien,
Que tambien le ahorcara yo.

DON LOPE

¿Sabeis que eſtais obligado
A ſufrir, por ſer quien ſois,
Eſtas cargas?

CRESPO

Con mi hacienda;
Pero con mi fama no.
Al Rey la hacienda y la vida
Se ha de dar; pero el honor
Es patrimonio del alma,
Y el alma ſolo es de Dios.

DON LOPE

¡Vive Criſto, que parece
Que vàis teniendo razon!

CRESPO

Sí, vive Criſto, porqué
Siempre la he tenido yo.

Se os leitores pozerem na ſua imaginação que o inſigne Don
dro Calderon de la Barca era nobre de naſcimento, e fôra mili-
por muitos annos, hão de por certo achar um grande mereci-
nto no homem que ſoube, com tamanha energia, deſenhar o pri-
roſo caracter de Pedro Creſpo! E tambem, ſe por outro lado
editarem ſobre a ultima reſpoſta do general Figueroa, hão de mais
nais admirar a nobreza e independencia dos ſentimentos de Cal-
ron, revelados pelo facto de pôr na boca de um nobre, altivo e
gulhoſo, e ainda na boca de um militar prepotente (como eram
homens de guerra d'aquelles tempos) a approvação dada ás ma-
feſtações de um popular, que ſentia todo o valor da dignidade at-
buida pelo Creador á creatura humana, ſem attenção ás diſtinc-
es convencionaes da ſociedade.

Completemos, porém, o dialogo, que afinal ſe torna chiſtoſo:

DON LOPE

Yo vengo canſado, y eſta
Pierna que el diablo me dió,
Ha meneſter deſcanſar.

CRESPO

Pues ¿quien os dice que no?
Ahi me dió el diablo una cama,
Y ſervirá para vos.

DON LOPE

¿Y dióla hecha el diablo?

CRESPO

Sí.

DON LOPE

Pues á deſhacerla voy;
Que eſtoy, voto á Dios, canſado.

CRESPO

Pues deſcanſad, voto á Dios.

DON LOPE *(á parte)*

Teſtarudo es el villano:
Tambien jura como yo.

CRESPO *(á parte)*

Caprichudo es Don Lope:
No haremos migas los dos.

N'eſte drama, que, pela natureza do aſſumpto, tem tamanha gravidade, não ſe eſqueceu Calderon de apreſentar algumas ſcenas gracioſas, e em verdade muito opportunamente adduzidas.

Depois que Don Lope de Figueroa tomou um pouco de repouſo, manda Pedro Creſpo que ponham a meza, em que aquelle ha de cear, em um quarto que dá viſta para o jardim.

É curioſiſſimo o dialogo entre o general e o lavrador:

(JORNADA SEGUNDA.—ESCENA V.)

CRESPO *(dentro)*

En eſte paſo, que eſtá
Mas freſco, poned la meſa
Al ſeñor Don Lope. Aqui
Os ſabrá mejor la cena;
Que al fin los dias de agoſto
No tienen mas recompenſa
Que ſus noches.

DON LOPE

Apacible
Eſtancia en extremo es eſta.

CRESPO

Un pedazo es de jardin,
En que mi hija ſe divierta.
Sentáos; que el viento ſuave
Que en las blandas hojas ſuena
D'eſtas parras y eſtas copas,
Mil cláuſulas liſonjeras
Hace al compas d'eſta fuente,
Cítara de plata y perlas,
Por que ſon en traſtes de oro
Las guijas templádas cuerdas.
Perdonad ſi de inſtrumentos
Solos la múſica ſuena,
Sin cantores que os deleiten,
Sin voces que os entretengan;
Que como múſicos ſon
Los pájaros que gorjean,
No quieren cantar de noche,
Ni yo puedo hacerles fuerza.
Sentáos pues, y divertid
Esa continua dolencia.

DON LOPE

No podré; que es impoſſible
Que divertimiento tenga.
¡Valgame Dios!

CRESPO

Valga, amen.

DON LOPE

Los cielos me den paciencia.
Sentáos, Creſpo.

CRESPO

Yo eſtoy bien.

DON LOPE

Sentáos.

CRESPO

Pues me dais licencia,
Digo, ſeñor, que obedezco,
Aunque excuſarlo pudierais. *(Sientaſe)*

DON LOPE

¿No ſabeis que he reparado?
Que ayer la cólera vueſtra
Os debió de enajenar
De vos.

CRESPO

Nunca me enajena
A mi de mi nada.

DON LOPE

Pues
¿Cómo ayer, ſin que os dijera

Que os ſentárais, os ſentáſteis,
Y aun en la ſilla primera?

CRESPO

Porque no me lo dijiſteis;
Y hoy, que lo decis, quiſiera
No hacerlo: la corteſía
Tenerla con quien la tenga.

DON LOPE

Ayer todo erais reniegos.
Por vidas, votos y peſias;
Y hoy eſtáis mas apacible,
Con mas guſto y mas prudencia.

CRESPO

Yo, ſeñor, refpondo ſiempre,
En el tono y en la letra
Que me hablan: ayer vos
Aſſí hablabais, y era fuerza
Que fueran de un miſmo tono
La pregunta y la refpueſta.
De mas de que yo he tomado
Por política diſcreta
Jurar con aquel que jura,
Rezar con aquel que reza.
A todo hago compañía;
Y es aqueſto de manera,
Que en toda la noche pude
Dormir, en la pierna vueſtra
Penſando, y amanecí
Con dolor en ambas piernas;
Que por no errar la que os duele,
Si es la izquierda ó la derecha,
Me dolieron á mi entrambas.

Decidme por vida vueſtra
Cuál es, y ſépalo yo,
Por que una ſola me duela.

Don Lope de Figueroa pede a Creſpo que deixe vir ſua filha cear com elle; e Creſpo dá ordem a ſeu filho para que immediatamente vá chamar ſua irmã:

DON LOPE

Mi poca ſalud me deja
Sin ſoſpecha en eſta parte.

CRESPO

Aunque vueſtra ſalud fuera,
Señor, la que yo os deſeo,
Me dejara ſin ſoſpecha.
Agravio haceis á mi amor;
Que nada deſo me inquieta:
Pues decirla que no entrara
Aquí, fué con advertencia
De que no eſtuvieſe á oir
Ocioſas impertinencias;
Que ſi todos los ſoldados
Corteſes como vos fueran,
Ella habia de aſiſtir
A ſervirlos la primera.

DON LOPE *(á parte)*

¡Qué ladino es el villano,
O cómo tiene prudencia!

Depois de perpetrado o criminoſo rapto, e quando Iſabel pode finalmente eſcapar aos ſeus perſeguidores, pára no meio de um monte, e deſafoga aſſim os ſeus pezares:

JORNADA TERCERA.— ESCENA I.— ISABEL, *(llorando)*

ISABEL

Nunca amanezca á mis ojos
La luz hermoſa del dia,
Por que á ſu ſombra no tenga
Vergüenza yo de mi miſma.

O que vamos agora ler, é um novo exemplo deſagradavel de n goſto:

¡Oh tú, de tantas eſtrellas
Primavera fugitiva,
No des logar á la aurora,
Que tu azul campaña piſa,
Para que con riſa y llanto
Borre tu apacible viſta,
O ya que ha de ſer, que ſea
Con llanto, mas no con riſa!
Detente, oh mayor planeta,
Mas tiempo en la eſpuma fria
Del mar; deja que una vez
Dilate la noche eſquiva
Su trémulo imperio; deja
Que de tu deidad ſe diga,
Atenta a mis ruegos, que es
Voluntaria, y no preciſa.
¿Para qué quieres ſalir
A ver en la hiſtoria mia
La mas enorme maldad,
La mas fiera tirania;
Que en vergüenza de los hombres
Quiere el cielo que ſe eſcriba?
Mas ¡ay de mi! que parece
Que es crueldad tu tirania;
Pues deſde que te he rogado
Que te detuvieſes, miran

Mis ojos tu faz hermoſa
Deſcollarſe por encima
De los montes.

Cuſta-nos dizel-o; mas é força não occultar o reparo que irreſiſtivelmente acode ao penſamento.

Tudo quanto fica regiſtado, d'eſte monologo, é muito poetico; mas é ao meſmo tempo muito *falſo*. Uma menina, reduzida á horrivel ſituação em que eſtava Iſabel, não poderia por modo algum empregar expreſſões tão *eſtudadas*, imagens tão romanticas, clauſulas tão emmaranhadas!

Felizmente, reina maior ſingeleza no reſtante do monologo:

¡Ay de mi!
Que acoſada y perſeguida
De tantas penas, de tantas
Anſias, de tantas impias
Fortunas, contra mi honor
Se han conjurado tus iras.
¿Qué he de hacer? ¿Donde he de ir?
Si á mi caſa determinan
Volver mis erradas plantas,
Será dar nueva mancilla
Al anciano padre mio,
Que otro bien, otra alegria
No tuvo, ſino mirarſe
En la clara luna limpia
De mi honor, que hoy ¡deſdichado!
Tan torpe mancha le eclipſa.
Si dejo, por ſu reſpeto
Y mi temor afligida,
De volver á caſa, dejo
Abierto el paſo á que digan
Que fui cumplice en mi infamia;
Y ciega y inadvertida
Vengo á hacer de la inocencia
Acredora á la malicia.
¡Qué mal hice, qué mal hice

De eſcaparme fugitiva
De mi hermano! ¿No valiera
Mas que ſú cólera altiva
Me diera la muerte, cuando
Llegó á ver la ſuerte mia?
Llamarle quiero, que vuelva
Con ſaña mas vengativa
Y me dé muerte: confuſas
Voces el eco repita,
Diciendo...

A eſte tempo ouve Iſabel a voz de ſeu pae, corre para elle, e ê amarrado a uma arvore; mas heſita em deſatar os laços que ndem o honrado velho:

CRESPO

Hija mia,
Llegate, y quita eſtos lazos.

ISABEL

No me atrevo; que ſi quitan
Los lazos que te apriſionan,
Una vez las manos mias,
No me atreveré, ſeñor,
A contarte mis deſdichas,
A referirte mis penas;
Por que ſi una vez te miras,
Con manos, y ſin honor,
Me darán muerte tus iras;
Y quiero, ántes que lo veas,
Referirte mis fatigas.

Creſpo não quer que ſua filha refira os pormenores da deſça que lhe ſuccedera; mas ella entende ſer neceſſario que ſeu pae ›a tudo circumſtanciadamente, a fim de o incitar á vingança.

Por quanto eſtudamos Calderon, julgamos indiſpenſavel repro-

duzir alguns trechos da longa, e por vezes extravagante narrativa, como havemos de aſſignalar nos competentes logares:

ISABEL

Hay muchas coſas que ſepas,
Y es forçoſo que al decirlas,
Tu valor ſe irrite, y quieras
Vengarlas ántes de oirlas.
—Eſtaba á noche gozando
La ſeguridad tranquila,
Que al abrigo de tus canas
Mis años me prometian;
Cuando aquellos embozados
Traidores (que determinan
Que lo que el honor defiende,
El atrevimiento rinda)
Me robaron: *bien aſi*
Como de los pechos quita
Carnicero hambriento lobo
A la ſimple corderilla.
Aquel Capitan, aquel
Huéſped ingrato, que el dia
Primero introdujo en caſa
Tan nunca eſperada ciſma
De traiciones y cautelas
De pendencias y rencillas,
Fué el primero que en ſus brazos
Me cogió, mientras le hacian
Eſpaldas otros traidores,
Que en ſu bandera militan.
Aqueſte intrincado, oculto
Monte, que eſtá á la ſalida
Del lugar, fué ſu ſagrado:
¿Cuando de la tiranía
No ſon ſagrado los montes?
Aqui, ajena de mi miſma
Dos veces me miré, cuándo
Aun tu voz, que me ſeguia,
Me dejó; *por que ya el viento,*

A quien tus acentos fias,
Con la diſtancia, por puntos
Adelgazándoſe iba:
De ſuerte, que las que eran
Antes razones diſtintas,
No eran voces, ſino ruido;
Luego, en el viento eſparcidas,
No eran voces, ſino ecos
De unas confuſas noticias;
Como aquel que oye un clarin,
Que quando dél ſe retira,
Le queda por mucho rato,
Si no el ruido, la noticia.

El traidor pues en mirando
Que ya nadie hay que le ſiga,
Que ya nadie hay que me ampare,
Por que haſta la luna miſma
Ocultó entre pardas ſombras,
O cruel ó vengativa,
Aquella ¡ay de mi! preſtada
Luz que del ſol participa,
Pretendió¡ ay de mi otra vez
Y otras mil! con fementidas
Palabras, buſcar diſculpa
A ſu amor. ¿A quien no admira
Querer de un inſtante á otro
Hacer la ofenſa caricia?
¡Mal haya el hombre, mal haya
El hombre que ſolicita
Por fuerza ganar un alma,
Pues no advierte, pues no mira
Que las victorias de amor,
No hay trofeo en que confiſtan,
Sino en grangear el cariño
De la hermoſura que eſtiman!
Por que querer ſin el alma
Una hermoſura ofendida,
Es querer á una mujer
Hermoſa, pero no viva.

Ainda depois d'eſtas aberrações, devemos prevenir os leitores de que vae offerecer-ſe á ſua conſideração o requinte da ſingularidade, nos verſos que ſão precedidos d'eſte ſignal —:

¡Qué ruegos, qué ſentimientos,
Ya de humilde, ya de altiva,
No le dije! Pero en vano,
—Pues (calle aqui la voz mia)
—Soberbio (emmudezca el llanto),
—Atrevido (el pecho gima),
—Deſcortés (lloren los ojos),
—Fiero (enſordezca la envidia),
—Tirano (falte el aliento),
—Oſado (luto me viſta),
Y ſi lo que la voz yerra
Talvez con la accion ſe explica,
De vergüenza cubro el roſtro,
De empacho lloro ofendida,
De rabia tuerzo las manos,
El pecho rompo de ira:
Entiende tú las acciones,
Pues no hay voces que lo digan.

Continúa ainda a prolixa narração. O reſtante occuparia algumas paginas, que aliás nos ſão neceſſarias para dar ſeguimento á noticia do drama.

Iſabel deſata por fim os laços que prendem ſeu pae, e aſſim termina o ſeu deſmedido arraſoado:

.....
Tu hija ſoy, ſin honra eſtoy
Y tú libre: *ſolicita*
Con mi muerte tu alabanza,
Para que de ti ſe diga
Que por dar vida á tu honor,
Diſte la muerte á tu hija.

Confeſſamos que a narração de Iſabel contém alguns traços fe-

lizes e de mão de meſtre; mas tambem declaramos francamente que pecca ella pela ſua demaſiada extenſão; pelas comparações ambicioſas e improprias da ſituação; pelas imagens apparatoſas, que deſdizem da gravidade do aſſumpto; pelas analyſes metaphyſicas, que aqui e acolá apparecem; e pelas diſcuſſões philoſophicas em que ſe demora a narradora, quando aliás todas as conſiderações exigiam imperioſamente a maior brevidade na expoſição, a maior ſingeleza na linguagem.

Mais feliz foi Calderon na reſpoſta que põe na boca do pae de Iſabel:

CRESPO

Alzate, Iſabel, del ſuelo;
No, no eſtés mas de rodillas;
Que á no haber eſtos ſuceſos
Que atormenten y que aflijan,
Ocioſas fueran las penas,
Sin eſtimacion las dichas.
Para los hombres ſe hicieron,
Y es meneſter que ſe impriman
Con valor dentro del pecho.
Iſabel, vamos apriſa:
etc.

Vejamos agora como o auſtero Creſpo ſe ha com o capitão, pretendendo movel-o a caſar com Iſabel, á qual roubara infamemente a honra:

(JORNADA TERCERA.—ESCENA VIII.—CRESPO; EL CAPITAN)

CRESPO

Ya que yo, como juſticia
Me vali de ſu reſpecto
Para obligaros á oirme,

La vara á eſta parte dejo,
Y como un hombre no mas,
Deciros mis penas quiero;
(Arrima la vara)
Y pueſto que eſtamos ſolos,
Señor Don Alvaro, hablemos
Mas claramente los dos,
Sin que tantos ſentimientos
Como han eſtado encerrados
En las cárceles del pecho
Acierten á quebrantar
Las priſiones del ſilencio.

Merece grandes gabos o modo por que o honrado velho falla de ſi proprio, para ſe apreſentar digno de reſpeito perante o orgulhoſo fidalgo; e não menos discreta é a alluſão que faz á formoſura de ſua filha:

Yo ſoy un hombre de bien,
Que á eſcoger mi nacimiento,
No dejara (es Dios teſtigo)
Un eſcrúpulo, un defecto
En mi, que ſuplir pudiera
La ambicion de mi deſeo.
Siempre acá entre mis iguales
Me he tratado con reſpeto:
De mi hacen eſtimacion
El cabildo y el concejo.
Tengo muy baſtante hacienda,
Por que no hay, gracias al cielo,
Otro labrador mas rico
En todos aqueſtos pueblos
De la comarca; mi hija
Se ha criado, á lo que pienſo,
Con la mejor opinion,
Virtud y recogimiento
Del mundo: tal madre tuvo:
Téngala Dios en el Cielo.
Bien pienſo que baſtará,
Señor, para abono d'eſto,

El ſer rico, y no haber quien
Me murmure; ſer modeſto,
Y no haber quien me baldone;
Y mayormente, viviendo
En un lugar corto, donde
Otra falta no tenemos
Mas que ſaber unos de otros
Las faltas y los defectos.
Y ¿pluguiera á Dios, ſeñor,
Que ſe quedara en ſaberlos?
Si es muy hermoſa mi hija,
Diganlo nueſtros extremos...
Aunque pudiera, al decirlo,
Con mayores ſentimientos
Llorarlo por que eſto fué
Mi deſdicha.

Bem quiſera Creſpo guardar ſilencio ſobre o fatal acontecinto; mas obriga-o a ſua dôr a vir ſazer ſentir a D. Alvaro a eſſidade de ſalvar a victima deſditoſa.

Preſtem os leitores toda a attenção ao que vae ſeguir-ſe, e por to ſe convencerão de que n'eſta parte é Calderon ſuperior a todo logio:

Deſeando pues remediar
Agravio tan manifeſto,
Buſcar remedio á mi afronta,
Es venganza, no eſ remedio:
Y vagando de uno en otro,
Uno ſolamente advierto,
Que á mi me eſtá bien, y á vos
No mal; y es, que deſde luego
Os tomeis toda mi hacienda
Sin que para mi ſuſtento
Ñi el de mi hijo (á quien yo
Traeré á echar á los pies vueſtros)
Reſerve un maravedí,
Sino quedarnos pidiendo
Limoſna, cuando no haya

Otro camino, otro medio
Con que poder ſuſtentarnos.
Y ſi quereis deſde luego
Poner una S y un clavo
Hoy á los dos y vendernos,
Será aqueſta cantidad
Mas del dote que os ofrezco.
Reſtaurad una opinion
Que habeis quitado. No creo
Que deſluzcais vueſtro honor,
Por que los merecimientos
Que vueſtros hijos, ſeñor,
Perdieren por ſer mis nietos
Ganarán con mas ventaja,
Señor, por ſer hijos vueſtros.
En Caſtilla, el rèfran dice
Que el caballo (y es lo cierto)
Lleva la cilla.—Mirad *(de rodillas)*
Que á vueſtros piés os lo ruego
De rodillas, y llorando
Sobre eſtas canas, que el pecho,
Viendo nieve y agua, penſa
Que ſe me eſtán derritiendo.
¿Qué os pido? Un honor os pido,
Que me quitaſteis vos meſmo;
Y con ſer mio, parece,
Segun os le eſtoy pidiendo
Con humildad, que no es mio
Lo que os pido, ſino vueſtro.
Mirad que puedo tomarle
Por mis manos, y no quiero,
Sino que vos me lo deis.

Faz honra ao nobre caracter de Calderon de la Barca o ter poſto na boca do brioſo velho a expreſſão de ſentimentos tão elevados, tão puros, tão virtuoſos! Encanta ouvir uma linguagem que revela as inſpirações mais generoſas e delicadas! É mil vezes grato eſcutar um homem, que prefere a mendicidade á deſhonra, e ſacri-

odas as ſuas riquezas ao reſtabelecimento de uma reputação nancha!

Pedro Creſpo, como os leitores acabam de ver, advoga malmente a ſua cauſa, e põe inteiramente do ſeu lado a razão e n direito, á força de diſcrição, de modeſtia, de deſintereſſe, verdadeira nobreza de alma. Mas o homem do povo não enou no *fidalgo* a reciprocidade, que lhe era dado eſperar, ainda ırte de um villão! Eis a reſpoſta do capitão:

Ya me falta el ſufrimiento.
Viejo canſado y prolijo,
Agradeced que no os doy
La muerte á mis manos hoy,
Por vos y por vueſtro hijo;
Por que quiero que debais
No andar con vos mas cruel,
A la beldad de Iſabel.
Si vengar ſolicitais
Por armas vueſtra opinion,
Poco tengo que temer;
Si por juſticia ha de ſer,
No teneis juriſdiccion.

Apeſar d'eſta reſpoſta dura e inſolente do miſeravel fidalgo, gue Pedro Creſpo no empenho de o trazer ao cumprimento ı dever ſagrado; até que afinal, triſtemente deſenganado, reo officio de juiz, e jura que ha de vingar-ſe:

CRESPO

¿Qué enfin, no os mueve mi llanto?

CAPITAN

Llanto no ſe ha de creer
De viejo, niño y mujer.

CRESPO

¿Qué no pueda dolor tanto
Mereceros un consuelo?

CAPITAN

¿Qué mas consuelo quereis,
Pues con la vida volveis?

CRESPO

Mirad que echado en el suelo,
Mi honor á voces os pido.

CAPITAN

¡Qué enfado!

CRESPO

Mirad que soy
Alcalde en Zalamea hoy.

CAPITAN

Sobre mi no habeis tenido
Jurisdiccion: el consejo
De guerra enviará por mi.

CRESPO

¿En eso os resolveis?

CAPITAN

Si,
Caduco y cansado viejo.

CRESPO

¿No hay remedio?

CAPITAN

Sí, el callar!
Es el mejor para vos.

CRESPO

¿No otro?

CAPITAN

No.

CRESPO

Pues juro á Dios,
Que me lo habeis de pagar.—
¡Hola? *(Levantase y toma la vara)*

Crespo manda prender o capitão, e sem detença lhe faz o competente processo.

N'este meio tempo volta a Zalamea Don Lope de Figueroa, com o intento de desaggravar a injuria que lhe constou haver sido feita ao capitão Don Alvaro. Don Lope vae hospedar-se, como da primeira vez, em casa de Pedro Crespo, ignorando que era este *Alcalde* que mandara prender o capitão.

O dialogo entre Don Lope e Pedro Crespo é por extremo interessante e recommendavel:

DON LOPE *(dentro)*

Pára, pára.

CRESPO

¿Qué es aquesto? ¿Quien, quien hoy

Se apea en mi casa así?
Pero ¿quien se ha entrado aqui?
(Salen Don Lope y soldados.)

DON LOPE

¡Oh Pedro Crespo! Yo soy;
Que volviendo á este lugar
De la mitad del camino
(Donde me trae, imagino,
Un grandisimo pesar),
No era bien ir á apearme
A otra parte, siendo vos
Tan mi amigo.

CRESPO

Guárdeos Dios;
Que siempre tratais de honrarme.

DON LOPE

Vuestro hijo no ha parecido
Por allá.

CRESPO

Presto sabréis
La ocasion: la que teneis,
Señor, de haberos venido,
Me haced merced de contar;
Que venis mortal, señor.

DON LOPE

La desvergüenza es mayor
Que se puede imaginar.
Es el mayor desatino
Que hombre ninguno intentó.
Un soldado me alcanzó

Y me dijo en el camino...
—Que eſtoy perdido, os confieſo,
De cólera.

CRESPO

Proſegui.

DON LOPE

Que un alcaldillo de aqui
Al Capitan tiene preſo.—
Y ¡vive Dios! no he ſentido
En toda aqueſta jornada
Eſta pierna excomulgada,
Si no es hoy, que me ha impedido
El haber ántes llegado
Donde el caſtigo le dé.
¡Vive Jeſucriſto, qué
Al gran deſvengonzado
A palos le he de matar!

CRESPO

Pues habeis venido en balde,
Por que pienſo que el alcalde
No ſe los dejara dar.

DON LOPE

Pues dárſelos, ſin que deje
Dárſelos.

CRESPO

Malo lo veo;
Ni que haya en el mundo creo
Quien tan mal os aconſeje.
¿Sabeis por qué le prendió?

DON LOPE

No; mas ſea lo que fuere,

Jufticia la parte efpere
De mi; que tambien fé yo
Degollar, fi es necefario.

CRESPO

Vos no debeis de alcanzar,
Señor, lo que en un lugar
Es un alcalde ordinario.

DON LOPE

¿Será mas que un villanote?

CRESPO

Un villanote ferá,
Que fi cabezudo da
En que ha de darle garrote,
Por Dios, fe falga con ello.

DON LOPE

No fe faldrá tal, por Dios;
Y fi por ventura vos,
Si fale ó no, quereis vello,
Decid donde vive ó no.

CRESPO

Bien cerca vive de aqui.

DON LOPE

Pues á decirme venid
Quién es el alcalde.

CRESPO

Yo.

DON LOPE

¡Vive Dios, que ſi ſoſpecho!...

CRESPO

¡Vive Dios, como os lo he dicho!

DON LOPE

Pues, Creſpo, lo dicho dicho.

CRESPO

Pues ſeñor, lo hecho hecho.

Depois de mais alguma altercação, Creſpo vae dar preſſa á execução do julgamento proferido contra o capitão; e quando Lope chega depois ao carcere com tropa, já não é tempo de ſalvar o ſeu official...

N'eſte entretanto chega Filippe II a Zalamea, quando tudo anda em perturbação.

Eis aqui a ultima ſcena do drama:

(JORNADA TERCERA.—ESCENA XVII.)

(Salen los ſoldados y Don Lope por un lado; y por otro El Rey, Creſpo, Labradores y acompañamiento.)

REY

¿Qué es eſto?

Pues deſta manera eſtáis;
Viniendo yo!

DON LOPE

Eſta es, ſeñor,
La mayor temeridad
De un villano, que vió el mundo.
Y, vive Dios, que á no entrar
En el lugar tan apriſa,
Señor, Vueſtra Majeſtad,
Que habia de hallar luminarias
Pueſtas por todo el lugar.

REY

¿Qué ha ſucedido?

DON LOPE

Un alcalde
Ha prendido un capitan.
Y viniendo yo por él
No le quieren entregar.

REY

¿Quién es el alcalde?

CRESPO

Yo.

REY

¿Y qué deſculpa me dáis?

CRESPO

Eſte proceſſo, en quien bien

Probado el delito eſtá,
Digno de muerte, por ſer
Una doncella robar,
Forzarla en un deſpoblado,
Y no quererſe caſar
Con ella, habiendo ſu padre
Rogádole con la paz.

DON LOPE

Eſte es el alcalde, y es
Su padre.

CRESPO

No importa en tal
Caſo, por que ſi un extraño
Se viniera á querellar,
¿No habia de hacer juſticia?
Si: pues ¿qué mas ſe me da
Hacer por mi hija lo miſmo
Que hiciera por los demas?
Fuera de que, como he preſo
Un hijo mio, es verdad
Que no eſcuchara á mi hija,
Pues era la ſangre igual...[1]

Mireſe ſi eſtá bien hecha
La cauſa, miren ſi hay
Quien diga que yo haya hecho
En ella alguna maldad,
Si he inducido algun teſtigo,
Si eſtá eſcrito algo de mas
De lo que he dicho, y entónces
Me dén muerte.

REY

Bien eſtá

[1] Aqui ha viſivelmente falta de algum ou alguns verſos para complemento ·ntido.

Sentenciado; pero vos
No teneis autoridad
De ejecutar la ſentencia
Que toca á otro tribunal.
Allá hay juſticia, y aſí
Remitid el preſo.

CRESPO

Mal
Podré, ſeñor, remitirle,
Porque como por acá
No hay mas que ſola una audiencia,
Cualquiera ſentencia que hay,
La ejecuta ella, y aſí
Eſtá ejecutada ya.

REY

¿Qué decis?

CRESPO

Si no creeis
Que es eſto, ſeñor, verdad,
Volved los ojos, y vedlo.
Aqueſte es el capitan.
(Abren una puerta, y aparece dado garrote en una ſilla el capitan.)

REY

Pues ¿Cómo aſí os atreviſteis?...

CRESPO

Vos habeis dicho que eſtá
Bien dada aqueſta ſentencia:
Luego eſto no eſtá hecho mal.

REY

El conſejo ¿no ſupiera
La ſentencia ejecutar?

CRESPO

Toda la juſticia vueſtra
Es ſolo un cuerpo no mas:
Si eſte tiene muchas manos,
Decid, ¿qué mas ſe me da
Matar con aqueſta un hombre
Que eſtotra habia de matar?
Y ¿qué importa errar lo ménos,
Quien ha acertado lo mas?

REY

Pues ya que aqueſto es aſſ,
¿Por qué, como á capitan
Y caballero, no hiciſteis
Degollarle?

CRESPO

¿Eſo dudais?
Señor, como los hidalgos
Viven tan bien por acá,
El verdugo que tenemos,
No ha aprendido á degollar.
Y eſa es querella del muerto,
Que toca á ſu autoridad,
Y haſta que él miſmo ſe queje,
No les toca á los demas.

REY

Don Lope, aqueſto ya es hecho.
Bien dada la muerte eſtá;
Que errar lo ménos no importa,
Si acertó lo principal.
Aquí no quede ſoldado
Alguno, y haced marchar
Con brevidad; que me importa

Llegar preſto á Portugal.
Vos, por alcalde perpetuo
De aqueſta villa os quedad.

Ainda depois d'iſto encontramos uma bella reſpoſta de Creſpo a Don Lope de Figueroa:

DON LOPE

¿No fuera mejor hablarme,
Dando el preſo, y remediar
El honor de vueſtra hija?

CRESPO

En un convento entrará;
Que ha elegido y tiene eſpoſo,
Que no mira en calidad.

Não poupámos a cenſura nos logares em que a julgámos bem cabida; mas tambem tivemos a ſatiſfação de exprimir francamente os louvores que mais de uma paſſagem merece.

O caracter de Don Lope de Figueroa é deſenhado de mão de meſtre: militar velho, endurecido pelas campanhas, inſpirando affeição e ao meſmo tempo temor aos ſoldados, repaſſado de preconceitos militares em pontos de auctoridade, energico e um tanto inculto na expreſſão do padecimento que lhe cauſam as ſuas moleſtias, urbano, bondoſo, e naturalmente amigo da juſtiça.

Egualmente é muito bem deſenhado o caracter de Pedro Creſpo: lavrador abaſtado e rico; dotado de admiravel diſcrição; fino preſador da dignidade de homem; apaixonado pela honra e pelo bom nome, até ao fanatiſmo; coragem e nobre independencia na defeza do ſeu direito; energia, deciſão, e perſeverança nas emprezas.

A juſtiça que elle adminiſtra é um tanto irregular, talvez caprichoſa; mas a razão eſtá tanto do ſeu lado, que nos ſentimos diſpoſto a dizer com o rei:

Don Lope, aqueſto ya es hecho.
Bien dada la muerte eſtá;
Que errar lo ménos no importa,
Si acertó lo principal.

Eſte drama faz muita honra a Calderon de la Barca, não ſó pelo que atraz obſervámos já, ſenão tambem porque o dramaturgo pretendeu caſtigar no theatro as inſolencias e deſaforos dos militares do ſeu tempo. «*Los deſafueros de los militares de Eſpaña eran frequentes en los tiempos de Calderon, y urgia reprimirl-os: Calderon los caſtigó en la eſcena con la autoridad del ingenio y la filoſofia.*» Aſſim ſe exprime Don Juan Eugenio Hartzenbusch, no final do tomo XIV da *Bibliotheca de Autores Eſpañoles*[1]. Ahi ſe encontra a noticia documentada de um grande numero de factos, anteriores á publicação do preſente drama, muito ſemelhantes aos que foram ſtigmatiſados pelo immortal dramaturgo.

Antes d'eſſa noticia ſe encontra uma primoroſa analyſe do drama *El Alcalde de Zalamea* feita pelo eſcriptor francez M. Louis de Viel-Caſtel, e publicada na *Revue des deux mondes* do anno de 1841. No intereſſe dos eſtudioſos, devemos declarar que eſſa analyſe lhes ha de ſer um bom ſubſidio para a apreciação do meſmo drama.

---

[1] *Notas y iluſtraciones á varias comedias de Calderon.*

VIII

Já, a pag. 35, tivemos occaſião de mencionar o drama—*Amar deſpues de la muerte*[1].

Para exemplificar uma arguição de Siſmondi ſobre o ruim goſto e affectação do poeta no modo de exprimir a dôr, regiſtámos o dialogo entre Tuzani, protagoniſta mouriſco do drama, e a ſua amante Dona Clara Malec, já moribunda.

Para que os leitores não ficaſſem deſagradavelmente impreſſionados a reſpeito d'aquelle belliſſimo drama, citámos a intereſſante narrativa de altercação entre o velho mouriſco Don Juan Malec, e o fidalgo caſtelhano Don Juan de Mendoza, e apontámos depois, ao de leve, um lance de grande effeito.

Mas, tratando-ſe de uma das mais recommendaveis compoſições dramaticas de Calderon, completaremos agora o competente exame, afim de tomarmos nota das bellezas que n'ella avultam.

---

[1] Na relação que ao duque de Veragua enviou Calderon, vem designado eſte drama com o ſeguinte titulo: *El Tuzani de la Alpujarra.*

A primeira *jornada* paſſa-ſe em Granada, tres annos antes da ſegunda que ſe paſſa na Alpujarra, nas viſinhanças de Galera.

Don Juan Malec, velho mouriſco, pae de Dona Clara, é um dos membros da municipalidade de Granada, não obſtante não ſer de origem caſtelhana. Em plena aſſembléa recebera um grave inſulto da parte de Don Juan de Mendoza, e movido pela indignação, vem ter com o Cadi de Granada para deſafogar a dôr que o opprime, e promover uma ſublevação geral dos mouriſcos.

Agrada-me, antes de tudo, o modo por que o poeta pinta a gravidade reſpeitoſa, e a perturbação com que o Cadi recebe o venerando ancião:

CADI

Pues, ſeñor
Don Juan, cuya ſangre clara
De Malec os pudo hacer
Veintecuatro de Granada,
Aunque de africano origen,
¡Vos deſta ſuerte en mi caſa!

MALEC

Y no con poca ocaſion
Hoy vengo buſcándôs: baſta
Deciros que á ella me traen
Arraſtrando mis deſgracias.
... .

CADI

¿Qué nos mandas?

O velho mouriſco, convidando o Cadi e demais amigos preſentes a ſerenar da inquietação e ſuſto, que a ſua vinda cauſara, refere que em plena ſeſſão do conſelho da cidade fôra lida uma carta de

Filippe II, contendo determinações todas tendentes a avexar os mouriſcos:

Las condiciones pues eran
Algunas de las paſadas
Y otras nuevas que venian
Eſcritas con mas inſtancia,
En razon de que ninguno
De la nacion africana,
Que hoy es caduca ceniza
De aquella invencible llama
En que ardió España, pudieſe
Tener fieſtas, hacer zambras,
Veſtir ſedas, verſe en baños,
Ni oirſe en alguna caſa
Hablar en ſu algarabia,
Sino en lengua caſtellana.

Vê-ſe o quanto de intolerancia e de oppreſſão continham as determinações de Filippe II contra a perſeguida raça mouriſca.

A reſtante falla de Malec torna-ſe cada vez mais intereſſante.

O ancião exprime francamente o ſeu deſagrado; reſponde-lhe com inſolencia o orgulhoſo Don Juan de Mendoza; com dignidade replica Malec; mas é brutalmente eſpancado pelo fidalgo caſtelhano, que ſe eſquece de que aſſim ſe moſtra fero contra um velho fraco e decrepito.

E agora admirae os primoroſos termos em que o poeta nos refere tudo iſto:

MALEC *(proſeguindo)*

Yo, que por el mas antiguo,
El primero me tocaba
Hablar, dije que aunque era
Ley juſta y prevencion ſanta
Ir haciendo poco á poco
De la coſtumbre africana

Olvido, no era razon
Que fuefe con furia tanta;
Y afi, que fe procediefe
En el cafo con templanza,
Por que la violencia fobra
Donde la coftumbre falta.
Don Juan, Don Juan de Mendoza,
Deudo de la iluftre cafa
Del gran Marques de Mondéjar,
Dijo entonces: «Don Juan habla
Apafionado, porqué
Naturaleza le llama
A que mire por los fuyos,
Y afi remite y dilata
El caftigo á los moriscos,
Gente vil, humilde y baja.»
Señor Don Juan de Mendoza
(Dije) cuando eftuve Efpaña
En la opreftion de los moros
Cautiva en fu propria patria,
Los criftianos, que mezclados
Con los árabes eftaban,
Que hoy mozárabes fe dicen,
No fe ofenden, ni fe infaman
De haberlo eftado, porqué
Mas engrandece y enfalza
La fortuna al padecerla
A veces, que al dominarla.
Y en cuanto á que fon humildes,
Gente abatida y efclava,
Los que fuéron caballeros
Moros no debieron nada
A caballeros criftianos
El dia que con el agua
Del bautifmo recibieron
Su fe católica y fanta;
Mayormente los que tienen,
Como yo, de Reyes tanta...
«Sí; pero de reyes moros»
Dijo.

O reſtante da narrativa já o regiſtámos a pag. 40 e 41. Ahi fizemos ſobreſair a expreſſão admiravel dos altivos penſamentos do venerando ancião, e não menos da laſtima que o amargura de não ter um filho que o vingue. Appella para os mouriſcos preſentes, e todos eſtes perſilham a ſua cauſa, e promettem deſagraval-o.

Tambem elogiámos os termos expreſſivos com que o poeta pintou o caracter varonil de Dona Clara Malec, que lamenta não ſer homem para ir ſaber de Mendoza, ſe ſeria tão valente contra um moço, como o fôra contra um velho deſſallecido[1].

O que, porém, não fizemos, mas agora fazemos goſtoſos, é encarecer a magnanimidade de Calderon, revelada n'eſte lance, pelo intereſſe que lhe inſpiram os mouriſcos, e pela decidida ſympathia que moſtra pelos perſeguidos. Adiante havemos de ter occaſião de aſſignalar outra vez eſte formoſo raſgo de generoſidade, eſta louvavel manifeſtação de eſclarecida tolerancia.

Vamos agora completar a noticia do encontro de Tuzani com Mendoza, regiſtando os preliminares do duello.

Don Alvaro Tuzani faz todas as diligencias para ſe encontrar e bater-ſe com Don Juan de Mendoza, a fim de vingar a affronta feita ao velho Malec, pae da ſua amante e eſpoſa.

Chega, finalmente, a occaſião ſuſpirada, que os dois contendores aproveitam, embora o terrivel duello haja de effeituar-ſe no recinto de um quarto, a portas fechadas:

---

[1] Antes dos verſos que citámos, deveramos apontar os ſeguintes:

Ya que no puedo matar
A quien llegó á deſlucir
Mi honor, déjame ſentir
Las afrentas que le heredo,
Pues ya que matar no puedo
Pueda á lo menos morir.

DON ALVARO

Señor Don Juan de Mendoza.
Hablar con vos me conviene
A solas.

MENDOZA

Pues solo estoy.

DON ALVARO

Yo vengo á saber de vos,
Por capricho solamente,
Si es valiente con un joven
Quien con un viejo es valiente,
Y en efecto vengo solo
A darme con vos la muerte.

MENDOZA

Sacad la espada.

DON ALVARO

A eso vengo;
Que me importa daros muerte
Mas presto que vos pensais.

MENDOZA

Pues campo bien solo es este.
Riñen

No maior auge da briga ouvem bater fortemente á porta, e um ao outro perguntam o que lhes cumpre deliberar:

DON ALVARO

A la puerta llama gente.

MENDOZA

¿Qué haremos?

DON ALVARO

Que muera el uno
Y abra luego el que viviere.

MENDOZA

Decis bien.

Antes de offerecermos á conſideração dos leitores outro notavel lance que encontramos n'eſte drama, obriga-nos o dever da imparcialidade a cenſurar o campanudo arraſoado que o dramaturgo põe na boca de Don João d'Auſtria, depois da tomada de Galera:

DON JUAN

Ya que rendida Galera
En ruinas ſe eterniza,
Y que em ſu propria ceniza
Es el fenix y la hoguera;
Ya que del ardiente eſſera,
Entre el eſcándalo ſumo,
Un fragmento la preſumo
Adonde voraz y ciego
Es el Minotauro el fuego
Y es el laberinto el humo;
No tenemos que eſperar,

Sino ántes que la aurora
Cuaje las perlas que llora
Sobre la eſpuma del mar,
Empiece el campo á marchar
A Berja, que mi atrevido
Corazon, nunca vencido,
Deſcanſo no ha de tener
Haſta á Abenhumeya ver
A mis piés muerto ó vencido.

Vamos agora dar prazenteira noticia do admiravel raſgo de ſublime que ha pouco deixámos entrever.

Don Alvaro Tuzani, que já vimos no acto de prantear a morte de Dona Clara Malec, ſua eſpoſa, proteſtar vingar-ſe do ſoldado caſtelhano, que em Galera commettera o negro attentado de arrancar a vida á formoſa mouriſca. Pelas joias de Dona Clara, com que o barbaro matador ficara, pôde Don Alvaro deſcobrir eſte, e deſde logo o convida a que lhe narre as circumſtancias do tragico ſucceſſo. O ſoldado, vendo diante de ſi um caſtelhano (que aſſim ſe diſſarçara Don Alvaro) refere complacente todos os pormenores; mas quando por fim diz: *La atravesé el pecho*, arremeſſa-ſe ſobre elle o deſditoſo amante, e o apunhal-a, dizendo-lhe, enfurecido: *Foi aſſim que a mataſte?*

Eil-a, em todo o ſeu eſplendido deſenvolvimento, a ſcena magnifica:

GARCES *(ſoldado)*

.....
Eſtando de poſta un dia,
Entre unas eſpeſas ramas,
Que á los lutos de la noche
Iban piſando las faldas,
Prendi á un moriſco. No quiero
(Que eſtas coſas ſon muy largas)
Deciros que me engañó,
Llevándome entre unas altas
Peñas, adonde ſus voces

Convocaron la Alpujarra;
Que huyendo dél, me eſcondí
En una gruta, pues baſta
Decir que eſta fué la mina,
Que en una peña cavada,
Monſtruo fué que concebió
Tanto fuego en ſus entrañas.
Yó fué quien noticia della
Traje el ſeñor Don Juan de Auſtria,
Yo fué quien al ingenio
La noche eſtuve de guardia,
Yo quien de la bateria
Mantuve ſiempre la entrada
A la otra gente, y yo enfin
Quien por medio de las llamas
Penetré la villa, *ſiendo*
Su racional ſalamandra,
Haſta que llegué, paſando
Globos de fuego, á una caſa
Fuerte, que ſin duda era
De tal gente plaza de armas,
Pues alli ſe avanzó toda.
Pero parece que os canſa
Mi relacion, y que no
Teneis guſto en eſcucharla.

DON ALVARO

No es ſino que divertido
Acá en mis penas eſtaba.
Proſeguid.

GARCES

Llegué en efecto
Lleno de cólera y rábia,
A la caſa de Malec
(Que era en fin toda mi anſia
El palacio ó caſa fuerte),
Al tiempo que ya ſu alcazar

Pluguiera á amor, pues mas ſiento
Ya el quererla que el matarla!

GARCES

Dió voces en la defenſa
De ſu vida y de ſu fama:
Yo, viendo que ya acudia
Otra gente, y que ya eſtaba
Perdida la una vitoria,
No quiſe perderlas ambas,
Ni que los otros ſoldados
Conmigo á la parte entraran;
Y aſſí, trocando el amor
Entonces en la venganza
(Que facilmente el afecto
De un extremo al otro paſa),
Arrebatado no ſé
De qué furia, de qué ſaña
Que me movio el brazo entonces
¡Aun repetido es infamia),
O por quitarla una joya
De diamantes y una ſarta
De perlas, dejando todo
Un cielo de nieve y grana
La atraveſé el pecho...

DON ALVARO

¿Fué
Como eſta la puñalada?
(Saca un puñal y hiérele)

GARCES

¡Ay de mi!

DON ALVARO

Muere, traidor!

GARCES

¿Tú me matas?

DON ALVARO

Sí, por que eſa beldad muerta,
Eſa roſa deſhojada,
El alma fué de mi vida,
Y hoy eſ vida de mi alma.
Tu eres el que buſco, tú
Tras quien me trae mi eſperanza
A vengar a ſu hermoſura.

Na *Jornada Segunda* (Sierra de la Alpujarra.—Cercanias de Galera) rompe a ſcena *El Señor Don Juan d'Auſtria*, perguntando a Don Juan de Mendoza, com inſolente deſdem, qual foi a cauſa da ſublevação dos mouriſcos.

A reſpoſta attribuida a Mendoza revela uma certa ſympathia para com os ſublevados, uma certa imparcialidade de julgamento, que fazem grande honra ao caracter de Calderon.

Reproduziremos a pergunta, e logo depois a reſpoſta (embora extenſa), na qual ſe encontra a intereſſante deſcripção da Alpujarra, e a narrativa dos principaes traços da ſublevação:

DON JUAN

Rebelada montaña,
Cuya inculta aſpereza, cuya extraña
Altura, cuya fábrica eminente,
Con el peſo, la máquina y la frente
Fatiga todo el ſuelo,

Eſtrecha el aire y embaraza el cielo:
Infame ladronera,
Que de abortados rayos de tu eſſera
Das, preñados de eſcándalos tus ſeños,
Aquí la voz y en Africa los truenos.
Hoy es, hoy es el dia
Fatal de tu paſada alevoſia,
Por que vienem conmigo
Juntos hoy mi venganza y tu caſtigo;
Si bien corridos vienen
De ver el poco aplauſo que previenen
Los cielos á mi fama;
Que eſto matar, y no vencer ſe llama,
Por que no ſon blaſones
A mi honor merecidos,
Poſtrar una canalla de ladrones
Ni ſujetar un bando de bandidos:
Y aſſí, encargue á los tiempos mi memória
Que la llamo caſtigo, y no vitória.
Saber deſeo el orígen deſte ardiente
Fiero motin[1].

MENDOZA

Pues oye atentamente.
Eſta, auſtral águila heróica,
Es el Alpujarra, eſta

---

[1] Razão teve um hiſtoriador francez, referindo-ſe a eſta falla de D. João d'Auſtria, em dizer:

«Quelle étrange forfanterie dans cette apoſtrophe que Don Juan, généralliſſime des armées de Philippe II, adreſſe à la montagne de l'Alpujarra!»

M. Ch. Weiſs. *L'Eſpagne depuis le règne de Philippe* II *juſqu'à l'avénement des Bourbons.*

A propoſito de D. João d'Auſtria, notaremos que n'eſte drama de Calderon ha um anachroriſmo, que devemos rectificar. Suppõe-ſe que o principe aſſiſtira á refrega de Alpujarra depois da glorioſa batalha naval de Lepanto; quando aliás ſó depois de ſuffocada a ſublevação dos mouriſcos, alcançou o filho natural de Carlos Quinto a memoravel victoria ſobre os Turcos.

Es la rúſtica muralla,
Es la barbara defenſa
De los moriſcos, que hoy,
Mal amparados en ella,
Africanos montañeſes,
Reſtaurar á Eſpaña intentan.
Es por ſu altura dificil
Fragoſa por ſu aſpereza,
Por ſu ſitio inexpugnable
Es invencible por ſus fuerzas.
Catorce leguas en torno
Tiene, y en catorce leguas
Mas de cincuenta que añade
La diſtancia de las quiebras,
Por que entre puntas y puntas
Hay valles que la hermoſean,
Campos que la fertilizan,
Jardines que la deleitan.
Toda ella eſtá poblada
De villajes y de aldeas;
Tal, que cuando el ſol ſe pone,
A los viſlumbres que deja,
Parecen riſcos nacidos
Cóncavos entre las breñas,
Que rodaron de la cumbre,
Aunque á la falda no llegan.
De todas las tres mejores
Son Berga, Gavia y Galera,
Plazas de armas de los tres
Que hoy á los demas gobiernan.
Es capaz de treinta mil
Moriſcos que eſtán en ella,
Sin las mujeres y niños,
Y tienen donde apacientan
Gran cantidad de ganados;
Si bien los mas ſe ſuſtentan
Mas que de carnes, de frutas
Ya ſylveſtres ó ya ſecas,
O de plantas que cultivan;
Por que no ſolo á la tierra,

Pero á los peñaſcos hacen
Tributarios de la yerba;
Que en la agricultura tienen
Del eſtudio, tal deſtreza,
Que á preñeces de ſu azada
Hacen fecundas las piedras.

Começa aqui a expoſição dos motivos que tiveram os mouriſcos para ſe ſublevarem. É n'eſta parte da falla de Mendoza que tranſparecem a ſympathia e a nobre iſenção do poeta.

Aſſignalaremos typographicamente as paſſagens mais ſignificativas:

La cauſa del rebelion,
Por ſi tuve parte en ella,
Te ſuplico que en ſilencio
La permitas á mi lengua.
Aunque mejor es decir
Que fuí la cauſa primera,
Que no decir que lo fueron
Las pragmáticas ſeveras
Que tanto los apretaron,
Que decir eſto me ef fuerza:
Si uno ha de tener la culpa,
Mas vale que yo la tenga.
En fin, ſea aquel deſaire
La ocaſion, ſeñor, o ſea
Que á Válor al otro dia
Que ſucedió mi pendencia,
Llegó el alguacil mayor
Dél, y le quitó á la puerta
Del ayuntamiento una
Daga que traía encubierta;
O ſea que ya oprimidos
De ver cuánto los aprietan
Ordenes que cada dia
Aquí de la corte llegan,
Los deſeſperó de ſuerte,
Que amotinarſe conciertan:
Para cuyo efecto fuéron,

Sin que ninguno lo entienda,
Retirando á la Alpujarra
Baſtimento, armas y hacienda.
Tres años tuvo en ſilencio
Eſta traicion encubierta
Tanto número de gentes:
Coſa que admira y eleva,
Que en mas de treinta mil hombres
Convocados para hacerla,
No hubiera uno que jamas
Revelara ni dijera
Secreto de tantos dias.
¡Cuánto ignora, cuánto yerra
El que dice que un ſecreto
Peligra en tres que lo ſepan!
Que en treinta mil no peligra,
Como á todos les convenga.»

Omittindo a narração de alguns exceſſos, que foram o cortejo da ſublevação, como de ordinario ſuccede em caſos taes, vamos ver como o poeta, inſpirado pelos mais nobres ſentimentos, ſe compraz em louvar a intelligencia, a cordura e a diſcrição dos mouriſcos ſublevados:

.....
Y para que veais que ſon
Gente, aunque oſada y reſuelta,
De politicos eſtudios,
Oíd como ſe gobiernan;
Que eſto lo habemos ſabido
De algunas eſpías preſas.
Lo primero que trataron
Fué elegir una cabeza;
Y aunque ſobre eſta eleccion
Hubo algunas competencias
Entre don Fernando Válor
Y otro hombre de igual nobleza,
Don Alvaro Tuzaní;

Don Juan Malec los concierta
Con que don Fernando reine,
Caſándoſe con la bella
Doña Iſabel Tuzaní,
Su hermana.

. . . . . .

Coronado, pues, el Válor,
La primer coſa que ordena,
Fué, por oponerſe en todo
A las pragmáticas nueſtras,
O por tener por las ſuyas
A ſu gente mas contenta,
Que ninguno ſe llamara
Nombre Criſtiano, ni hiciera
Ceremonia de Criſtiano:
Y por que ſu ejemplo fuera
El primero, ſe firmó
El nombre de Abenhumeya.
Apellido de los reyes
De Córdoba, á quien hereda.
Que ninguno hablar pudieſe,
Sino en arábiga lengua;
Veſtir ſino traje moro,
Ni guardar ſino la ſecta
De Mahoma: deſpues deſto,
Fué repartiendo las fuerzas.»

E já agora não privaremos os leitores do prazer de ouvirem a nervoſa deſcripção da poſſante fortaleza, natural, de Galera e de outros pontos da Alpujarra:

Galera, que es eſa villa
Que eſtás mirando primera,
Cuyas murallas y foſos
Labró la naturaleza,
Tan ſingularmente docta,
Que no es poſſible que pueda
Ganarſe ſin mucha ſangre,
La dió á Malec en tenencia;

A Malec, padre de Clara,
Que ya ſe llama Maleca.
Al Tuzaní le dió á Gavia
La Alta, y él ſe quedó en Berja,
Corazon que vivifica
Eſe gigante de piedra.
Eſa es la diſpoficion
Que deſde aquí ſe penetra;
Y eſa, ſeñor, la Alpujarra,
Cuya barbara eminencia,
Para poſtrarſe á tus piés
Parece que deſpeña.

Em comprovação dos ſentimentos que attribuimos a Calderon, temos por muito conveniente offerecer á ponderação dos leitores as conceituoſas obſervações de um eſcriptor grave:

«Apreſenta eſte drama um quadro tão animado como intereſſante, de um dos grandes acontecimentos do reinado de Filippe II, qual foi a inſurreição dos mouros do reino de Granada. Levados á deſeſperação pelas providencias vexatorias, a que recorrera o governo para os forçar a abandonar até os ultimos veſtigios dos ſeus uſos, pegaram ſubitamente em armas, abjuraram a fé chriſtã, retiraram-ſe para as montanhas da Alpujarra, elegeram um rei, e por eſpaço de tres annos ſe defenderam contra os eſforços da monarchia heſpanhola. O que n'eſta peça mais me impreſſiona, é o ter ella ſido evidentemente inſpirada por um ſentimento de preferencia pela cauſa dos mouros. Apeſar de algumas declamações triviaes, que parecem dictadas por certas conveniencias, antes do que por uma forte convicção, affigura-ſe-me eſtar Calderon penetrado da idéa de que houve injuſtiça contra os mouros, e que um procedimento menos violento haveria evitado as deſgraças d'eſſa inſurreição. O poeta attribue ás ſuas perſonagens palavras de humanidade, de moderação, quaſi de tolerancia, muito de notar em um dramaturgo do ſeculo XVII, e maiormente em um dramaturgo, que, mais de que ou-

tro algum, ſe moſtra eivado, na maior parte das ſuas obras, de indifferença pela vida humana, conſequencia natural da ſuperſtição religioſa e do fanatiſmo da honra[1].»

Faremos ainda menção de duas ſcenas, em que o poeta nos deixa fitar o gracioſo vulto de Dona Clara, como que ſuaviſando os horrores da guerra com os encantos do ſeu puro e dedicado amor.

Eſtá no maior auge a confuſão do conflicto entre os chriſtãos e os mouriſcos. É inevitavel que Tuzani e Dona Clara ſe ſeparem, indo aquelle para Gavia, e eſta a encerrar-ſe em Galera.

Reparae agora no ſeguinte dialogo:

DON ALVARO

El Rey á Gavia me envia
Tú á Galera vas, y amor,
Luchando con el honor,
Se rinde á ſu tirania:
Quédate ahí, eſpoſa mia,
Y piadoſo el cielo quiera
Que el cerco que nos eſpera,
Que el poder que nos agravia,
Me vaya á buſcar á Gavia,
Por que te déje en Galera.

DOÑA CLARA

¿De ſuerte, que no podré
Verte, haſta ver acabada
Eſta guerra de Granada?

[1] L. de Viel-Caſtel. *Théatre eſpagnol. Le drame hiſtorique en Eſpagne. (Rev. des deux mondes,* tom. IV, 1840.)

DON ALVARO

Sí podrás; que yó vendré
Todas las noches, porqué
Dos léguas que hay en rigor
De allí á Gavia, ferá error
No volarlas mi defeo.

DOÑA CLARA

Mayores diftancias creo
Que fabe medir amor.
Yo en el poftigo eftaré
Efperándote del muro.

DON ALVARO

Y yo, defe amor feguro,
Cada noche al muro iré.
Dame los brazos, en fé.

Subito fe ouvem os bellicofos fons das caixas, e no mefmo ponto acaba a terna e faudofa defpedida.

Mais tarde, e em outra entrevifta dos dois efpofos, chega o perigo ao maior extremo, e é força que apreffadamente e para fempre fe feparem:

DOÑA CLARA

Las centinelas, feñor,
Hacen de las torres fuego.

DON ALVARO

Sin duda el campo criftiano
En el nocturno filencio

Amparado de las ſombras,
Sobre Galera ſe ha pueſto.

DOÑA CLARA

Vete, ſeñor; que ya ves
Todo el caſtillo revuelto.

DON ALVARO

¿Y ſera glorioſa accion
Que digan de mi que dejo
Sitiada á mi dama...

DOÑA CLARA

¡Ay triſte!

DON ALVARO

Y que las eſpaldas vuelvo?

DOÑA CLARA

Sí; que en defender á Gavia
Eſtá tu honor de por medio,
Y quízá han ido ſobre ella:
Tambien es de advertir eſto.

DON ALVARO

¿Quién vió mayor confuſion
Que yo en un punto padezco?
Mi honor y mi amor eſtan
Dandome voces á un tiempo.

DOÑA CLARA

Reſponde á los de tu honor.

É varonil e admiravelmente elevada a reſolução de Dona Clara; mas a paixão de Don Alvaro o arraſta a preferir levar comſigo a eſpoſa, e eſta, reflectindo em que na companhia de ſeu eſpoſo não arriſca a ſua honra, preſta-ſe a ſeguil-o. Infelizmente deſapparecera já o meio da retirada, e cada um ſegue o ſeu deſtino:

DON ALVARO

Antes reſponder pretendo
A las dos. *(Honra* y *amor)*

DOÑA CLARA

¿De qué manera?

DON ALVARO

En llevarte me reſuelvo
Conmigo; que ſi en dejarte
Y en no dejarte me pierdo,
Corra mi honor y mi amor
Una fortuna y un rieſgo.
Vente conmigo: una yegua,
Veloz injuria del viento,
Nos llevará.

DOÑA CLARA

Con mi eſpoſo
Voy: nada aventuro en eſto
Tuya ſoy.
etc.

Depois de havermos apontado exemplos de bellos trechos do drama—*Amar despues de la muerte*,—julgamos que aos leitores será agradavel encontrar aqui uma apreciação geral do mesmo drama.

Felizmente, ministra-nos o historiador da litteratura hespanhola, Ticknor, um elemento de estudo, que se nos affigura ser acceitavel.

Oiçamol-o:

«A força d'esta sentida e lastimosa tragedia consiste na impressão profunda, produzida por um amor puro e sublime, em lucta contra a ferocidade e barbarie do seculo em que o acontecimento occorreu. Esse acontecimento, passando através da grandiosa imaginação de Calderon, toma uma fórma ideal, tendo aliás um fundamento de verdade historica. Encarado a esta luz, é o drama um solemne transumpto (*a solemn exhibition*) de violencias, de desastres e de rebellião furiosa. Por entre sombrias scenas vão-nos servindo de guia o amor ardente, que distingue os arabes em toda a parte onde os encontramos, e o estimulo altivo da honra, que sómente os abandona, quando se retiram vencidos, e renunciam ao rico imperio do occidente que por tantos seculos deffructaram. Somos levados pela impetuosidade da acção a presenciar o que ha de mais odioso na guerra, sendo testemunhas oculares dos mais repulsivos excessos e horrores. Mas no meio de tudo isto apparece o gracioso vulto de Clara, encantado symbolo do amor da mulher, que parece asserenar todos os elementos de discordia e conflicto; ao passo que em toda a composição os caracteres de D. João d'Austria, Lope de Figueiroa, e Garces, de um lado, e os do venerando Malec e do fero Tuzani, por outro lado, nos deslumbram, dando-nos uma amostra dos tempos que o dramaturgo nos apresenta, e das paixões que profundamente distinguiram os dois mui romanticos povos, que por tanto tempo estiveram em conflicto.—O drama—*Amar desspues*

de la muerte[1]—funda-ſe no amor de Tuzani e Clara, ſem a menor miſtura de ciumes, nem de outros ſentimentos ou queſtões ſuſcitados pela exageração do ponto de honra: o que é raro em Calderon; pois que a maior parte dos ſeus dramas ſão complicados, no enredo, por um ou outro d'aquelles principios, dando occaſião, umas vezes a uma concluſão tragica, e outras a um fim afortunado[2].»

[1] É curioſo o modo porque Ticknor traduz o nome d'eſte drama: *Love ſurvives Life* (O amor ſobrevive á vida.)

[2] *Hiſtory of Spaniſh Litterature.* II, 366 e 367.

IX

Fora neceſſario encher muitas paginas, ſe nos deliberaſſemos a dar noticia das differentes comedias biblicas e devotas de Calderon, taes como: *El Purgatorio de S. Patricio; Origen, perdida y reſtauracion de la Virgen del Sagrario; El Joſé de las mujeres; Judas Macabeo; Trionfo de la Cruz*, etc. etc.

É, porém, força que nos reſtrinjamos a uma ſó d'eſſe genero, qual é a intitulada—*La Devocion de la Cruz*—, por certo a mais importante, e a mais apropriada para dar uma idéa das demais, no tocante aos principios e ſentimentos religioſos que n'ellas predominam.

Lembrados eſtarão os leitores do ſevero juizo que a reſpeito d'eſte drama fez Siſmondi; limitando-ſe todavia a dar conhecimento do enredo da peça, ſem apreſentar um ſó excerpto.

Por eſſa occaſião promettemos deſenvolver eſſa rapida apreciação: é de que vamos agora occupar-nos.

Começaremos por exarar o expreſſivo eſboço, delineado por um grave eſcriptor francez, do caracter do protagoniſta da peça,

Eufebio, e dos crimes atrozes por efte praticados, taes como os apreſentam as indicações do proprio drama:

«O heroe é o cabeça de um bando de ſalteadores,—não como os de Schiller, philoſophos, e ſyſtematicos adverſarios da tyrannia legal, mas um verdadeiro *bandido*, que occultando-ſe nas montanhas, quaſi inacceſſiveis, vem eſpalhar a aſſolação e o terror nos campos viſinhos. Ainda no meio, porém, de ſeus crimes ſem conto, conſerva o ſalteador um ſentimento profundo de reſpeito para com os ſignaes externos da religião. Depois de ferir mortalmente um dos ſeus inimigos, leva-o ás coſtas até á porta de um convento, a fim de que o moribundo poſſa ainda receber os ſoccorros da religião. Sobre a terra com que encobre os cadaveres das ſuas numeroſas victimas, não ſe eſquece jámais de erguer uma cruz. Na occaſião em que, tendo aſſaltado um convento, e ultrajado uma religioſa, deſcobre no peito d'ella o ſignal da cruz, foge eſpavorido, ſem mais querer permanecer junto da religioſa. Encontra um padre... corre a aſſaſſinal-o; mas pára no meio do crime, desde que reconhece o caracter que reveſte aquelle homem. Não ficam ſem recompenſa tantos actos meritorios: o ſalteador ſuccumbe, áfinal, acoſſado pelos camponezes que o perſeguem... mas o poder divino o reſſuſcita por alguns inſtantes, para lhe dar tempo a confeſſar os seus peccados, e poder aſſim ganhar o ceo[1].»

Os leitores vão ver o quanto ha de verdade e de exactidão nas apreciações dos dois criticos indicados.

Eis aqui os termos em que Eufebio, o protagoniſta do drama —*La Devocion de la Cruz*—conta a hiſtoria do ſeu naſcimento, e explica o fundamento da ſua grande devoção pelo ſignal da Cruz.

---

[1] Veja um excellente trabalho de M. L. Viel-Caſtel, com o titulo de *Théatre Eſpagnol—Le Drame religieux—Rev. des deux mondes.* 1840.

EUSEBIO

.....
Yo no ſé quien fué mi padre;
Pero ſé que la primera
Cuna fué el pié de una Cruz.
Y el primer lecho una piedra.
Raro fué mi nacimiento,
Segun los paſtores cuentan,
Que deſta ſuerte me hallaron
En la falda de eſas ſierras.

Tres dias ouviram os paſtores chorar uma creança, ſem ſe atreverem a chegar á asperefa do ſitio onde eſtava, com temor das feras, que aliás nenhum mal lhe faziam,—certamente pelo reſpeito da cruz. Por fim, foi dar com o menino um paſtor que andava em buſca de uma ovelha. Trouxe-o para a aldeia, e alli foi confiado á guarda de Euſebio da Cruz, e em tão boa hora, que o miraculoſo rapaz veiu a ſer o herdeiro da fazenda do ſeu protector.

Sendo ainda tenro infante, ſómente com as gengivas cortou o peito da ama que o creava. Eſta *gentileza* não podemos deixar da a ouvir da boca de Calderon:

Tierno infante era en los brazos
Del ama, cuando mi fiera
Condicion, barbara en todo,
Dió de ſus rigores mueſtra;
Pues con ſolas las encías,
No ſin diabolica fuerza,
Partí el pecho de quien tuve
El dulce alimento; y ella,
Del dolor deſesperada,
Y de la cólera ciega
En un pozo me arrojó
Sin que ninguno ſupiera
De mí. Oyendome reir,
Bajáron á él, y cuentan

Que eſtaba ſobre las aguas,
Y que con las manos tiernas
Tenia una Cruz formada
Y ſobre los labios pueſta.

Sobe de ponto o eſpanto que a narrativa ſuſcita, ao dar noticia de uma longa ſerie de paſmoſos prodigios, que por fim obrigam a perguntar: Eſſes miraculoſos ſucceſſos, inventados e accumulados pelo dramaturgo, ſão acaſo bem empregados, quando no cabo produzem um ſalteador feroz e ſanguinario? É porventura crivel que a Providencia liberaliſaſſe uma protecção tão excepcional a uma creatura humana, para depois a entregar aos inſtinctos brutaes de uma fera? Como acudiu á mente do dramaturgo inventar uma ſerie de contos abſurdos, que afinal ſó poderiam tornar mais eſpeſſas as trevas em que jazia a multidão ignorante? Não devemos por ventura imaginar que eſtiveſſe Calderon muito e muito acima dos eſpectadores, em illuſtração do eſpirito, em diſcrição e bom juizo? E ſendo aſſim, pode conceber-ſe que elle ſubminiſtraſſe ao povo um doutrinamento tão paradoxal quanto funeſto?

Mas deixemos á penetração dos leitores as conſiderações que a deploravel aberração ſuſcita, e vamos acompanhando o enredo do drama.

Euſebio ama apaixonadamente Julia, irmã de Liſardo; mas nunca ſe abriu com o pae d'ella, para a pedir em caſamento; nem que tiveſſe dado tal paſſo, o pae annuiria ao pedido. Aſſim o vem Liſardo participar a Euſebio; reſtituindo-lhe indignado as prendas que havia dado a ſua irmã e dizendo-lhe, em concluſão:

.....
Sacad la eſpada, y aquí
El uno de los dos muera;
Vos porque no la ſirvais,
O yo por que no lo vea.

Em reſpoſta, conta Euſebio a Liſardo a milagroſa hiſtoria, que já ouvimos; e termina com eſtas palavras:

.....
Aunque ſu caſa la guarde,
Aunque un convento la tenga,
De mí no ha de eſtar ſegura;
Y la que no ha ſido buena
Para mujer, lo ſerá
Para dama: aſí deſea,
Deſeſperado mi amor
Y ofendida mi paciencia,
Caſtigar vueſtro deſprecio
Y ſatiſfacer mi afrenta.

Confeſſemos que a extraordinaria *devoção* de Euſebio *pela Cruz* não o perſervava muito das tentações do peccado e do crime!

LISARDO

Euſebio, donde el acero
Hade hablar, calle la lengua.
(Sacan las eſpadas, riñen; Liſardo cae en el ſuelo, y procurando levantarſe, torna a caer)
¡Herido eſtoy!

EUSEBIO

¿No muerto?

LISARDO

No, que en los brazos me queda
Aliento para... ¡Ay de mi!
Faltó á mis plantas la tierra.

EUSEBIO

Y falte á tu voz la vida.

LISARDO

No me permitas que muera
Sin confeſion.

Qu
Y q
Te
Y

Sobe de po
cia de uma long
a perguntar: E
pelo dramatur
duzem um fal
a Providencia
tura humana.
fera? Como
contos abfu
trevas em q
tura imagin
pectadores.
fendo affin
doutrinam

Mas
a deplora
do drama

Eur
nunca fe
que tive
Lifardo
que hav

ELIFARDO

...gre envuelta
...ida,
... espera
... tantas
... uerta.

EUSEBIO

... brazos,
... aqui cerca
... monjes
... pequeña,
... ofrecerte
... ertas llegas.
... *(Eusebio en brazos)*

... agante efte procedimento de Eufebio, que
já ou... na boca do *gracioſo* a feguinte critica:

GIL

¡Han viſto lo que le debe!
La caridad eſtá buena;
Pero yo ſe la perdono.
¡Matarle y llevarle á cueſtas!

Depois d'eſte dito agudo, é bem de crer que os eſpectadores ſoltaſſem uma gargalhada homerica... e deſde eſſe momento, parece ter-ſe perdido o effeito que o dramaturgo pretendeu produzir!...

Mas não; os eſpectadsres tinham na conta de ſublime o empenho que Euſebio moſtrava de não deixar morrer ſem confiſſão a victima do ſeu furor! Arrancar a vida a uma creatura humana... paciencia! Mas deixar de cumprir uma ceremonia... horror!...

E não ſe penſe que zombamos da confiſſão! Pretendemos unicamente chamar a attenção dos leitores ſobre a juſteza das ponderações de Siſmondi, no que reſpeita ao ſacrificio das inſpirações generoſas, e até das verdadeiras virtudes chriſtãs ás exterioridades religioſas, ſacrificio que eſte drama de algum modo parece legitimar.

Euſebio, o *devoto da Cruz*, paſſa d'ali a ter uma entreviſta com a ſua amada Julia, no intento de a arraſtar a fugir com elle da caſa de ſeu pae. Para a deſlumbrar, diz-lhe:

.....
Villas tengo en que guardarte,
Gente con que defenderte,
Hacienda para ofrecerte
Y un alma para adorarte.

Trazem o cadaver de Liſardo; e Julia heſita em annuir á propoſta de Euſebio.

A *Jornada ſegunda* rompe com uma ſcena, que apreſenta o *devoto da Cruz* em pleno exercicio da innocente vida de ſalteador...

(MONTE.—ESCENA I.)

(Ricardo, Celio, Eufebio, en traje de bandoleros, con arcabuzes. Suena un tiro dentro)

RICARDO

Paró el plomo violento
Su pecho.

CELIO

Y hace el golpe mas fangriento,
Que con fu fangre la tragedia imprima
En tierna flor.

EUSEBIO

Pónle una cruz en cima, y perdónele Dios.

Eftá bem claramente expofta a theoria do falteador: *Matemos; mas não nos efqueçamos de praticar um acto de caridade, erguendo fobre a fepultura da infeliz victima uma cruz!*

Se efta é a *theoria* do falteador, tambem o programma d'elle é de uma innocencia e fimplicidade admiraveis:

No toque pafagero
El término del monte, fi primero
No rinde hacienda y vida.

Vejam agora os leitores as *caraminholas* (perdoem-nos o termo) com que o grande Calderon julgava dever entreter os efpectadores! O tiro que fe ouviu, e que ao *devoto da Cruz* pareceu ter morto um paffageiro, não fez mal á peffoa contra quem foi defpedido. E como havia de fazer mal, fe a bala fe deffaz em um livro que o viandante trazia no peito, intitulado—*Milagros de la Cruz!*—

Eufebio pergunta: Qué es lo que contiene? e um dos salteadores, feu fubordinado, lhe refponde:

ALBERTO

.....
El trata del orígen verdadero
De aquel divino y celeſtial madero
En que animoſo y fuerte
Muriendo, triunfó Criſto de la muerte.
El libro, en fin, ſe llama
«Milagros de la Cruz.»

É facil de comprehender que eſte livro ſeria d'então em diante o ſeu mimoſo, o ſeu predilecto!

O *devoto da Cruz* continúa na *ſanta* vida de ſalteador, a qual ſe reſume n'eſtes dois verſos energicos, que o dramaturgo lhe faz proferir:

Que viviendo matando,
Me ſuſtento robando.

Eis senão quando, recebe a noticia de que Julia foi encerrada em um convento; e ſubito ſe reſolve a eſcalar a clauſura, e roubar a ſua amante:

.....
Aſaltaré el convento que la guarda,
Ningun grave caſtigo me acobarda;
Que por verme ſeñor de ſu hermoſura,
Tirano amor me fuerza
A acometer la fuerza
A romper la clauſura,
Y á violar el ſagrado;
Que ya del todo eſtoy deſeſperado.

Enſebio eſcala com effeito o convento, e penetra na cella em que Julia eſtá dormindo. Depois de varios incidentes, e quando já conſeguira ſatiſfazer ſua paixão, vê no peito da amante deſenhada uma cruz; foge eſpavorido, não obſtante as apertadas inſtancias de Julia. Quando já eſtá fóra do convento, brada aſſim á amante:

¿No veis el viento
Poblado de ardientes rayos?
¿No mirais ſangriento el cielo
Que todo ſobre mí viene?
¿Donde eſtar ſeguro puedo,
Si airado el cielo ſe mueſtra?
Divina Cruz, yo os prometo,
Y os hago ſolemne voto
Con cuantas cláuſulas puedo,
De en cualquier parte que os vea,
Las rodillas por el ſuelo,
Rezar un Ave Maria.

Já era eſte um eſforço admiravel de virtude! Já era um cuſtoſo propoſito de emenda de vida!

Euſebio volta a capitanear os salteadores; e quando eſtá no exercicio de ſuas nobres funcções, trazem á ſua preſença um priſioneiro, que não quer deſcobrir o roſto, e pretende fallar a ſós com o capitão. O deſconhecido arranca da eſpada, outro tanto faz Euſebio; batem-ſe por algum tempo, até que o deſconhecido ſe deſcobre... Era Julia, a amante de Euſebio, que fugira do convento e viera em demanda do ingrato. Eſta digna irmã do ſalteador (como por fim ſe verificou), dá conta dos motivos por que vem ter com elle, e lhe refere o que fez ou lhe aconteceu depois de ſair do convento. Não podendo ſoffrer os deſpreſos do amante, e querendo deſenganar-ſe, tomou a reſolução de o procurar; e experimenta agora grande contentamento em recordar os *peccados* que fizera na ſua jornada. Sobre a narração que ſe ſegue chamamos a attenção dos leitores, por muito ſignificativa no entrecho do drama:

Salí del convento, fuí
Al monte, y porque me dijo
Un paſtor, que mal guiada
Iba por aquel camino,
Neciamente temeroſa,
Por evitar mi peligro,

Le aſeguré y le dí muerte,
Siendo inſtrumento un cuchillo
Que él en ſu cinta traía.

Con eſte, que fué miniſtro
De la muerte, *á un caminante*
Que corteſmente previno
En las ancas de un caballo,
A tanto canſancio alivio,
A la viſta de una aldea,
Por que entrar en ella quiſo,
Le pagué en un deſpoblado
Con la muerte el beneficio.

Tres dias fuéron y noches
Los que aquel deſierto me hizo
Meſa de ſilveſtres plantas,
Lecho de peñaſcos frios.
Llegué á una pobre cabaña,
A cuyo techo pajozo,
Juzgué pabellon dorado
En la paz de mis ſentidos.
Liberal huéſpeda fué
Una ſerrana conmigo,
Compitiendo en los deſeos
Con el paſtor ſu marido.
A la hambre y al canſancio
Dejé en ſu albergue rendidos
Con buena meſa, aunque pobre,
Manjar, aunque humilde, limpio.
Pero al deſpedirme dellos,
Habiendo ántes prevenido
Que al buſcarme no pudieſen
Decir: «noſotros lo vimos»,
Al cortés paſtor, que al monte
Salió á enſeñarme el camino,
Maté, y entré donde luego
Hago en ſu mujer lo miſmo.

Mas conſiderando entonces
Que en propio traje mio

Mi pesquisidor llevaba,
Mudármele determino.
Al fin, pues, por varios casos,
Con las armas y el vestido
De un cazador, cujo sueño,
No imágen, trasunto vivo
Fué de la muerte, llegué
Aquí, venciendo peligros,
Despreciando inconvenientes,
Y atropellando Designios.

Os leitores não devem estar descontentes com uma heroina, que foge do convento, e no caminho que vae seguindo para ir ter com o bando de salteadores, gosa o innocente prazer de matar quantas creaturas humanas lhe fazem serviços!

Pouco depois da chegada de Julia, são os salteadores accommettidos pela gente de Curcio, pae de Julia. Omittindo varias peripecias do combate, diremos apenas que Eusebio vem expirar ao pé da cruz, junto da qual nascera. Curcio, examinando a ferida de Eusebio, vê o signal da cruz no peito d'este, e reconhece ser seu filho o famoso salteador, e irmão de Julia, que tambem tinha no peito o mesmo signal.

Eusebio nos ultimos paroxismos brada pelo soccorro de Alberto que lhe promettera vir confessal-o na hora extrema; Alberto, porém, não chega, e Eusebio morre.

Só um milagre pode salvar a alma do *bandido;* e Calderon acode com o remedio. Alberto apparece de repente; Eusebio ressuscita, confessa os seus peccados, e Alberto lhe faz a mercê de applicar em desconto d'aquelles todas as suas penitencias.

EUSEBIO

.....

(Levantase)
Ven adonde mis pecados

Confiefe, Alberto, que fon
Mas que del mar las arenas
Y los átomos del fol.
¡Tanto con el cielo puede
De la Cruz la devocion!

ALBERTO

Pues yo cuantas penitencias
Hice hafta agora, te doy,
Para que en tu culpa firvan
De alguna fatiffaccion.

Mas os leitores hão de querer faber qual forte o dramaturgo referva para Julia, a fanguinaria irmã, e primeiramente amante, de Eufebio. Eftranha de todo ao combate de que ha pouco fallámos, vem no fim examinar o que fe paffou. Curcio, feu pae, quer matal-a, em punição dos crimes que perpetrara; mas ella abraça-fe com a cruz que eftava fobre a fepultura do irmão, e vôa ao ceo!

No final do drama põe Calderon na boca de Curcio efta expreffão de contentamento, por ter concluido efte devoto drama:

Y con el fin
De tan grande admiracion,
La *Devocion de la Cruz*
Felice acaba fu autor.

O juizo dos leitores eftá certamente formado. Mas, a fim de que tenham ainda maior fomma de elementos de informação, vamos collocar diante dos feus olhos o encontrado parecer de dois criticos francezes.

Puibufque, fallando d'efte drama, exprime-fe n'eftes termos:

«Se o argumento d'efte drama é atrevido, irregular, e até extravagante; por outro lado, é grandiofo o feu effeito, e a tal ponto, que parece haver Calderon paffado fem efforço por entre os efcolhos do affumpto. Não collocou Eufebio fob a preffão da fatalida-

de; pelo contrario, apresentou-o como um homem inculto e ardente, arrastado pelo impeto natural ás maiores violencias, e só reprimido pelo signal do poder do ceo. *Mas*, dizem, *é n'isso que está precisamente o pensamento fanatico: Calderon professou a idolatria do symbolo.*

«Afigura-se-nos que, com egual razão, poderiamos suppor que a effigie da religião cobre a idéa da fé, e que o poeta quiz attribuir ao symbolo um poder milagroso, como uma virtude mais, mas não como uma virtude unica. Elle não disse: *Só o signal é que faz milagres;* mas disse: *Até o signal pode fazer milagres, querendo Deus.* E se Calderon, que era padre, podesse concluir no theatro do mesmo modo que no pulpito, teria provavelmente acrescentado: *Curvae-vos pois diante da Cruz, e não reduzaes as vossas crenças ao estado abstracto ou mystico*[1].»

Comparem os leitores esta subtileza, um tanto no gosto allemão de Schlegel, com a seguinte apreciação, rasgada e clara, de M. de Viel-Castel:

«Por uma abstracção impossivel, absurda, contradictoria até nos termos, imaginam a fé associada aos vicios mais monstruosos, tolerando no decurso de toda a existencia humana os erros das paixões mais criminosas, e operando, nos derradeiros instantes, na alma do culpado, por effeito de uma graça milagrosa, uma conversão bastante para tornar segura a salvação. Por vezes vae ainda mais longe a imaginação dos dramaturgos hespanhoes. Pondo ousadamente de parte, para maior gloria da religião, um dos seus dogmas fundamentaes, subtraem aos castigos eternos o peccador que a morte veiu tomar no meio do crime. Se não ousam dizer positivamente que a fé, só de per si, é bastante para tornar merecedor da bemaventurança eterna o criminoso não arrependido, é certo que chegam ao mesmo resultado por um caminho de rodeio; sa-

---

[1] *Histoire comparée des littératures espagnole et française*, par Adolphe de Puibusque, Paris 1843, tom. II, pag. 135 e 136.

zendo intervir a omnipotencia divina, a qual, aniquilando todas as leis da natureza, reſſuſcita o crente que morreu ſem arrependimento, para lhe dar a poſſibilidade de alcançar aquella bemaventurança.

No deſenvolvimento d'eſſas concepções monſtruoſas, parece que um ſó receio preoccupa os poetas, e vem a ſer o de não darem uma idéa completa do poder da fé, deixando de pintar com as côres aſſás negras a malvadez do homem, a quem ella abre as portas do ceo[1].

A principal desculpa que pode talvez ter a arguida aberração de Calderon, e em geral a dos dramaturgos caſtelhanos d'aquelle tempo, é a que ſe contém no ſeguinte enunciado philoſophico de outro critico francez: *Ne demandez pas à ces œuvres qui émanent de la paſſion, qui expriment le préjugé national, qui ſont pétries et moulées au feu même des plus ardentes croyances, ne leur demandez pas d'être ſans paſſions, ſans préjugés et ſans croyance*[2].

No entanto, cumpre não deixar no ſilencio uma ponderação de Ticknor. Depois de aſſeverar que a muitos reſpeitos—*El purgatorio de San Patricio*—é menos offenſivo da boa razão, do que —*La devocion de la Cruz*—; e depois de ſubſtanciar os crimes atrozes de Euſebio, talvez parto da phantaſia de Calderon, julga que o fervoroſo tom poetico de algumas paſſagens de devoção, contribuiu para tornar ſempre querido na Heſpanha eſte drama; parecendo-lhe todavia mais de notar que encontraſſe admiradores entre os proteſtantes[3].

---

[1] *Théatre Eſpagnol. Le drame religieux.* Veja *Revue des deux mondes.* 1840.

[2] *Philarète Chaſles. Des auteurs eſpagnols contemporains.*

[3] The whole ſeems to be abſolutely an invention of Calderon, and from the fervent poetical tone of ſome of its devotional paſſages, it has always been a favorite in Spain, and, what is yet more remarkable, has found admirers in Proteſtant Chriſtendem.

N'eſta ultima parte allude á muito conceituada traducção feita A. W. Schlegel *(It is beautifully tranſlated by A. W. Schlegel). Hiſt. of Span. Litter.* II, 355.

Aqui apresentaremos agora uma consideração, que muito de perto se relaciona com o assumpto d'este capitulo.

Disse Sismondi que, no seu conceito, era Calderon o poeta da Inquisição de Hespanha. E com effeito, assim o podemos caracterisar, em presença das expressões que põe na boca do capitão hespanhol Alonso Ladron, *Jornada* I.ª, scena XII, da comedia—*El Sitio de Bredá*—.

Vista faz fé:

MEDINA

¡Cuál huyeron los villanos!

ALONSO LADRON

¡Oh qué maldita canalla!
Muchos *murieron quemados,*
Y tanto gusto me daba
Verlos arder, que decia,
Atizándoles la llama:
«*Perros herejes, ministro*
«*Soy de la Inquisicion santa.*«

Nada mais claro, nada mais positivo e terminante; e quando alguma duvida houvesse na profissão de fé do dramaturgo, bastaria percorrer todo o drama, e encontrar-se-hiam expressões como as seguintes:

—Qué piensan estos perros luteranos?

—Pues dia de Agustino.....
Será felice contra la herejia.

—De mi cuartel á la espalda
Está un colegio é iglesia
De los padres jesuitas,
Que hasta aqui su celo llega.
Aqui con gran devocion
Los sacramentos frequentan;
Que es bien acuda por armas
El que por la fe pelea.

JUSTINO DE NASSAU

Cuando de hambre muramos,
No nos eſpanta la muerte;
Que ſabremos poner fuego
A la villa, y que nos queme
Antes que vernos rendidos,

BARLAZON (El marquez de)

No teme el fuego un hereje.

Exige, porém, a imparcialidade que em abono de Calderon ſe leguem circumſtancias, qse por eſcriptores heſpanhoes ſão conſideradas como attenuantes da referida imputação.

Diz-ſe que n'eſta comedia apparece Calderon como heſpanhol catholico do ſeculo XVII, e no fim como cavalheiro e philoſopho : todos os ſeculos.

Já o apreſentámos ſob o primeiro aſpecto, e agora o vamos ;carar ſob o ſegundo.

Rendeu-ſe a praça de Bredá, e foram negociadores das conções da capitulação: Juſtino de Naſſau, por parte dos Paizes ıixos; e o conde Henrique de Vergas, o marquez de Barlazon, o inglez Morgan, pelos heſpanhoes.

Ora, na boca do conde Henrique de Vergas põe Calderon eſta preſſa declaração:

Vivir en ſu religion
Nadie quitarſelo puede;

o proprio negociador formulou eſte capitulo:

VERGAS

Pero el capitulo es eſte:
«Que en ſu religion cualquiera

«Pueda vivir quietamente
«Y que para los vecinos,
«Que en ſu religion murieren,
«Se le ſeñale apartado
«Un jardin donde ſe entierren.
«Que ſalgan los dogmatiſtas
«De la villa brevemente,
«Sin que en ella quede uno
«Tan ſolo, pena de muerte.»

Poderá dizer-ſe que eſta clauſula é obra dos negociadores. Cumpre porém advertir que nem uma ſó palavra profere Calderon contra ella, e que ao conde de Vergas attribue eſtes nobres penſamentos:

Honrar al vencido es
Una accion, que dignamente
El que es noble vencedor,
Al que es vencido le debe.
Ser vencido no es afrenta:
Luego no fuera prudente
Acuerdo que no ſalieran
Honrados.
etc.

E já agora apontaremos as formoſas palavras que o poeta attribue a Juſtino de Naſſau, no acto em que entrega a Spinola as chaves de Bredá:

Aqueſtas las llaves ſon
De la fuerza, y libremente
Hago proteſta en tus manos,
Que no hay temor que me fuerce
A entregarla, pues tuviera
Por menos dolor la muerte.
Aqueſto no ha ſido trato,
Sino fortuna, que vuelve
En polvo las monarquias
Mas altivas y excelentes.

É nobre a reſpoſta que o marquez Spinola dá a Juſtino de Naſſau.

Juſtino, yo las recibo,
Y conozco que valiente
Sois; que el valor del vencido
Hace famoſo el que vence[1].

[1] Bredá foi entregue aos heſpanhoes no dia 8 de junho de 1625.

O drama—*El Sitio*—foi compoſto em obſequio do general heſpanhol Ambroſio Spinola, que a Calderon miniſtrou miudos eſclarecimentos, e conſta aſſiſtira á repreſentação.

X

Vamos dar uma breve noticia de uma das mais notaveis compoſições de Calderon—*El mayor monſtruo los celos.*

O aſſumpto d'eſta tragedia é o facto referido por Flavio Joſepho, dos ſingulares e eſtranhos ciumes de Herodes, tetrarca de Galiléa. Dominado pelo extravagante receio de que, por ſua morte, venha alguem a poſſuir a rara belleza de ſua mulher, Mariene, chega a dar ordem para que a matem. Não é executada a cruel determinação; mas o proprio tetrarca apunhala, mais tarde, a malfadada Mariene, e em acto continuo ſe precipita no mar.

Algumas explicações poderão encaminhar deſde já os leitores para a intelligencia d'eſte ſingular drama.

Herodes, conſiderando Mariene como ſendo a mais perfeita producção da natureza, ſómente julga digno d'ella o homem que for o ſoberano do mundo. Aſſim, para ſe elevar e engrandecer, delibera-ſe a tomar parte na guerra civil de Roma, com a eſperança de ſe alevantar ſobre as ruinas de Antonio e Octavio.

Se o tetrarca tem eſſa ouſada ambição, é unicamente com o

intuito de ſe tornar merecedor da incomparavel formoſura da mulher, com quem eſtá enlaçado. Eſte pentamento abſorve todas as ſuas faculdades, e ſó eſta ventura deſeja, ſó aquelle bem receia perder.

Eis a origem dos ſeus ciumes, inteiramente diverſos dos ordinarios ſentimentos de tal denominação. Othello tem ſuſpeitas de Deſdemona, e d'ahi naſce o vehemente ciume que o arrebata; mas o tetrarca não ſonha ſequer que um rival lhe diſpute o coração da eſpoſa. O que o aſſuſta, o que o perturba é o temor de que, depois da ſua morte, venha Mariene a pertencer a um rival que ella nunca viu; mas eſſe temor é a tal ponto intenſo, que o arraſta a attentar contra a vida de uma innocente e virtuoſa mulher.

Preſuppoſto iſto, vejamos agora alguns lances do drama.

O tetrarca rompe a 1.ª ſcena, expandindo o ſeu apaixonado amor para com a joven e formoſa Mariene, ſua eſpoſa, e apreſentando-lhe a perſpectiva do mais brilhante futuro:

TETRARCA

Hermoſa Mariene,
A quien el orbe de zafir previene
Ya ſoberano aſiento,
Como eſtrella añadida al firmamento:
No con tanta triſteza
Turbes el roſicler de tu belleza.
¿Qué deſeas? Qué quieres?
¿Qué invidias? Qué te falta? ¿Tu no eres,
Amada gloria mia,
Reina en Jeruſalen?.....

Pinta depois a eſperança de vir a triumphar, quando já os dois competidores, Antonio e Octavio, eſtiverem cançados e sem forças:

..... cuando la tierra
De ſus hueſtes padezca atormentada
Y el mar canſado de una y otra armada,
Pueda yo declararme,
Y en Roma, tu á mi lado, coronarme?

Mariene lhe reſponde nos mais amoroſos termos; heſita, porém, em declarar o motivo de ſua inquietação; até que afinal, inſtada pelo eſpoſo, o revela:

MARIENE

Tetrarca generoſo,
Mi dueño amante y mi galan eſpoſo,
Ingrata ao cielo fuera
Yá mi ventura ingrata, ſi rendiera
El ſentimiento mio
A pequeño accidente ſu albedrio
.....
Un doctiſimo hebreo
.....
Halló, enfin, que ſería
Trofeo injuſto yo ¡que tirania!
De um monſtruo el mas cruel, horrible y fuerte
Del mundo: halló tanbien, que daria muerte
Eſe puñal, que ahora traes ceñido,
A lo que mas en eſte mundo amares.

O tetrarca procura tranquilliſal-a. Arroja ao mar o punhal; mas foi eſſe cravar-ſe no peito de Tolomeo, que o reſtitue ao tetrarca, e eſte, para de todo ſerenar Mariene, lhe pede que o guarde: o que ella recuſa.

N'eſte meio tempo dá Octavio ordem para que o tetrarca ſe apreſente no Egypto, quando já ao poder d'aquelle tinha chegado o retrato de Mariene:

OTAVIANO (al Capitan)

Tú partirás al momento
Con gente y armas, y atento
A mi cesárea obediencia,
Traerás preso á mi presencia
Al Tetrarca; que es mí intento
Que como á Cesar me dé
Del tiempo que ha gobernado
Residencia: y tú porqué
En efecto eres criado,
En quien tal lealtad se vê
Darte libertad espero;
Pero por rescate quiero
Que ya liberal me dés
El decirme cuyo es
Este retrato.

O tetrarca vae com effeito preso á presença de Octavio no Egypto, e encontra já o Cesar namorado apaixonadamente do retrato, e ancioso por ir ver o original. Quando lhe consta que Octavio vae passar a Jerusalem, é então que expede ordem para que matem Mariene, a fim de que esta não caia no poder de Octavio:

TETRARCA

.....
¡A Jerusalen el César,
Donde (¡los cielos me valgan!)
Halle á Mariene viva,
Quien la dolatró pintada!
¡El victorioso, oy muerto,
Y ella querida! ¿Qué aguarda
Mi desesperado amor?
(Quiere quitar la espada a Filippo)

Calderon pinta admiravelmente, n'estes versos, o cruel estado de desesperação do tetrarca.

Quer o tetrarca debruçar-ſe ſobre a eſpada de Filippe ſeu fiel ıdo, que o impede de ſe matar, e que lhe aſſegura que eſtá prompto ızer o que lhe ordenar, por mais arduo commetimento que ſeja.

E agora vamos ver a fatal reſolução que o tetrarca toma, e ıes as cogitações que o inſpiram:

TETRARCA

Oy agora.

FILIPO

Sí haré con vida y con alma.

TETRARCA

Si todas cuantas deſdichas,
Si todas cuantas deſgracias
Ha inventado la fortuna,
Deidad de los hombres vária,
Se perdieran, todas juntas
Hoy en mi ſolo ſe hallaran,
Que ſoy epilogo y cifra
Dé las miſerias humanas.
Yo que ayer de Mariene
Eſpoſo y galan, con raras
Mueſtras de amor coroné
De victorias mi eſperanza;
Hoy lloro agravios, ſoſpechas,
Temores, deſconfianzas
Y... celos iba á decir;
Pero imaginarlos baſta.
.....
No pues mi ambicion, Filipo,
No mi atrevida arrogancia,
No el ſer parcial con Antonio,
No mi poder, no mis armas,

Me aflije, me defefpera
Me precipita y me arraftra;
Sino el fer de Mariene
Efpofo.
.....
Viendo, en fin, que apénas hoy
En una publica plaza
Seré horror de la fortuna,
Seré del amor venganza
Cuando *él* fea ¡ay infeliz!
(Pues á Jerufalem marcha,
Donde es fuerza que *la* vea)
En tálamos de oro y grana,
Heredero de mis dichas,
Dueño de mis efperanzas;
Muero de agravios y de celos
Que matan, porque no matan.

Deveramos tranfcrever todo o defabafo inteiro do tetrarca, por que todas as expreffões do poeta fão admiraveis; mas a neceffidade de fer breve nos obriga a fómente exarar aqui o mais fignificativo:

.....
Y en fin, ¿para qué difcurre
Mi voz? ¿Para qué fe canfa?
Otra pena, otro dolor,
Otro tormento, otra anfia
En el corazon no llevo,
Si no folo ver que aguarda
Mariene á fer empleo
De otro amor, de otra efperanza.
.....
Y afí, pues que la palabra
Me has dado de obedecerme,
Haz lo que mi amor te encarga
Vuelve á Jerufalen, vuelve
Á la effera foberana
Del mejor fol de Judea;
Y en diciendote la fama

Que he muerto, en el mifmo inftante
Con mortal eclipfe apaga
A la tierra el mejor rayo,
Al cielo la mejor llama,
Al campo la mejor flor
La mejor eftrella al alba.

Entrega uma carta a Filippe, efcripta a Tolomeo, capitão das guardas do tetrarca, e peffoa de fua inteira confiança:

Muera yo, y muera fabiendo
Que Mariene foberana
Muere conmigo, y que á un tiempo
Mi vida y la fuya acaban.

Todos os criticos tomam nota da tocante claufula que o tetrarca acrefcenta aos antecedentes verfos:

Pero no fepa que yo
Soy el que morir la manda:
No me aborrefca el inftante
Que pida al cielo venganza.

Completaremos a noticia da fcena que nos tem occupado. Filippe, no feu bom juizo, condemna os raciocinios de feu amo; quizera refponder-lhe, mas o tetrarca o atalha, foltando imprecações defatinadas. Os leitores vão ver uns bellos rafgos de poefia e de belleza dramatica:

FILIPO

Bien quifiera refponderte;
Mas no es pofible, que baja
Mucha gente á la prifion.

TETRARCA

Por ſi vienen por mí, ſalga
Mi valor á recebirlos.
Tu cobrando la ventaja
Que puedas, parte, Filipo,
Al inſtante.

FILIPO

Señor...

TETRARCA

Calla,
Que ſé que tienes razon;
Pero no puedo eſcucharla.

FILIPO

Ni yo decirla, que llega
Ya la gente.

TETRARCA

Eſferas altas,
Cielo, ſol, luna y eſtrellas,
Nubes, granizos y eſcarchas,
¿No hay un rayo para un triſte?
Pues ſi ahora no los gaſtas
¿Para cuando, para cuando
Son, Jupiter, tus venganzas?

A carta fatal que o tetrarca mandou por Filippe a Tolomeo, era aſſim concebida:

«A mi ſervicio conviene,
«A mi honor y á mi reſpeto

«Que muerto yo, con ſecreto
«Deis la muerte á Mariene.»

Foi effectivamente entregue ao capitão das guardas, e eſte, de accordo com Filippe, reſolveu não dar execução á mais que barbara ordem. Pauſada leu a funeſta miſſiva a heroica Mariene, e depois de recommendar inviolavel ſegredo, até para com o tetrarca, de a ter ella viſto, começou a deſafogar a ſua dôr n'eſtas palavras, marcadas com o ſêllo da virtude:

¡Oh infeliz una y mil veces
La que ſe ve aborrecida
De la coſa que mas quiere!
¿En qué, amado eſpoſo mio,
En qué mi vida te ofende,
Que te peſa de que viva
La que de adorarte muere?

Vem Octavio á Paleſtina, e eſtá decidido a caſtigar ſeveramente o tetrarca, querendo até que a cabeça d'eſte ſeja expoſta, para eſcarmento, nas muralhas de Jeruſalem. Mas a virtuoſa Mariene vae pedir-lhe o perdão do marido, terminando d'eſt'arte a ſua ſupplica:

No eches á mal tan venturoſo dia,
Entra triunfando, pero no venciendo,
Entra venciendo, pero no vengando;
Que mas aplauſos has de ganar, entiendo,
Perdonando, ſeñor, que caſtigando:
Halle piedad la que lloró pidiendo,
Halle piedad la que pidió llorando;
Y pues ſon dos, ſiquiera una reciba,
O que yo muera, ó que mi eſpoſo viva.

Alcançado o perdão, retirou-ſe Mariene ao mais recondito do palacio, e ali exprobrou o tetrarca, lançando-lhe em roſto a perfidia e a crueldade com que dera ordem para a mandar aſſaſſinar, e declarando-lhe que de então em diante ſe conſiderava como viuva, e nunca jámais queria vel-o:

Y eſte obſcuro velo pueſto
Siempre delante del roſtro,
Eſtorbará el que te vea,
Siendo mis reales adornos
Eternamente eſte luto;
Y en aqueſe cuarto ſolo
Viviré com mis mujeres,
Guardando viudez en todo
Y nunca me entres en él,
Que por los dioſes que adoro,
Que de la mas alta almena
Me arroje al ſepulcro undoſo
Del mar, donde infelizmente
Me oculte en ſu centro hondo.
Y no me ſigas, por que
Te miro con tanto aſombro,
Con tanto temor te hablo,
Con tanto pavor te oigo,
Que pienſo que ya ſe cumple
De aquel judiciario docto
El hado.

A nobre reſolução tomada por Mariene agradou ao tetrarca, tanto mais que podia elle fechar por fóra o quarto onde ficava encerrada:

En parte guſto me ha dado
El que ſe haya declarado,
Pues en eſta ocaſion ya,
Sin eſcándalo eſtará
Siempre eſte cuarto cerrado.
Cerraréle por de fuera,
Y yo miſmo no entraré
En él, por que aun yo no ſé
Si á mí otros celos me diera.

Na camara de Mariene paſſa-ſe uma ſcena muito ſemelhante a outra do Othello de Shakſpeare.

Em quanto, á noite, as aias de Mariene a eſtão deſataviando

de ſeus adornos, uma d'ellas lhe canta uma canção triſte, que mais augmenta a melancolia da deſditoſa ſenhora, como ella propria recommenda:

MARIENE

Pues empieza
Con calidad que el dolor
Hagas mayor.

SIRENE

Con una letra ſerá
Que aunque es antigua, podrá
Conſeguir eſo mejor.

(Canta)

Ven, muerte, tan eſcondida,
Que no te ſienta venir,
Por que el placer del morir
No me vuelva á dar la vida.

MARIENE

¡Bien ſentida
Y declarada paſion!
¿Cuyos ſon
Eſos verſos?

SIRENE

No lo ſé,
Por que acaſo los hallé
Eſtudiando otra cancion.

Octavio penetra n'aquelle retiro, incitado pelo amor, e pelo intento de ſubtrair Mariene á oppreſſão do tetrarca. Mas ainda en-

tão dá prova de acrifolada virtude a efpofa infeliz, fallando affim a Octavio:

MARIENE

El labio mudo
Quedó al veros, y al oiros
Su aliento le reftituyo,
Animada para folo
Deciros que algun perjuro,
Aleve y traidor, en tanto
Malquifto concepto os pufo.
Mi efpofo es mi efpofo, y cuando
Me mate algun error fuyo,
No me matará mi error,
Y lo ferá fi dél huyo.
Yo eftoi fegura, y vos mal
Informado en mis defguftos;
Y cuando no lo eftuviera,
Matándome un puñal duro,
Mi error no me diera muerte,
Sino mi fatal influjo;
Con que viene á importar ménos
Morir inocente, juzgo,
Que vivir culpada a vifta
De las malicias del vulgo.
Y aff, fi alguna fineza
He de deberos, prefumo
Que la mayor es volveros.

Mariene foge, e atraz d'ella corre Octavio. Subito apparece o tetrarca; arranca da efpada contra Octavio, que já tem a fua em punho. Mariene, efpavorida, apaga as luzes; mas na efcuridão o tetrarca, fuppondo ferir Octavio, apunhala Mariene, que apenas pode proferir eftas palavras:

¡Ai trifte!
Tened piedad, diofes juftos,
Pues aquí muero inocente.
(Cae)

Quando a luz volta áquelle theatro de horrores, o tetrarca imputa ao deſtino a horrivel cataſtrophe:

TETRARCA

Yo no la he dado la muerte

TODOS

¿Pues quién?

TETRARCA

El deſtino ſuyo,
Pues que muriendo á mis celos,
Que ſon fangrientos verdugos,
Vino á morir á las manos
Del mayor monſtruo del mundo.

ARISTÓBOLO

El mayor monſtruo los celos
Son ſiempre.

O tetrarca retira-ſe, e vae precipitar-ſe no mar.
Tal é o deſenlace da tragedia.

Reconhecendo cada vez mais a neceſſidade de abreviar eſta eſcriptura, deixámos de apontar exemplos de alguns defeitos, de eſtylo e linguagem, etc., que a critica tem aſſignalado a reſpeito d'eſte drama. Reſtringimo-nos, pois, a reproduzir aqui a ſeguinte opinião de um eſcriptor heſpanhol, que nos parece inteiramente admiſſivel:

«Las ideas y ſentimientos que pone el autor en boca de los principales perſonajes, ſerian admirables ſi no eſtuvieſen recargagados con el peſo de los adornos, e ſe expreſaran con menos in-

geniofidad y mas fencillez. La verfificacion es llena y robufta. El eftilo en general es mas artificiofo que elegante: á veces degenera en inchado, y otras en conceptuofo. El lenguaje es puro y vigorofo; y en las relaciones de aparato fe hallan metáforas y imágines hermofas, otras atrevidas, y otras defcabelladas.» *(Garcia Suelto.)*

XI

> ... but he makes the ſufferings of the prince voluntary, thus addings to Ferdinand's character the ſelf-devotion of Regulus, and ſo fitting it to be the ſubjectet of a deep tragedy, founded on the honor of a Chriſtian patriot.
>
> TICKNOR.

> (... mas fez voluntario o martyrio do principe, e aſſim acreſcentou ao caracter de Fernando a dedicação peſſoal de Regulo, tornando-o proprio para objecto de uma profunda tragedia, fundada na honra de um patriota chriſtão.)

Por quanto o drama—*El Principe Conſtante*—ſe refere a perſonagens e a factos da hiſtoria de Portugal, julgamos que ſerá agradavel aos leitores encontrar aqui uma noticia d'eſta notavel compoſição.

Os factos hiſtoricos, em toda a ſua ſimplicidade, reduzem-ſe a que a expedição portugueza para a tomada de Tanger, ſaiu do porto de Liſboa no dia 22 de agoſto de 1437; aportou a Ceuta no dia 26; e no dia 23 de ſetembro chegou o exercito a Tanger, commandado pelos infantes D. Henrique e D. Fernando, inclytos filhos de el-rei D. João I, e irmãos de el-rei D. Duarte.

Deſgraçadamente, foi adverſa aos portuguezes a ſorte da guerra, ſendo obrigados a capitular com os mouros, ſob a condição de lhes ſer reſtituida Ceuta, ficando em refens o infante D. Fernando.

No principio do anno de 1438 reuniram-ſe as côrtes em Leiria,

para diſcutirem ſe convinha ou não realiſar a entrega de Ceuta. Por maioria de votos ſe reſolveu que ſe empregaſſem todos os meios poſſiveis de libertar o infante, «ſem comtudo reſtituir uma praça, que ſobre ſer o monumento mais illuſtre do reinado de el-rei D. João I, era de grande importancia para a ſegurança do reino e de toda a peninſula.»

Não foi, pois, reſgatado o infante D. Fernando. Permaneceu no captiveiro até ao dia do ſeu fallecimento (5 de junho de 1443); aſſignalando-ſe porém no ſeu martyrio por uma paciencia e reſignação, que lhe grangearam na hiſtoria o glorioſo titulo de Infante Santo.

É eſte o infante de quem diſſe Camões:

> Codro, nem Curcio, ouvido por eſpanto,
> Nem os Decios leaes fizeram tanto.

É eſte o infante a quem Calderon chamou —*El Principe Conſtante.*

Dos factos que acima reſumimos ſe apoderou a brilhante imaginação de Calderon, para architectar a notavel compoſição de que ora tratamos.

A traços largos exporemos o plano traçado pelo inſigne dramaturgo.

Muley Haſſan, general das tropas do rei de Fez, apaixonado amante da filha d'eſte, e a quem ella é affeiçoada, tinha ſido encarregado de impedir o deſembarque da expedição portugueza. Não conſeguiu eſſe reſultado, antes ficou priſioneiro em poder do infante D. Fernando. Mas o magnanimo e generoſo principe lhe concedeu a liberdade, enternecido pelas declarações que o mouro lhe fizera, do receio de que a princeza foſſe dada em caſamento ao filho do rei de Marrocos. Aſſim ficou Muley conſtituido em grande divida de gratidão para com o futuro captivo.

Mas as tropas de Marrocos precipitam-ſe ſobre os portuguezes e os deſbaratam. Fica priſioneiro o infante D. Fernando. Ao principio é tratado benignamente, graças á eſperança de que foſſe o inſtrumento da reſtituição de Ceuta.

Eis, porém, que chega o infante D. Henrique, e annuncia que vem cumprir a ultima vontade de el-rei D. Duarte, de reſgatar ſeu irmão D. Fernando pela entrega da precioſa praça africana. D. Fernando, alma nobre de cavalleiro e de principe, oppõe-ſe determinadamente ao cumprimento de tal diſpoſição. Deſde logo principia a padecer os rigores de captivo ordinario, com eſpanto e ſentida laſtima dos ſeus companheiros de infortunio.

Muley Haſſan, que no peito conſerva a gratidão, lida, incanſavel, em lhe procurar meios de fuga. Eſtá tudo preparado para ſalvar o infante: mas o rei aventa o ſegredo, e com ardiloſo propoſito confia ao ſeu general a guarda do priſioneiro. Eſte ultimo, rivaliſando em dedicação com o ſeu amigo e protector, não ſó o aconſelha a que ſeja leal ao ſeu rei, mas lhe dá a ſegurança de que jámais aproveitará qualquer meio de fuga, que lhe poſſa ſer offerecido.

Não ſó Muley, ſenão tambem a filha do rei intercedem pelo infante; mas tudo é baldado perante o inexoravel mouro. Finalmente o deſditoſo captivo ſuccumbe ás privações, aos ruins tratos, e á amargura que o martyriſa.

Mal acabara o infante D. Fernando de exhalar o derradeiro ſuſpiro, quando chega um exercito portuguez, que vinha libertal-o, Sobrenaturalmente ſe ergue o infante, envolto no manto de Meſtre de Aviz, e porque era de noite, em uma das mãos toma um facho, e com a outra aponta aos guerreiros o caminho da victoria, a qual effectivamente alcançam, arrancando á terra da eſcravidão os deſpojos mortaes do *Principe Conſtante.*

Vamos agora tomar nota de diverſas paſſagens, que, a noſſo juizo, merecem gabos.

A primeira ſcena paſſa-ſe no jardim do rei de Fez, onde a infanta ſua filha vem eſpairecer.

Saem os captivos cantando as cantigas de ſuas terras, para alliviarem as triſtezas da ſua bem amarga ſituação.

Uma das damas da infanta os convida a que não interrompam o canto, pois que eſta muito folga de ouvir a toada melancolica das ſuas melodias.

Ha nos verſos d'eſta primeira ſcena uma certa reminiſcencia dos verſiculos tocantes do pſalmo 136.º, que ha de enternecer ſempre as almas ſenſiveis:

Hymnum cantate nobis de canticis Sion.
Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?

Eis os verſos de Calderon:

ZARA

Cantad aquí, que ha guſtado,
Miéntras toma de veſtir
Fénix hermoſa, de oir
Las canciones, que ha eſcuchado
Talvez en los baños, llenas
De dolor y ſentimiento.

CAUTIVO 1.º

Múſica, cuyo inſtrumento
Son los hierros y cadenas
Que nos apriſionan, ¿puede
Haberla alegrado?

ZARA

Sí:
Ella eſcucha deſde aquí.
Cantad.

CAUTIVO 2.º

Eſa pena excede,
Zara hermoſa, á cuantas ſon,
Pues ſolo un rude animal,
Sin diſcurſo racional,
Canta alegre en la priſion.

ZARA

¿No cantais voſotros?

CAUTIVO 3.º

Es
Para divertir las penas
Propias, mas no las ajenas.

É bella a deſcripção da armada portugueza que ſe aviſtava ao longe confuſamente, mas que Muley já pode dizer d'onde vem eſſa multidão de navios, qual o ſeu deſtino, quaes os capitães illuſtres das tropas portuguezas e o numero d'ellas:

.....
Dice pues que aquella armada
Ha ſalido de Liſboa
Para Tánger, y que viene
A ſitiarla con heróica
Determinacion que veas
En ſus almenas famoſas
Las quinas que ves en Ceuta
Cada vez que el ſol ſe aſoma.

Duarte de Portugal,
Cuya fama vencedora
Ha de volar con las plumas
De las águilas de Roma,
Envia á ſus dos hermanos
Enrique y Fernando, gloria

Deſte ſiglo, que los mira
Coronados de victorias.
Maeſtres de Criſto y de Avis
Son, los dos pechos adornan
Cruces de perfiles blancos,
Una verde y otra roja.

Catorce mil portugueſes
Son, gran ſeñor, los que cobran
Sus ſueldos, ſin los que vienen
Sirviéndolos á ſu coſta.
Mil ſon los fortes caballos,
Que la ſoberbia eſpañola
Los viſtió para ſer tigres,
Los calzó para ſer onzas.

Ya á Tánger habran llegado,
Y eſta, ſeñor, es la hora,
Que, ſi ſu arena no piſan,
Almenos ſus mares cortan.

Deve notar-ſe a emphaſe com que o poeta exalta el-rei D. Duarte e os dois infantes ſeus inclytos irmãos, e o como encarece a excellencia do exercito portuguez que vae cair ſobre Tanger.

Calderon attribue ao infante D. Henrique uma certa heſitação, um certo temor, reſultante de ſuperſticioſos agouros; mas apreſenta-nos o infante D. Fernando animado e reſoluto. É elle quem procura diſſipar os vãos terrores de ſeu irmão:

La fe de Dios á engrandecer venimos.
Suyo ſerá el honor, ſuya la gloria,
Si vivimos dichoſos, pues morimos;
El caſtigo de Dios juſto es temerle,
Eſte no viene envuelto en miedos vanos:
A ſervirle venimos, no á ofenderle:
Criſtianos ſois, haced como criſtianos.

Priſioneiro fica do infante D. Fernando o general mouro Mu-

Haſſan; mas eſte, que ſe batera denodado, derrama agora ſen-
› pranto. Inquire o vencedor a cauſa do amargo pezar do ven-
o; e em ſabendo que o mouro laſtima e chora a deſgraça de ver
llogrado o amor que á ſua dama conſágra, lhe diz, enternecido,
ublime de generoſidade:

Valiente moro y galan,
Si adoras como reficres,
Si idolatras como dices,
Si amas como encareces,
Si celas como ſuſpiras,
Si como recelas temes,
Y ſi como ſientes amas,
Dichoſamiente padeces.
No quiero por tu reſcate
Mas precio de que le aceptes.
Vuélvete, y díle á tu dama
Que por ſu eſclavo te ofrece
Un portugues caballero;
Y ſi obligada pretende
Pagarme el precio por ti,
Yo te doy lo que me debes:
Cobra la deuda en amor,
Y logra tus intereſes.
Ya el caballo, que rendido
Cayó en el ſuelo, parece
Con el ocio y el deſcanſo
Que reſtituido vuelve;
Y porque ſé qué es amor,
Y qué es tardanza en auſentes,
No te quiero detener:
Sube en tu caballo y véte.

MULEY

.....
Dime, portugues, quién eres.

DON FERNANDO

Un hombre noble, y no mas.

MULEY

Bien lo mueſtras, ſeas quien fueres.
Para el bien y para el mal
Soy tu eſclavo eternamente.

Imaginação, nobreza de ſentimentos, harmonia do verſo... tudo ſe encontra e brilha n'eſte formoſo trecho, que não heſitamos em qualificar de arrebatador.

Mas, chega a vez de ſer priſioneiro o infante D. Fernando. Entrega a ſua eſpada ao rei de Fez.

Já foi proferida a ſua ſentença. Ficará em refens, como penhor da reſtituição de Ceuta. Aſſim o intimou o rei mouro ao infante D. Henrique:

Vuelve tú; que Fernando
Em mi poder ſe quedará, aguardando
Que vengas á libralle.
Pero dile á Duarte, que en llevalle
Será ſu intento vano
Si á Ceuta no me entrega por ſu mano.

Calderon foi muito bem inſpirado nos triſtes preſentimentos que põe na boca do malfadado principe:

DON FERNANDO

Naciendo infante, he llegado
A ſer eſclavo; y aſſí
Temo venir deſde aquí
A mas miſerable eſtado;
Que ſi ya en aqueſto vivo,

Mucha mas diſtancia tray
De infante á cautivo, que hay
De cautivo á mas cautivo,
Un dia llama á otro dia,
Y aſi llama y encadena
Llanto á llanto y pena á pena.

Os tres ultimos verſos ſão a mais eloquente expreſſão da ſorte .rgurada dos infelizes, a quem o infortunio não ceſſa de perſe- . Succedem-ſe os dias... mas nenhum d'elles traz allivios, ne- m d'elles quebra a cadeia dos pezares!

Já a pag. 12 e 13 tivemos occaſião de regiſtar a reſpoſta ad- ıvel do infante D. Fernando a ſeu irmão, que vem libertal-o entrega de Ceuta. Para eſſe logar remettemos os leitores, pe- lo-lhes que de novo reparem na belleza d'eſſe trecho.

Em preſença da nobiliſſima repulſa de D. Fernando, profere o le Fez, barbaro e inhumano, eſta condemnação:

REY

Luego al punto
Aqueſe cautivo ſea
Igual á todos: al cuello
Y á los piés le echad cadenas;
A mis caballos acuda
Y en baño y jardin, y ſea
Abatido como todos;
No viſta ropas de ſeda,
Sino ſarga humilde y pobre,
Coma negro pan, y beba
Agua ſalobre; en mazmorras
Húmedas y oſcuras duerma;
Y á criados y á vaſſallos
Se extienda aqueſta ſentencia.

A barbara ſentença é rigoroſamente executada. A tal extremo

chega o martyrio, que o infante captivo pede, por efmola, um bocadinho de pão com que mate a fome:

DON FERNANDO

Dad de limofna hoy
A efte pobre algun fuftento;
Mirad que hombre humano foy,
Y que afligido y hambriento,
Muriendo de hambre eftoy.
Hombres, doleos de mi,
Que una fiera de otra fiera
Se compadece.

A efte refpeito entende um critico francez, que muito bem andou Calderon, em não exaggerar a impaffibilidade do infante D. Fernando. Senfivel, e muito fenfivel é o principe captivo aos males que eftá padecendo; mas efta circumftancia não diminue o intereffe que elle infpira. Mais vivamente nos fenfibilifamos, quando o ouvimos queixar de cançaffo e de fome.

Mais que melindrofa é a fituação de Muley, collocado entre e que lhe pede o coração para com o infante captivo, e o dever do lealdade para com o rei de Fez.

O combate de duas almas nobres, em um pleito de generofidade, é magiftralmente pintado na ultima fcena da jornada fegunda:

DON FERNANDO. — MULEY

DON FERNANDO

¿Qué te aflige?

MULEY

¿Has efcuchado?

DON FERNANDO

Muy bien.

MULEY

¿Pues para qué me preguntas
Qué me aflige, ſi me ves
En tan ciega confuſion,
Y entre mi amigo y el rey,
El amiſtad y el honor
Hoy en batalla ſe ven?
Si ſoy contigo leal,
He de ſer traidor con él;
Ingrato ſeré contigo,
Si con él me juzgo fiel.
.....

DON FERNANDO

Muley, amor y amiſtad
En grado inferior ſe ven
Con la lealtad y el honor.
Nadie iguala con el rey;
El ſolo es igual conſigo:
Y aſi mi conſejo es
Que a él le ſirvas y me faltes.
Tu amigo ſoy; y por que
Eſté ſeguro tu honor,
Yo me guardaré tambien;
Y aunque otro llegue á ofrecerme
Libertad, no acetaré
La vida, porque tu honor
Conmigo ſeguro eſté.

MULEY

Fernando, no me aconſejas
Tan leal como cortés.

Sé que te debo la vida,
Y que pagartela es bien;
Y aſi lo que eſtá tratado,
Eſta noche diſpondré.
Librate tú, que mi vida
Se quedará á padecer
Tu muerte: librate tú,
Que nada temo deſpues.

DON FERNANDO

¿Y ſerá juſto que yo
Sea tirano y cruel
Con quien conmigo es piadoſo,
Y mate al honor cruel
Que á mí me eſtá dando vida?
No, y aſi te quiero hacer
Juez de mi cauſa y mi vida:
Aconſéjame tambien.
¿Tomaré la libertad
De quien queda à padecer
Por mí? ¿Dejaré que ſea
Uno con ſu honor cruel,
Por ſer liberal conmigo?
¿Qué me aconſejas?

MULEY

No ſé;
Que no me atrevo á decir
Sí ni no: el no, por que
Me peſará que lo diga;
Y el ſí, por que echo de ver
Si voy á decir que ſí,
Que no te aconſejo bien.

DON FERNANDO

Sí aconſejas, por que yo,

Por mi Dios y por mi ley,
Seré un principe conſtante
En la eſclavitud de Fez.

Na terceira jornada avulta a ficção imaginoſa, expreſſada em ſonoros verſos, e apreſentando ſcenas de grande effeito, principalmente a ſcena nocturna, em que o infante D. Fernando allumia ao exercito de Affonſo v o caminho da victoria:

.....
Y con eſta luciente
Antorcha deſafida del oriente,
Tu ejercito arrogante
Alumbrando he de ir ſiempre delante,
Para que hoy en trofeos
Iguales, grande Alfonſo, á tus deſeos,
Llegues á Fez, no á coronarte agora,
Si no á librar mi ocaſo en el aurora.

D. Affonſo v, em recebendo o ataúde do finado martyr, aſſim ſe exprime:

Dadme, tio, vueſtra mano;
Que aunque necio y ignorante
A ſacaros del peligro
Vine, gran ſeñor, tan tarde,
En la muerte, que es mayor,
Se mueſtran las amiſtades,
En un templo ſoberano
Haré depoſito grave
De vueſtro dichoſo cuerpo.

D. Affonſo v, dirigindo-ſe depois ao rei de Fez, entrega-lhe a filha d'eſte, e lhe pede que a caſe com Muley, pela amiſade que ao infante D. Fernando dedicava; e aos captivos diz:

Ahora llegad, cautivos,
Vueſtro infante ved, llevadle
En hombros haſta la armada.

O drama termina com eſtas palavras do meſmo Affonſo v;

Al ſon de dulces trompetas
Y templadas cajas marche
El ejercito con orden
De entierro, para que acabe,
Pidiendo perdon humilde
Aquí de ſus yerros grandes,
El luſitano Fernando,
Principe en la fe conſtante.

Reſervamos para o ultimo capitulo, em que havemos de conſiderar Calderon como poeta lyrico, o ſublime ſoneto que ſe encontra na ſcena XIV da ſegunda jornada do drama, de que temos vindo fallando.

XII

Quizeramos examinar ainda outras muitas comedias de Calderon, aproveitando para eſſe fim os apontamentos que tinhamos reunido. Mas a eſſe trabalho, mais demorado, ſe oppõem as conveniencias da impreſſão, e ainda mais a eſtreiteza do tempo.

Por eſte motivo ſomos forçados a concentrar, n'eſte ultimo capitulo, a noticia de algumas particularidades (ainda não tocadas), que podem ſervir, não dizemos para completar, mas para alargar a indicação dos elementos de eſtudo.

Como é natural, ſeremos muito conciſos na expoſição, e muito parcos em excerptos e exemplos.

Calderon caritativo e beneficiente.

Tivemos já occaſião de citar o elogio feito por Don Juan de Vera Taſſis y Villaroel a Calderon: *Su caſa era el abrigo general de los deſvalidos.*

Pede-nos, porém, o coração que acreſcentemos outras expreſſões de louvor n'eſte particular:

Siempre fué ſu limoſna la primera
Para aliviar al pobre deſvalido
Con mano generoſa, ſi lijera,
Fué el miſerable ſocorrido.
De toda deſnudez reparo era,
Aun ántes de informarſe del oído:
En él hallaba á un tiempo, todo junto,
El vivo ſu deſcanſo y el difunto[1].

«Calderon, deſpues de vivir largos años, admirado de ſus compatriota,s agaſajado por los reys, y lleno de riquezas, pero uſando ſiempre de ſu fortuna con modeſtia, templanza, y *en beneficio de los pobres*, murió ſin deſmentir los principios religioſos qne tanto reſplandecen en ſus obras[2].»

Alto apreço em que era tido Calderon entre os ſeus contemporaneos, revelado pela honroſa carta que lhe eſcreveu o duque de Veragua, vice-rei e capitão general do reino de Valencia.

No original transcreveremos eſſa carta, para maior exactidão, no intereſſe dos curioſos que não tiverem poſſibilidade de haver á mão um tão precioſo documento:

«Habiendo deſeado recoger todalas comedias de Vmd., mas para credito de mi buena eleccion, que para vanidad de mi inteligencia, he hallado tan confundidos ſus titulos y tan menos cabado ſu número, que me he reſuelto á recurrir á Vmd., para que pasando de oráculo de los ingenios en comun oráculo de ingenio, en particular me declare eſtas dudas; pues no puede haberla en que ſerá mas digno empleo de ſu númen el deſagraviarſe de los deſcuidos propios ó de las equivocaciones ajenas, que el haber por tan dilatado curſo de años ſido objeto de los aplauſos ajenos con los cui-

[1] *Prologo á la obra titulada Obeliſco funebre, piramide funeſto á la immortal memoria de D. Pedro Calderon de la Barca.* Por Don Gaspar Aguſtin de Lara.

[2] *Manual de Literatura...* Por Don Antonio Gil de Zárate.

dados propios, cuanto va de ſer Vmd. quien ſe califique, á ſer los demás que le veneren. Y aſy, pues debo á mi fortuna la natural inclinacion que ſiempre le he profeſado, ſuplico á Vmd. tenga á bien expreſar con toda individuacion cuáles ſon todas ſus comedias, enviandome una nómina de ſus titulos, para que pueda yo con eſta regla irlas buſcando, con la ſeguridad de que no me defraudará la diligencia la incertidumbre de conſeguirlas de otro; y para eſte fin incluyo á Vmd. la memoria de todas las que hasta ahora tengo en cinco partes, que corren con el nombre de ſuyas, pidiendole me diga ſi hay mas; y tambien dónde hallaré las de la outra memoria, que tambien incluyo, en que he apuntado las que por ahora he echado ménos. Y eſte primer punto aſentado, paſemos á otro, y permitame Vmd. que empiece riñendole, pues cuanto ha granjeado del mundo en aplauſos, parece ſe lo retribuye en deſprecios; y por rígida que ſea la filoſofia, no hallo yo que toquen ſus deſengaños en ingratitudes.

¿Qué coſa es, que ſiendo Vmd. la gloria de nueſtra nacion, logre con tanta flojedad eſte timbre, que no ſe acuerde de la obligacion en que le impone, para no dejar aventurado el luſtre que a todos los españoles nos reſulta en ſus obras, en la contingencia de ſu deſperdicio? Y eſpecialmente en los autos, d'onde deſpues de haber tenido ſudando tanto número de años la paciencia de los doctos y la curioſidad de los diſcretos, imprime en tomo, ofreciendo los demas para recrecer la ſinrazon de no haberlo hecho. No, *Señor Dom* Pedro, Vmd. eſtá demaſiadamente bien conſigo, ó demaſiadamente mal con los otros; qualquiera deſtos extremos es muy contra la verdadera templanza; y aſi proteſto á Vmd. en nombre de todos (ya que la caſualidad de mi intento me conſtituye voz prorumpida de la expectacion) que eſto es injuriar muchos deſeos y muchas eſtimaciones: por lo cual vuelvo a ſuplicar a Vmd. proſiga la impreſion de ſus autos (no digo bien que la proſiga: que la fenezca, digo), dando á la eſtampa á un tiempo todos los que ha hecho; y ſi para ello le faltan á Vmd. los medios que correſponden, digame cuáles quiere que yo le ofreſca, y ſe pondrán donde fueren

meneſter las cantidades que fueren neceſarias: ſiendo bien infeliz mueſtra del ſiglo, que áquien lo merece todo, ſe llegue á recelar le pueda faltar nada. Y lo que de eſta inſinuacion me ha de dar Vmd. en agradecimientos, démelo em puntualidades, que me ſerán la verdadera ſatiſfaccion; y en el interin que ſe logra, hágame Vmd. guſto de enviarme, tambien con las comedias, uma memoria á parte de los titulos de ſus autos, y trate Vmd. de no negárſeme á uno ni á otro, engañando ſu modeſtia con ſu atencion. Guarde Dios á Vmd. muy largos años. Real de Valencia y junio de 1680.—Su mas aficionado ſervidor de Vmd.—*El Almirante Duque.*»

Demorou Calderon a reſpoſta até ao dia 24 de julho, em conſequencia de incommodo de ſaude, que o impedira até então de eſcrever por ſeu proprio punho. Expreſſou vivamente a ſua gratidão para com o illuſtrado e generoſo Duque, e mostrou-ſe muito aggravado contra os livreiros e impreſſores que ſem conſciencia e ſem diſcrição tinham publicado compoſições ſuas. No tocante a eſte ultimo ponto, merecem ſer reproduzidas as palavras originaes:

«Yo, Señor, eſtoy tan ofendido de los muchos agravios que me han echo libreros y impreſores (pues no contentos con ſacar ſin voluntad mia á luz mal limados yerros, me achacan los ajenos, como ſi para yerros no baſtaran los mios; y aun eſos mal traſladados, mal corrigidos, defectuoſos y no cabales), tanto que puedo aſegurar á V. E. que aunque por ſus titulos conozco mis comedias, por ſu contexto las deſconoſco; pues algunas que acaſo han llegado á mi noticia, concediendo el que fuéron mias niego el que lo ſean, ſegun lo deſmejadas que las han pueſto los hurtados traslados de algunos ladroncillos que viven de venderlas, por que hay otros que viven de comprarlas; ſin que ſea poſible reſtaurar eſte daño, por el poco aprecio que hacen deſte género de hurto los que, informados de ſu juſticia, juzgan que la poeſia mas es defecto del que la ejercita, que delito del que la deſluce.»

Ao Duque remetteu Calderon a liſta dos autos e comedias que pôde recolher.

Calderon imitado, traduzido, adaptado por eſtrangeiros.

Intereſſantes noticias ſe encontram, a eſte reſpeito, nas *Notas y illuſtraciones á varias comedias de Calderon* (vol. XIV da *Biblioteca de autores españoles*). Para eſſe ſubſidio remettemos os eſtudioſos, por ſer coiſa mui dilatada eſmiuçar aqui um tal aſſumpto.

É curioſo ſaber-ſe que Schlegel traduziu—*La banda y la flor;*—*La devocion de la cruz;*—*El mayor encanto amor;*—*La puente de Mantible;*—*El Principe Conſtante.*

Mais curioſo é ainda o ſeguinte facto.

O ſublime genio da Allemanha, o immortal Goethe, grande admirador de Calderon, adaptou á ſcena allemã o drama—*El magico prodigioſo*—, cortando aqui, modificando acolá, acreſcentando em outro logar. Refundiu tudo, e conſeguiu que o drama foſſe repreſentado em Düſſeldorf em 1836, com a maior acceitação, e com enthuſiaſticos aplauſos.

«Jamais, diſſe Goethe, peça alguma alcançou o exito d'eſta. Repetiu-ſe no dia ſeguinte, a pedido geral, e outra vez ſe encheu completamente o theatro. No meſmo inverno foi repetida outras duas vezes, e ſempre com um auditorio numeroſiſſimo; exemplo unico d'eſta claſſe em Düſſeldorf. O povo fallava do *magico* pelas ruas, e muitos havia que declaravam iriam ver o drama todas as vezes que ſe repreſentaſſe.»

No entanto, o meſmo Goethe não derivava d'eſte facto o *ſenſo poetico* dos habitantes de Düſſeldorf; parecendo-lhe que n'aquelle enthuſiaſmo tiveram mais parte do que a poeſia, o naufragio, a montanha ambulante, o demonio alado, os anjos e os archanjos, o fogo de Bengala, e, em uma palavra, todos os incidentes de ornato que a Goethe occorrera introduzir.

Calderon conſiderado como poeta lyrico.

N'eſte genero podemos offerecer á admiração dos eſtudioſos bellos exemplos.

Na opera—*El laurel de Apolo*—encontram-ſe eſtes deliciofos verſos, em que Apollo pretende captivar o coração de Dafne:

Belliſima hermoſa Dafne,
¿Ves eſe monte eminente
Que expueſto al rigor del hielo
Y á la ſaña de la nieve,
Humilde, proſtrado y rendido padece
Helados rigores del cano Deciembre?
Pues apenas el abril
Bordará ſu eſſera verde,
Cuando le verás ceñido
De roſas e de claveles,
Ufano gozando, contente y alegre
Matiz en flores, criſtal en las fuentes.
Paſará la primavera,
Y en jóven edad ardiente
El eſtio, ſu eſmeralda.
Verás que en oro guarnece,
Brotando la falda del ruſtico albergue
Campañas de flores en golfos de mieſes.
Llegará el otoño, e no
Habrá yerto arbol, que fertil,
De varios fructos no vea
Todas ſus ramas pendientes,
Brindando á la viſta y al guſto igualmente
Hermoſo el agrado y goloſo el deleite.
Deſte pues circulo entero
Del año ſoy Rey, y deſte
Compueſto triunfo de horas,
Dias, ſemanas y meſes
El dueño ſerás, bella Dafne, ſi quieres
Feriarme á tan ſolo un favor tus deſdenes.

Com razão diz um critico heſpanhol, referindo-ſe a eſtes mimoſos verſos: «Não ſe ſabe o que mais ſe ha de admirar n'eſta excellente compoſição,—ſe o artificio e a harmonia dos verſos, a riqueza

da poeſia, ou a nobreza com que eſtá apreſentado o ſuborno amoroſo de Apollo a Dafne.»

Tambem o meſmo critico adverte que o tom e a linguagem d'eſtes requebros não quadram tanto ao mythologico Apollo, quanto a um cavalheiro da côrte de Filippe IV, que ſe achaſſe na meſma ſituação do deſdenhado amante de Dafne. (*Liſta,* citado na *Biblioteca de autores españoles.*)

Tambem como exemplo de poeſia lyrica, verdadeiramente primoroſa, vamos offerecer á admiração dos eſtudioſos o ſoneto que ſe encontra no drama—*El principe conſtante:*

Eſtas, que fueron pompa y alegría
Deſpertando el albor de la mañana,
A la tarde ſerán láſtima vana,
Dormiendo en brazos de la noche fria.

Eſte matiz que al cielo deſafia,
Iris liſtado de oro, nieve y grana,
Será eſcarmiento de la vida humana:
¡Tanto ſe emprende en termino de un dia!

A florecer las roſas madrugaron,
Y para envejecerſe florecieron:
Cuna y ſepulcro en un boton hallaron.

Tales los hombres ſus fortunas vieron:
En un dia nacieron y eſpiraron;
Que paſados los ſiglos, horas fueron.

O critico heſpanhol, citado ha pouco, diz que «entre as numeroſas comparações que ſe encontram em Calderon, lhe parece preferivel eſte ſoneto, um dos mais formoſos da lingua caſtelhana, e porventura o mais bem acabado, pela valentia do penſamento final.»

Devemos declarar que eſta belliſſima compoſição lyrica de Calderon ſe encontra na *jornada* 2.ª, ſcena 14.ª, do drama—*El principe conſtante.*—O infante D. Fernando vem trazer á filha do rei

de Marrocos um açafate de flores, que ella incumbiu os captivos de colherem no jardim do palacio. A infanta Fenix ſe ſenſibiliſa ao vel-o.

FENIX

¡Ay cielos! ¿Qué es lo que veo?

DON FERNANDO

¿Qué te admira?

FENIX

De una ſuerte
Me admira el oirte y verte.

DON FERNANDO

No lo jures, bien lo creo.
Yo pues, Fenix, que deſeo
Servirte humilde, traía
Flores, de la ſuerte mia
Geroclificos, ſeñora,
Pues nacieron con la aurora,
Y murieron con el dia.
etc.

Um exemplo de muito louvavel ſimplicidade de expreſſão encontramos na comedia — *Luiz Perez, el Gallego* — (*jornada* 2.ª ſcena 1.ª):

MANUEL

¡Ay, Juana! ¡cuanto me peſa
El verte venir aſſ,
Peregrinando por tierras
Extrañas!

Manuel,
Cuando yo dejé mi tierra
Y padres por tí, ſalí
A mas deſdichas diſpueſta.
No ſalí yo por vivir,
Eligiendo eſta ni aquella
Provincia, ſino por ſolo
Vivir contigo: aſi, ſea
Donde quiera mi deſdicha,
O donde mi dicha quiera.

Razão teve o traductor francez d'eſta comedia em perguntar, referindo-ſe á falla de Dona Juana: *Não é eſta a linguagem do amor mais terno e generoſo?*

Sem duvida o é. Nenhuma outra, ainda que muito remontada foſſe, poderia pintar mais eloquentemente a dedicação da mulher que ſe ſacrifica pelo homem a quem ama.

Foi feliciſſimo Calderon nas expreſſões que attribuiu a Juana, ſingelas como a verdade, ſimples e deſpretencioſas como a natureza.

Prouvera a Deus que ao grande dramaturgo foſſe permittido afrontar ſempre o ruim goſto do ſeu tempo,—que aſſim arredaria as demaſias das antitheſes, das hyperboles, da affectação, que mais de uma vez ſe notam em algumas das producções do ſeu grande genio!

Acabamos de ver um exemplo de muito louvavel ſimplicidade de expreſſão.

Vamos apreſentar agora a ſcena da comedia—*¿Cual es mayor perfeccion?*—na qual, um dos interlocutores ſe exprime em termos gongoricos; mas o que lhe reſponde—formalmente condemna o ſeu inchado eſtylo:

DON LUIZ

.....
Que defde el punto ¡ai de mí!
Que aquella hermofa vi,
De fu calle y fu cafa
Hecho humano girafol,
No hay hora que tras fu bella
Luz, no me arraftre mi èftrella;
Mas no es fino todo el fol
El que me arraftra; que ménos
Que todo el fol en fu effera,
Ser fu nombre no pudiera.

A eftas hyperboles e affectações refponde o outro interlocutor n'eftes difcretos e avifados termos:

DON ANTONIO

De efos hipérboles, llenos
De crepúfculos y albores,
El mundo canfado eftá:
¿No los dejarémos ya
Siquiera por hoy? Señores,
¡Que nunca me pafe á mí
Efto de una mujer ver,
Que fea mas que una mujer!
En cierta ocafion me vi
En cafa de una feñora,
De quien decian que era
El alba fu pordiofera,
Y fu mendiga la aurora.
A ofcuras quedé algun rato,
Y fu luz no me alumbró,
Hafta que en la cuadra entró
Un candil de garabato.
Mirad ¡qué fol tan civil,

El que arraſtrando deſpojos,
No puede hacer que ſus ojos
Alumbren lo que un candil!

¿Não é acaſo evidente que pretendeu Calderon lançar o ridi-
ılo ſobre as expreſſões hyperbolicas e alambicadas, de que aliás
encontram por vezes, nas ſuas compoſições, bem deſagradaveis
.emplos?

É muito engraçado, e finamente adduzido o conto que princi-
a no verſo—*En cierta ocaſion me vi.*

Pintura admiravel do caracter—diverſo—de duas damas.

Na comedia—*Cual es mayor perfeccion?*—uma das perſona-
ns (Leonor) eſtá explicando a um cavalheiro o juizo que fórma
ɜrca de duas damas (Beatriz e Angela). A expreſſão d'eſte con-
.to é, no ſeu genero, uma obra acabada, merecedora de grande
ıvor:

DONA LEONOR

..... en mi vida
Vi mujer mas entendida
Que lo es la *Beatriz*: teſtigo
De ſu extremada cultura
Sea, con aplauſo juſto,
En las burlas el buen guſto
En las véras la cordura;
En lo que cuenta, el donaire;
En lo que dice, el cariño;
En lo que viſte, el aliño;
Y en todo, en fin, el buen aire;
Tanto, para que concluya
Los méritos de Beatriz,
Que me tengo por feliz
Solo en ſer amiga ſuya.

DON FÉLIX

.....
¿Es poſible que no ſea
Angela quien te debió
Mayor inclinacion?

DOÑA LEONOR

No,
Por que aunque hermoſa la vea,
La hermoſura para mi
No es halhaja; mayormente
Hermoſura ſolamente
Tan á ſolas, que no vi
Sentidos que mas en calma
Digan: «Hermoſa me ſoy,
Y no mas.» Mil veces voy
A ver donde tiene el alma
Creyendo que es eſcultura,
Y ſolamente la encuentro
Una fantaſma que dentro
Anda de aquella hermoſura.
Si habla, es todo con enfado;
Si reſponde, con frialdad;
Si mira, con vanidad;
Si eſcucha, con deſagrádo;
Con todas preſuntüoſa
Tanto, que extraños ſus modos,
Parece que tienen todos
La culpa de que ſea hermoſa.

(JORNADA 1.ª, Scena 1.ª)

Cenſura Ticknor a baixa adulação com que é louvado Carlos II *(the poor and imbecile Charles the ſecond)* no drama, —*El ſegundo Eſcipion*—, qualificando-o Calderon de egual ao grande patriota, de quem Milton diſſe ter ſido «toda a grandeza de Roma» *(the heigth of Rome.)*

Não cita Ticknor paſſagem alguma do indicado drama; ſuppriremos nós, porém, eſſa falta, tranſcrevendo duas paſſagens, que oxalá não exiſtiſſem, para macular um tanto o caracter de um homem, que na edade de 75 annos teve a fraqueza de exaltar um principe miſeravel e neſcio.

Na 1.ª *Jornada,* ſcena 1.ª, retrata Calderon a Carlos II na peſſoa de Scipião (na edade de 16 annos):

FLAVIA

.....
El parecido retrato
Que con boreales pinceles
En las laminas del viento
Copió tu imagen al temple,
En lo grave de ſu aſpecto,
Lo afable y lo reverente
De tu ſemblante, lo amable
De tu viſta, y finalmente
Lo florido de tu edad,
Pues en cuatro luſtros breves
Caben valor y hermoſura,
Me eſtá diciendo quien eres[1].

É no final do drama que a adulação eſtá mais expreſſa, e ſe torna ainda mais laſtimavel:

FABIO

Quitad, apartad; que ya
No es tiempo de deſatinos,
No, ſino de que mudando
El cántico ſu ſentido,
Pueſto que fortuna y Fama
Tienen ya el velo corrido
Al ſegundo Scipïon,

[1] Veja a *Biblioteca de autores eſpañoles,* tom. IV, 682.

Eſpañol Céſar invicto,
Digan que el Segundo Carlos...

TODOS Y MUSICA

¡Viva! de cuyos floridos
Años la memoria
Numeren á ſiglos,
La tierra con flores,
El mar con arenas,
El ſol con reflejos
Y el aire con viſos[1]

Para não ficarmos ſob a impreſſão, pouco liſongeira para Calderon, da cenſura que deixamos apontada, regiſtaremos aqui uns breves excerptos, que nos offerecem a muito louvavel *expreſſão de ouſados penſamentos politicos.*

Na comedia—*Darlo todo y no dar nada*—figuram Alexandre, o grande, Diogenes, e outras diverſas perſonagens da antiguidade, paſſando-ſe a acção nas viſinhanças de Athenas.

Apreſenta o poeta em ſcena o afamado philoſopho cynico, Diogenes, para dizer a Alexandre algumas ſeveras verdades, e invectivar contra os que préſam em demaſia as grandezas ephemeras da terra.

Alexandre vae ter com Diogenes, e entre elles ſe trava um dialogo, de que apenas apontaremos uns breves trechos:

---

[1] O *El Segundo Eſcipion,* foi repreſentado em Madrid, no palacio real, com aſſiſtencia de toda a côrte, na tarde do dia 6 de novembro de 1677, anniverſario natalicio de Carlos II que então fazia 16 annos.

«La comedia belicoſa y moral de *El Segundo Eſcipion,* obra del fenix de los ingenios y lucero mayor de la poeſia eſpañola, DON PEDRO CALDERON:» dizia a *Gazeta de Madrid* de 9 de novembro de 1677.

ALEJANDRO

Decid: nada os enmudezca.
¿Qué quereis que haga por vos?
(Levanta Diogenes una flor del ſuelo)

DIOGENES

Sola otra flor como eſta.

ALEJANDRO

Eſo fuera ſer Criador.
No cabe en la humana eſſera
Tan ſoberano atributo.

DIOGENES

Pues ¿qué hay que os deſvanezca,
Si vueſtro poder no baſta
A hacer una inútil yerba,
Que da el prado tan de balde,
Que la pace cualquier fiera,
Que cualquier ave la pica,
Y á la aja cualquier huella?
Id con Dios, y á los que eſtudian
Las deſengañadas ſciencias
(Que en eſe azul libro y eſe
Verde libro nos enſeñan
Ya caractéres de flores,
Yya imagenes de eſtrellas,
Por que aprendamos á un tiempo
Divinas y humanas letras,
Inveſtigando ingenioſos
Aquella cauſa primera
De todas las otras cauſas),
No vengais á hacerles pruebas
De qué quieren ó qué eſtiman;

Que no hay que eſtimen ni quieran
Si no ſolo deſengaños.

Mais tarde diz Diogenes a Alexandre:

..... Si antes de ahora
No creia á quien contaba
Que eſclavo de tus paſiones,
La deſtemplanza te agrava,
La laſcivia te poſee
Y la ira te arrebata,
Ahora lo creo, al mirar
Lo que una aficion te arraſtra.
Y ſiendo aſi que eſa ira
Ambicion y deſtemplanza,
Laſcivia y envidia, yo
Eſclavas traigo á mis plantas,
¿Cual ſerá mas poderoſo?
Yo que mando á quien te manda,
Ó tú que ſirves á quien
Me ſirve á mí?

Metaphyſica amoroſa.—Liberdades que o dramaturgo tomava nas ſuas compoſições.

Na comedia—*Con quien, vengo*—encontrámos uma amoſtra de metaphyſica amoroſa, em que ſe entretêem dois amantes:

OCTAVIO

Pues oye, y ſabrás
Que no ſe apartan jamas
Entendimiento y amor.
Es amor una paſion
Del alma, tan firme en ella,
Que á duracion de una eſtrella
Se mide ſu duracion:
Un carácter ó impreſſion

Fija, que lleva la palma
Al tiempo; una dulce calma,
Que al alma ſuſpenſa tiene,
Tan alma ſuya, que viene
A ſer alma del alma.
Que como ſi uno ſe atreve
Fuego y nieve á mezclar, luego
Vendrá la nieve á ſer fuego,
O el fuego vendrá á ſer nieve,
Porque á la union ſe le debe
Tomar el hielo ó ardor;
Aſſ amor y alma en rigor,
Juntandoſe en una calma
O el amor ha de ſer alma,
O el alma ha de ſer amor.

Eſta diſſertação metaphyſica ſobre o amor continúa n'eſte goſto or muito tempo, alimentada por outro interlocutor, mas ſempre e um modo inintelligivel, ou pelo menos enfadonho.

Por ſer na meſma comedia, apontaremos aqui um exemplo da berdade que o dramaturgo tomava nas ſuas compoſições.

O interlocutor Octavio refere um conto, e logo em ſeguida re-ta um epigramma:

... un mal convidador
Que conozco en eſta vida,
El cual para una comida
Tres amigos convidó
De falſo, y cuando llegó
Del convite el aplazado
Dia, él muy deſcuidado,
Sin eſperarlos, comió.
Entraron cuando ya eſtaba
Al *ite, comida eſt*;
Y colerico deſpues,
A ſu deſpenſero hechaba
La culpa, con que no hallaba
Que comer.

... y uno, á quien llama
Segundo Apolo la fama,
A tal convite movido,
Antes muerto que nacido,
Hizo eſte breve epigrama:
«Tiene Fabio al parecer
«Deſpenſero á ſu medida,
«Que al que convida, ſe olvida
«De traerle que comer.
«Si en convidar, Fabio amigo,
«Gaſtas tan poco dinero,
«Preſtame tu deſpenſero,
«Y vente á comer conmigo.»

Não neceſſitamos de obſervar que tanto o conto, como o epigramma, ſão concebidos nos melhores termos, e por engraçados merecem indiſputaveis gabos.

Seria imperdoavel falta noſſa, não fazer notar que nas comedias de Calderon ſe encontram muitas *ſcenas verdadeiramente engraçadas*.

Apontaremos um exemplo, entre muitos que poderiamos adduzir.

Na comedia que examinámos——*La vida es ſueño*— ha uma ſcena admiravel n'eſte genero.

Na torre em que de novo encerraram Segiſmundo, ficára detido o creado Clarin; de ſorte que os ſoldados que foram acclamar rei aquelle principe, tomaram por eſte o criado, e aſſim deram occaſião a um chiſtoſo dialogo:

SOLDADO 1.º

Tu nueſtro principe eres;
Ni admitimos ni queremos
Sino al ſeñor natural,
Y no a principe eſtranjero.
A todos nos da los pies.

LOS SOLDADOS

¡Viva el gran principe nueſtro!

CLARIN (*Á parte*)

Vive Dios que va de véras.
¿Si es coſtumbre en eſte reino
Prender uno cada dia
Y hacerle principe, y luego
Volverle á la torre? Sí,
Pues cada dia lo veo:
Fuerza es hacer mi papel.

SOLDADOS

Danos tus plantas.

CLARIN

No puedo,
Porque las he meneſter
Para mí, y fuera defecto
Ser principe deſplantado.

Os ſoldados gritam—*Viva Segiſmundo!*—; o verdadeiro prin-
e acode a eſte nome; e Clarin fica tido por impoſtor:

SOLDADO 2.º (A CLARIN)

Pués cómo, atrevido y necio,
Tu te hacias Segiſmundo?

CLARIN

¿Yo Segiſmundo? Eſo niego.
Voſotros fuiſteis los quê

Me Segiſmundeaſteis: luego
Vueſtra ha ſido ſolamente
Necedad y atrevimiento.

Ha que notar aqui a ſingularidade do termo—*ſegiſmundeaſteis*—, que o poeta inventou, e que em todo o caſo era bem cabido, poſto na boca do gracioſo, para dizer: *Foſtes vós quem de mim fizeſtes Segiſmundo, ou me tomaſtes por Segiſmundo.*

Succedeu, porém, que Boiſſy, dramaturgo francez, compoz uma comedia com o titulo de—*La vie eſt un ſonge*—, conſervando até ás ſuas perſonagens os meſmos nomes da comedia de Calderon. Mas o que Boiſſy não entendeu, foi a força, o chiſte, a ſignificação do verbo inventado por Calderon; parecendo-lhe que era um diminutivo caſtelhano, equivalente a *Segiſmundinet*, irmão mais moço de Segiſmundo.

Duas breves palavras ácerca dos AUTOS SACRAMENTALES.

Foram propriamente compoſtos para abrilhantar a feſta do *Corpo de Deus.*

De manhã fazia-ſe a prociſſão, e de tarde eram repreſentados os *Autos* nas praças publicas, ao ar livre, e com grande apparato e magnificencia.

Os reis de Heſpanha não coſtumavam aſſiſtir a repreſentações theatraes publicas; mas, por excepção, aſſiſtiam á repreſentação dos *Autos*, debaixo de um docel e acompanhados de toda a côrte.

Nos *Autos*, eſſencialmente allegoricos, tudo era perſonificado... virtudes, vicios, affectos, idéas, flores, o todo do univerſo, e cada uma das ſuas partes. Calderon, do meſmo modo que os outros dramaturgos myſticos, dava largas á imaginação, e ora ſe tranſportava pelo penſamento a épocas anteriores á creação do mundo, ora devaſſava os arcanos do futuro. O proprio Calderon chamava aos *Autos* uma *proſopopeia continuada.*

O objecto dos *Autos* era exaltar os myſterios da religião catholica. Para realiſar eſte propoſito recorreu Calderon ás ſubtilezas

eſcolaſticas, tornando-as ſenſiveis por meio de repreſentações materiaes; e quando aquelles expedientes, e outros de mera imaginação, não pareciam ſufficientes para explicar taes miſterios, lá vinha o ſuprimento de diſcurſos infindos, de diſſertações diffuſas e interminaveis: excellentes remedios narcoticos para os noſſos tempos!

N'eſtas compoſições extravagantes entravam pela maior parte em ſcena entidades allegoricas, taes como a Fé, a Graça, a Culpa, a Penitencia, a Theologia, etc.; e eſta circumſtancia tornava ainda mais monotonos e enfadonhos os *Autos*. O proprio Calderon reconheceu eſte inconveniente, quando aſſim ſe exprimiu:

«Habrá quien haga faſtidioſo reparo de ver que en los más de eſtos autos eſtán introducidos unos miſmos perſonages, como ſon la Fé, la Gracia, la Culpa, la Naturaleza, el Judaiſmo, la Gentilidad, etc., á que ſe ſatiſface, (ó ſe procura ſatiſfacer) con que, ſiendo ſiempre uno miſmo el aſunto, es fuerza combinar el fin con unos miſmos medios, mayormente ſi entra en conſideracion, de que eſtos miſmos medios, tantas veces repetidos, ſiempre van á diferente fin en ſu argumento, con que, á mi corto juicio, más ſe debe dar eſtimacion, que culpa, á eſte reparo; que el mayor primor de la naturaleza es, que con unas miſmas facciones, haga tantos roſtros diferentes; con cuyo ejemplar, ya que no ſea primor, ſea diſculpa el haber hecho tantos diferentes autos con unos miſmos perſonages.»

No que toca á inſpiração religioſa que o animava na compoſição dos *Autos*, citaremos as palavras de uma perſonagem grave, proferidas no anno immediato ao do fallecimento de Calderon:

«Donde con publica admiracion de todos ſe excedió a ſi eſte eminente varon, fue en los Autos Sacramentales: la devocion de ſu eſpiritu le encendia el animo, y inflamado el diſcurſo en arrebatado buelo, bolava, como la Aguila de Ezechiel ſobre ſus compañeros, y ſobre ſy[1].»

---

[1] Fray Manuel de Guerra, y Ribera. *Aprobacion*, já citada.

Os *Autos* não eram divididos em *jornadas*, como as Comedias; em regra, conftavam de um fó acto, eram precedidos de uma *Loa*, que annunciava o titulo da obra, e terminavam tecendo louvores ao Santiffimo Sacramento, ao rei que eftava prefidindo á reprefentação, e á municipalidade que fazia a fefta.

Os *Autos* tiveram grande voga no tempo de Calderon; depois da morte d'efte continuaram ainda a fer reprefentados, mas com menos fervor, até que de todo acabaram em 1765, no reinado de Carlos III, por ter fido follicitada a prohibição de taes reprefentações pelo conde de Teba, arcebifpo de Toledo.

Os *Autos* não fão propriamente obras dramaticas; quando muito, offerecem aqui e acolá algumas bellezas poeticas, que aliás feriam mais apreciadas, fe aquellas compofições não foffem irregulares no plano, monotonas na moralidade, e indecentes pelas *chocarrices* dos *graciofos*.

Note-fe, que ainda os maiores admiradores de Calderon fe exprimem affim a refpeito dos feus *Autos*; ao paffo que o judiciofo Sifmondi (com a franqueza admiravel que o caracterifa) diz, em termos muito explicitos: «L'affemblage le plus bizarre d'êtres réels et allégoriques, de penfées et de fentiments, qui ne font point faits pour aller enfemble; tout ce que les Efpagnols eux-mêmes appelent *difparates*, d'un mot affez expreffif, fe trouve réuni dans ces drames.»

Fôra neceffario talvez entrar em mais largos defenvolvimentos ácerca da apreciação dos *Autos facramentaes* de Calderon; mas abftemo-nos de o fazer, por que reputamos fubftanciaes os breves topicos aprefentados; e por outro lado, confeffamos que um tal genero de compofições não nos prende muito a attenção.

Para não ficarem os leitores fem um exemplo de taes compofições, regiftaremos aqui o difcurfo que o *ouvido*, um dos cinco fentidos, profere a refpeito da *Eucharifia*, na *Loa* de um *Auto* de Calderon:

La fé que alli hay cuerpo y alma,
Y carne y fangre me ha dicho;

Y pues ſentido de fé
Es ſolamente el oido,
Crea el oido á la fé,
Y no á los demas ſentidos.
Que ſi la viſta, el olfato,
El tacto y el guſto, han viſto,
Tocado, olido y guſtado
Pan, es porque no han creido
Que ſolo los accidentes
Duran en aquel divino
Milagro de los milagros,
Prodigio de los prodigios.
No la ſubſtancia de pan,
Pues con poder infinito
Tranſubſtanció la ſubſtancia
Del pan en carne, y del vino
En ſangre, quien es la miſma
Verdad, que imperioſa dijo:
Eſte es mi cuerpo y mi ſangre,
Con alma y vida; y pues rindo
Mi afecto á cinco palabras,
En fé de ellas ſolicíto,
El tiro acertar; y aſſí,
Cerrados los ojos digo:
Que tranſubſtanciado el pan
De aquellas palabras cinco,
No es pan: carne y ſangre ſí:
Con que vereis que el oido
Deja, á peſar de los cuatro,
Su entendimiento cautivo.
etc.

EPILOGO

Se aqui e acolá, n'efte efcripto, ergueu a voz a critica auftera, é certo que na maioria das paginas foou um brado de admiração pelo afamado poeta que a Hefpanha vae feftejar.

Affim, a Calderon «cabe e vem-lhe muito ao jufto» o judiciofo conceito do velho Horacio:

> *... ubi plura nitent in carmine, non ego paucis*
> *Offendar maculis.*

Na humildade, pois, do noffo juizo affociamo-nos com toda a alma aos que proclamam grande o dramaturgo infigne, de elevado efpirito, de penetrante e fecundo engenho, de imaginação ardente, de coração brando e piedofo.

No que toca ao noffo trabalho, em fi mefmo, diremos que embora bufcaffemos apoio no parecer dos fabedores, não podémos vencer a difficuldade de profundar o conhecimento da litteratura eftrangeira. Já um penfador fez fentir, que não bafta conhecer uma

lingua; é neceſſario poſſuir o eſpirito de uma nação, o ſeu caracter, os ſeus habitos de ſociedade, as ſuas tradicções: o que ſó é dado a nacionaes.

Eſta conſideração deve inſpirar aos homens de lettras do reino viſinho uma generoſa indulgencia para comnoſco; levando-nos em conta o deſejo que tivemos de generaliſar, em Portugal, o conhecimento do grandioſo vulto do theatro heſpanhol, e dando algum valor ao enthuſiaſmo que nos animou n'eſta apoucada monographia.

FIM

INDICE

Prologo ..... 5 e 6
Biographia (Refumidas noticias) ..... 7 a 14
Juizos criticos:
De Schlegel ..... 16 a 26
De Sifmondi ..... 27 a 56
De alguns litteratos hefpanhoes ..... 59 a 71
Exame efpecial de algumas comedias de Calderon:
La vida es fueño ..... 74 a 103
El Alcalde de Zalamea ..... 105 a 137
Amar defpues de la muerte ..... 139 a 163
La devocion de la Cruz ..... 164 a 183
El mayor monftruo los celos ..... 185 a 198
El Principe Conftante ..... 199 a 212
Excerptos de differentes comedias, adduzidos para exemplificar alguns affertos ..... 12 e 13; 30 a 52
Indicação breviffima de algumas particularidades intereffantes, relativas á peffoa e efcriptos de Calderon ..... 213 a 235

Epilogo ..... 237 e 238

Indicação de alguns efcriptores citados n'efta monographia, além d'aquelles de que fão regiftados os juizos criticos:

G. Ticknor.

NB.—Nos primitivos apontamentos fo tinhamos conhecimento da obra original; mais tarde, porém, vimos a traducção em caftelhano, precio fo trabalho dos frs. Don Pafcual Gayangos, e D. Henrique de Vedia.

D. Juan de Vera Taffis y Villaroel.

Fray Manuel de Guerra y Ribera.

Tieck.

L. de Viel-Caftel.

Adolphe Puibufque.

Philarète Chafles.

etc.

lingua; é neceſſario poſſuir o eſpirito de uma nação, o ſeu caracter, os ſeus habitos de ſociedade, as ſuas tradicções: o que ſó é dado a nacionaes.

Eſta conſideração deve inſpirar aos homens de lettras do reino viſinho uma generoſa indulgencia para comnoſco; levando-nos em conta o deſejo que tivemos de generaliſar, em Portugal, o conhecimento do grandioſo vulto do theatro heſpanhol, e dando algum valor ao enthuſiaſmo que nos animou n'eſta apoucada monographia.

FIM

lingua; é neceſſario poſſuir o eſpirito de uma nação, o ſeu caracter, os ſeus habitos de ſociedade, as ſuas tradicções: o que ſó é dado a nacionaes.

Eſta conſideração deve inſpirar aos homens de lettras do reino viſinho uma generoſa indulgencia para comnoſco; levando-nos em conta o deſejo que tivemos de generaliſar, em Portugal, o conhecimento do grandioſo vulto do theatro heſpanhol, e dando algum valor ao enthuſiaſmo que nos animou n'eſta apoucada monographia.

FIM